

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PGLetras
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**OS MEMES COMO PRÁTICAS DE LINGUAGEM E DE CONSTRUÇÃO DE
SENTIDO(S) NA REDE SOCIAL *INSTAGRAM***

**São Luís
2023**

GENICLEIDY FERREIRA SERRA

OS MEMES COMO PRÁTICAS DE LINGUAGEM E DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO(S) NA REDE SOCIAL *INSTAGRAM*

Trabalho para Exame de Qualificação da Dissertação do Mestrado em Letras, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLetras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Prof^a Dr^a Veraluze da Silva Lima

**São Luís
2023**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

FERREIRA SERRA, GENICLEIDY.

OS MEMES COMO PRÁTICAS DE LINGUAGEM E DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA REDE SOCIAL INSTAGRAM / GENICLEIDY FERREIRA SERRA. - 2023.

113 f.

Orientador(a): VERALUCE DA SILVA LIMA.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS, 2023.

1. CONSTRUÇÃO DE SENTIDO. 2. FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA. 3. MEME. 4. PRÁTICA DISCURSIVA DIGITAL. 5. TEXTO. I. DA SILVA LIMA, VERALUCE. II. Título.

GENICLEIDY FERREIRA SERRA

OS MEMES COMO PRÁTICAS DE LINGUAGEM E DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO(S) NA REDE SOCIAL *INSTAGRAM*

Dissertação de Mestrado em Letras apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLEtras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Profª Drª Veraluce da Silva Lima

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Veraluce da Silva Lima
Orientadora/Presidente
Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Diana Barreto Costa
Examinador Externo
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Profª Drª Maria da Graça dos Santos Faria
Examinador Interno
Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Sônia Correa Pereira Mugschl
Examinador Suplente
Universidade Federal do Maranhão

*“Vigie seus pensamentos; eles se tornam palavras.
Vigie suas palavras; elas se tornam ações.
Vigie suas ações; elas se tornam hábitos.
Vigie seus hábitos; eles formam seu caráter.
Vigie seu caráter; ele se torna seu destino.”*
Frank Outlaw

A minha mãe, Teresa (*in memoriam*);
Ao meu pai, Serra;
E aos meus filhos, Hiago e Hulgo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido o dom da vida e a graça de ter entrado no Mestrado e agora concluí-lo. Sem Ti, Senhor, nada seria possível. Obrigada!

À minha mãe, Maria Santíssima, a quem em nenhum momento deixei de recorrer, sempre clamando a sua intercessão e proteção. Mãezinha do céu, obrigada por me acolher em teu colo sob teu manto sagrado!

Aos meus pais, pelo apoio e incentivo durante todo esse período. À minha mãe, que agora está no céu, mas que no início do processo teve muito medo por mim, pois a aprovação no mestrado trouxe uma reviravolta na minha vida, levando-me a mudar de cidade, tendo que deixar meus filhos morando com ela e meu pai. *Deu certo, viu. mãe! Eu consegui!* Obrigada pelas suas orações enquanto estive aqui conosco e obrigada por continuar orando por mim aí do céu! A você, também, pai, por sempre ter me incentivado a buscar o melhor, a voar mais longe. O senhor sempre foi e continua sendo meu exemplo. Muito obrigada!

Aos meus filhos Hiago e Hulgo, que, mesmo com pouca idade, foram muito compreensivos com minhas ausências, com os curtos momentos presenciais, com os almoços rápidos e os longos períodos sem sair de casa, durante o tempo em que estive envolvida com o Mestrado. *Amo vocês, filhos!*

A Ivan Filho, que foi meu companheiro durante esse processo, que muitas vezes acreditava mais em mim do que eu mesma, sempre com uma palavra de apoio e um abraço, nos momentos mais difíceis. Pacientemente, muitas vezes, dedicou atenção para me ouvir falar ou escutar a leitura de escritos sobre assuntos que não conhecia. Muito obrigada, você é especial!

Ao meu amigo Evaldo (Prof. Me. Evaldo Carlos de Oliveira Cardoso), culpado por eu me envolver neste BO. Obrigada, meu amigo, sem você esse momento ímpar na minha vida não teria acontecido. Essa é a realização de um sonho que eu jamais achei que conseguiria realizar. Mas, Deus sabe de todas as coisas! Te levou à escola em que eu trabalhava, nos encontramos no corredor e ali, sem grandes pretensões, você me convida para me escrever no mestrado, ainda acrescentou a frase mágica: “eu posso te ajudar com o projeto”. Na hora eu já disse sim, vou fazer, não tinha a mínima noção do que aconteceria, mas fui. E aqui estou eu, te dizendo muito obrigada, você ajudou a mudar a minha vida. Eu consegui e você faz parte dessa vitória! Que Deus continue te abençoando! *Tô te devendo essa, amigo!*

À minha orientadora Prof^a Dr^a Veraluce da Silva Lima que me recebeu de coração aberto e que pacientemente me orientou. Apresentou-me as maravilhas da Fenomenologia e trilhou ao meu lado por caminhos desconhecidos. Nenhuma palavra aqui escrita será o suficiente para expressar o tamanho da gratidão que tenho pela senhora. A sua sabedoria é impressionante e, certamente, o seu toque foi o que abrilhantou esse trabalho. Muito obrigada pela sua atenção, pelos muitos momentos de reflexão, pelos muitos sorrisos que, às vezes, refletia o nosso desespero de não saber como fazer, por ter aberto a sua casa, o seu sítio para me receber. Eu desejo que a sua vida continue sendo muito abençoada por Deus! Gratidão!

Às professoras Doutoradas Diana Barreto Costa e Maria da Graça dos Santos Faria, por compartilharem conhecimentos relevantes, os quais nos deram mais clareza e segurança, em relação ao fenômeno que estava sendo investigado por nós. Muito obrigada, professoras, que vocês continuem iluminando os trabalhos de muitos alunos, assim como fizeram comigo! Que Deus abençoe vocês!

Às minhas diretoras Roselena Silva e Silva e Maria José Maia, por serem tão compreensíveis com minhas ausências e entrega dos trabalhos fora do prazo. Muito obrigada, minhas queridas, que Deus abençoe ricamente a vida de vocês! *Tamo junto!*

Aos meus demais familiares, amigos e colegas que passaram um tempo com saudade de mim e contribuíram, direta ou indiretamente, com meu trabalho. A todos que oraram por mim, para que esse dia chegasse e pudéssemos comemorar essa vitória. *Deu certo, gente! Agora vamos comemorar!* Obrigada a cada um de vocês e que todas as bênçãos direcionadas a mim voltem em dobro!

Gratidão pela vida de todas essas pessoas e que as bênçãos que vou receber pela concretização desse sonho volte em dobro para vida de cada um de vocês!

RESUMO

Com o advento da internet, surgem novas formas de nos comunicar e novos espaços de interação, dentre eles, as redes sociais da *web*. Com o propósito de investigar como a interação se realiza nesses espaços digitais, esta pesquisa tem como título “Os memes como práticas de linguagem e de construção de sentido(s) na rede social *Instagram*”. A escolha do tema deste trabalho se justifica pelo uso frequente dos memes em ambiente digital e pela expansão desse uso nas redes sociais da *web*. Este trabalho tem como principal objetivo “Descrever os memes como uma prática de linguagem e como um artefato multissemiótico e construtor de sentido(s) na rede social *Instagram*”. Como arcabouço teórico, procuramos nos fundamentar no conceito de texto proposto pelos teóricos da Linguística Textual, como: Cavalcante (2017, 2019, 2021), Marcuschi (2008), Koch (2010, 2015, 2021), dentre outros teóricos dessa vertente. Também trabalhamos com Bakhtin (1995, 2011, 2017), buscando compreender os gêneros discursivos e sua relação com as mudanças ocorridas na sociedade. Subsidiar, ainda, esta pesquisa os estudos sobre a Linguagem da Internet, como os de Barton e Lee (2015), de Castells (1999), de Lévy (2010), de Paveau (2021), de Recuero (2007, 2011, 2020), dentre outros. A metodologia é de base qualitativa, na perspectiva Fenomenológica Hermenêutica, de Paul Ricoeur (1989, 1991a, 1991b). Para análise dos dados, nos baseamos na seguinte questão norteadora: De que modo os memes possibilitam a construção de sentido (s), na rede social *Instagram*, considerando a linguagem como prática discursiva? Como instrumento de coleta de dados, optamos pela construção de um *corpus* constituído por memes capturados da rede social *Instagram*. Desse *corpus*, selecionamos cinco Descrições e, seguindo o nosso trajeto metodológico, realizamos a análise de dados da seguinte forma: na *Análise Ideográfica*, explicitamos as Unidades de Significado e na *Análise Nomotética*, convergimos entre si essas Unidades de Significado e identificamos as categorias abertas. Encontramos duas categorias: *Construções Metafóricas* e *Construções Intertextuais*. Os dados apontaram como resultado o uso das metáforas conceptuais e das relações intertextuais por copresença e por derivação, no processo de construção de sentido(s) dos textos multimodais, no caso desta pesquisa, o meme. Os dados revelaram ainda a seguinte idiosincrasia: o elemento cultural, que também é relevante para a construção de sentido(s) do texto. Os resultados decorrentes da análise dos dados podem contribuir para ampliar os estudos sobre os textos multimodais e a construção de sentido(s) desses textos, considerando as novas características adquiridas pela língua/linguagem, com o surgimento da internet.

Palavras-chave: Texto. Prática discursiva digital. Meme. Construção de Sentido. Fenomenologia hermenêutica.

RESUMEN

Con la llegada de la internet surgen nuevas formas de comunicación y nuevos espacios de interacción, incluidas las redes sociales en la *web*. Con el propósito de indagar cómo que se produzca la interacción en estos espacios digitales, esta investigación lleva por título “Los memes como prácticas del lenguaje y construcción de significado(s) en la red social *Instagram*”. La elección de la temática de este trabajo se justifica por el uso frecuente de memes en el entorno digital y la expansión de este uso en las redes sociales en la *web*. El principal objetivo de este trabajo es “Describir los memes como una práctica del lenguaje y como un artefacto multisemiótico que construye significado(s) en la red social *Instagram*”. Como marco teórico buscamos basarnos en el concepto de texto propuesto por los teóricos de la Lingüística del Texto, tales como: Cavalcante (2017, 2019, 2021), Marcuschi (2008), Koch (2010, 2015, 2021), entre otros teóricos. de este aspecto. También trabajamos con Bakhtin (1995, 2011, 2017), buscando comprender los géneros discursivos y su relación con los cambios que ocurren en la sociedad. Justifican, aún, esta pesquisa los estudios sobre el Lenguaje de la Internet, como los de Barton e Lee (2015), de Castells (1999), de Lévy (2010), de Paveau (2021), de Recuero (2007, 2011, 2020), entre otros. La metodología es cualitativa y tiene la perspectiva Fenomenológica Hermenéutica, de Paul Ricoeur (1989, 1991a, 1991b). Para analizar los datos, nos basamos en la siguiente pregunta orientadora: ¿Cómo los memes posibilitan la construcción de significado(s) en la red social *Instagram*, considerando el lenguaje como una práctica discursiva? Como instrumento de recolección de datos se optó por construir un *corpus* constituido por memes capturados de la red social *Instagram*. De este corpus seleccionamos cinco Descripciones y, siguiendo nuestro camino metodológico, realizamos el análisis de los datos de la siguiente manera: en el *Análisis Ideográfico* explicitamos las Unidades de Significado y en el *Análisis Nomotético* convergemos estas Unidades de Significado entre sí e identificamos las categorías abiertas. Encontramos dos categorías: *Construcciones Metafóricas* y *Construcciones Intertextuales*. Los datos mostraron como resultado el uso de metáforas conceptuales y relaciones intertextuales por copresencia y por derivación, en el proceso de construcción de significado(s) de textos multimodales, en el caso de esta investigación, el meme. Los datos también revelaron la siguiente idiosincrasia: el elemento cultural, que también es relevante para la construcción de significado(s) del texto. Los resultados que surgen del análisis de datos pueden contribuir a ampliar los estudios sobre textos multimodales y la construcción de significado(s) de estos textos, considerando las nuevas características adquiridas por la lengua, con la aparición de la Internet.

Palabras clave: Texto. Práctica discursiva digital. Memes. Construcción de significado. Fenomenología hermenéutica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de inferências.....	29
Figura 2 - Quadro de operações das inferências.....	31
Figura 3 - Meme Bode Gaiato.....	32
Figura 4 - Texto multimodal.....	38
Figura 5 - Meme Nazaré Confusa (texto-fonte).....	44
Figura 6 - Meme Nazaré das Exatas.....	45
Figura 7 - Réplica interpretada por personagem da série Riverdale.....	47
Figura 8 - Meme <i>Math Lady</i> (na Rússia).....	48
Figura 9 - Meme <i>Math Lady</i> (nos EUA).....	49
Figura 10 - Meme produzido por Remix.....	51
Figura 11 - Meme produzido por <i>Mashup</i>	52
Figura 12 - Várias versões do meme <i>Nazaré Confusa</i>	56
Figura 13 - Meme sobre o ENEM.....	59
Figura 14 - Página de <i>login</i> do <i>Instagram</i>	62
Figura 15 - Página do perfil do <i>Instagram</i>	63
Figura 16 - Interface <i>Timeline</i>	64
Figura 17 - Figura Ilustrativa do elemento visual D2-1.....	93
Figura 18 - Figura Ilustrativa do elemento visual D4-1.....	94
Figura 19 - Figura Ilustrativa do elemento cultural da D3.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Convergência das Descrições e identificação das categorias abertas.....	88
Quadro 2 - Quadro Ilustrativo de Convergência das Descrições.....	89
Quadro 3 - Quadro Ilustrativo das Construções Metafóricas reveladas pelo elemento visual.....	91
Quadro 4 - Quadro Ilustrativo das Relações Intertextuais por Copresença.....	96
Quadro 5 - Quadro Ilustrativo das Relações Intertextuais por Derivação.....	97

LISTA DE DESCRIÇÕES

Texto-fonte: <i>Os dois caras no ônibus</i>	71
Descrição 1	73
Descrição 2	76
Descrição 3	78
Descrição 4	82
Descrição 5	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O TEXTO COMO UM ARTEFATO CULTURAL	20
2.1 Língua, cultura e texto.....	20
2.2 Texto e construção de sentido(s).....	27
2.3 Texto e ambiente digital.....	33
3 OS MEMES E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO(S) EM AMBIENTE DIGITAL	40
3.1 Meme: origem, conceitos, características e classificação.....	40
3.2 Os memes e os processos de criação no ambiente digital.....	49
3.3 Meme: um gênero discursivo ou um conjunto de práticas discursivas?.....	56
4 PERCURSO METODOLÓGICO	60
4.1 O <i>Instagram</i> como região de inquérito da pesquisa.....	61
4.2 A Fenomenologia Hermenêutica como Trajetória metodológica.....	65
4.3 Procedimentos metodológicos.....	69
5 OS MEMES COMO PRÁTICA DISCURSIVA DIGITAL: uma análise qualitativa	70
5.1 Tratamento dos dados.....	70
5.2 Análise Fenomenológico-Hermenêutica.....	72
5.2.1 Análise Ideográfica: Identificação das Unidades de Significado e Explicitação dos Memes/Descrições dos Sujeitos.....	72
5.2.2 Análise Nomotética: Identificação e Interpretação das Categorias Abertas.....	87
5.2.2.1 <i>Identificação das Categorias Abertas</i>	87
5.2.2.2 <i>Interpretação das Categorias Abertas</i>	89
6 CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS	105

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade profundamente marcada pela tecnologia digital, como decorrência do surgimento da Internet, que provocou uma verdadeira revolução na maneira de nos comunicarmos uns com os outros. Sendo assim, a comunicação, antes marcada por uma linguagem verbal e não verbal, assume um aspecto moderno, digitalizado, dinâmico, podendo apresentar sentidos variados, além da pressuposta interação e troca de informações. Segundo Martino, (2015, p. 190), “as tecnologias que permitem a conexão à internet em qualquer lugar derrubaram a barreira do espaço, e qualquer ponto se torna um espaço para a troca de informações”.

Com a presença das mídias no ambiente digital, o cenário comunicacional sofreu e continua a sofrer modificações. O acesso às informações foi reconfigurado, a dualidade entre o emissor e receptor foi alterada. E assim surge o ciberespaço, uma conexão entre computadores ligados em rede, que oferece tanto dinamicidade ao acesso a informações quanto uma comunicação mais rápida, aproximando usuários que se encontram fisicamente muito distantes. O ciberespaço é uma área que existe entre os computadores quando estão interligados, possibilitando a troca de dados entre os usuários (MARTINO, 2015).

Uma das características do ciberespaço é a sua estrutura aberta, que permite um crescimento indefinido, fluído, em que conexões são criadas e excluídas e dados são acrescentados e retirados, mantendo um movimento constante. É impossível as pessoas não estabelecerem conexões, ao adentrarem o ciberespaço. Situação equivalente acontece, ao encontrar um amigo na rua, no banco ou no supermercado, a conexão é inevitável. (MARTINO, 2015).

Em meio a tantas conexões em ambientes digitais, surgem as redes sociais da *web*, “entendidas como um tipo de relação entre seres humanos, pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes” (MARTINO, 2015, p. 55). Em outros termos, a rede social é uma junção de pessoas conectadas por motivos variados, que se relacionam entre si ou entre outras redes, de forma contínua.

Recuero (2020, p. 128-129) afirma que

As redes sociais na internet são percebidas como representações, onde as interações entre os indivíduos são apontadas como representativas também das conexões entre estes. [...] Essas conexões são constituídas principalmente de relações sociais, ou seja, de relações criadas através de

evento de fala e de troca de informações entre atores que terminam por construir laços sociais. Grosso modo, laço social [...] é o resultado de uma construção relacional e uma sedimentação de valores, como intimidade e confiança social.

Os laços criados nas conexões são caracterizados como forte e fraco e apresentam um poder de influência nas relações que pode ser em maior ou menor grau, além de serem uma importante via de circulação das informações nas redes. Para Wellman (1997, *apud* Recuero, 2020, p. 130), os laços fortes

[...] constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, ao passo que os fracos possuem trocas mais difusas. Além disso, os laços fracos são importantes porque conectam os grupos, constituídos de laços fortes, entre si.

Em virtude dessa conexão em rede, que potencializa as interações, por meio de laços fortes e fracos, fica muito mais rápido, mais simples, menos trabalhoso interagir com outras pessoas fisicamente distantes, propagar informações, divulgar ideias. Em resposta a essa necessidade surgem os memes,

[...] veículos de transmissão de ideias. [...] São transmitidos, primordialmente, entre indivíduos. No entanto, por conta da velocidade e alcance de sua disseminação, se tornam fenômenos culturais e sociais que ultrapassam a ligação entre as pessoas. Essa relação entre o nível micro do compartilhamento individual e o nível macro do alcance social tornam os memes particularmente importantes para se entender a cultura contemporânea. (MARTINO, 2015, p.178)

Isto porque o meme não só se tornou uma das novas formas de comunicação, como também é considerado uma das mais populares, devido a suas características de texto digital, dentre elas a circulação nas redes sociais, estrutura relativamente fixa, de fácil reconhecimento, com possibilidade de edição. (GUERRA; GIACOMINI BOTTA, 2018). Podemos afirmar que o meme, como uma prática de linguagem *on-line*, é visto por alguns autores¹

[...] como a nomeação de um modo recorrente de interrelação entre sujeitos, textos/enunciados e práticas sociais, ou seja, como um gênero discursivo. [...] Texto sucinto de cunho humorístico e de caráter verbo-visual que, mobilizando um remix cultural, ganha difusão *on-line*. (FERREIRA; VASCONCELOS, 2019, p.45).

Vemos assim que as tecnologias digitais contribuíram (e contribuem) para a produção de novos textos, assim como para uma nova forma de leitura (ROJO; MOURA, 2019), pois com mudanças significativas nas estruturas dos textos

¹ Dentre esses autores destacamos os seguintes: Passos (2012), Rojo e Barbosa (2015), Silva (2015) e Castro (2017).

veiculados em ambientes digitais, os usuários precisam desenvolver novas habilidades de decodificação e interpretação. Isto porque

As novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizaram e intensificaram novas possibilidades de textos/discursos – hipertexto, multimídia e, depois, hipermídia – que por seu turno, ampliaram a multisssemiose ou multimodalidade dos próprios textos/discursos, passando a requisitar novos (multi) letramentos. (ROJO; MOURA, 2019, p.26).

Novas tecnologias, ambientes digitais, novas formas de ler, de nos comunicar, interagir, divulgar ideias têm requisitado práticas de letramento diversas, uma vez que grande parte da internet é mediada por atividades letradas, pois o homem do século XXI, com a internet, não só consome, mas também produz conhecimentos, exigindo, assim, novos letramentos. O meme é considerado um produto desse processo pelo qual passa a sociedade atual.

Sob essa perspectiva, esta pesquisa nasceu do desejo de compreender o meme como uma nova forma de comunicação surgida nos ambientes digitais, mais especificamente, na rede social *Instagram*, o qual articula elementos verbais e visuais que muitas vezes desafia o internauta leitor. Como um texto multimodal, o meme revela que “as pessoas combinam recursos semióticos de novas maneiras e inventam novas relações entre linguagem e outros modos de construção de sentidos” (BARTON; LEE; 2015, p. 33). Nesse contexto, nossa pesquisa tem como objetivo geral “Descrever os memes como uma prática de linguagem e como um artefato multissemiótico e construtor de sentido(s) na rede social *Instagram*” e como objetivos específicos: 1) Identificar as características dos memes como uma prática de linguagem da rede social *Instagram*; 2) Descrever os processos de criação dos memes e sua caracterização como um artefato multissemiótico e cultural; 3) Analisar os memes como textos multimodais e construtores de sentido(s) na rede social *Instagram*. Optamos pelo *Instagram* como locus da pesquisa, devido a popularização dessa rede social, pois, por ser de fácil acesso e manuseio, constitui um espaço favorável para a interação dos seus usuários e a divulgação de diversos tipos de informações, por meio de textos, concedendo a essas atividades a velocidade que a internet proporciona.

Nesse aspecto, procuramos responder à questão que norteia este estudo: De que modo os memes possibilitam a construção de sentido (s), na rede social *Instagram*, considerando a linguagem como prática discursiva?

Para respondermos a esse questionamento, recorreremos aos fundamentos teóricos da Linguística Textual, uma vez que tomamos como objeto de análise o meme, como um conjunto de práticas discursivas e as relações de sentido estabelecidas por ele.

Partimos da concepção de texto como “um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos” (CAVALCANTE, 2021, p.19). Diante dessa concepção, entendemos que a comunicação humana acontece por causa da interação entre os sujeitos por meio dos textos como o lugar dessa interação, conforme afirma Koch, (2021, p. 44).

Na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente- nele se constroem e por ele construídos. (KOCH, 2021, p. 44).

Essa concepção interacional do texto está fundada nos pressupostos bakhtiniano: os usuários da língua elaboram seus enunciados concretos, a partir de sua interação com o contexto que se insere. Para Bakhtin, esses enunciados são tipos relativamente estáveis e são denominados de gêneros do discurso. Nesse sentido, compreendemos que a língua/linguagem faz parte de uma atividade interativa, na qual os sujeitos ativos devem considerar os conhecimentos acumulados a partir das experiências vividas, para (re) construir e compreender o(s) sentido (s) do texto realizados em um gênero do discurso.

Além da concepção de texto proposta pela Linguística Textual e o processo de interação e de construção de sentido do texto, utilizamos os pressupostos da Linguística da Internet, já que abordamos os memes como um texto multimodal resultante de um conjunto de práticas discursivas, que se propagam nas redes sociais da *web*, com foco no *Instagram*, nossa região de inquérito.

A metodologia escolhida para investigar o fenômeno é qualitativa, de base fenomenológica. De acordo com Gil (2008, p. 15), “a pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista”, fato que nos ampara, ao estudarmos o meme como um conjunto de práticas discursivas, fenômeno que tem presença efetiva no cotidiano da sociedade.

A pesquisa tem como princípio de coleta de dados a construção de um *corpus*, procedimento qualitativo que “garante a eficiência que se ganha na seleção de algum material para caracterizar o todo” (BAUER; AARTS, 2002, p.40). O *corpus* é composto por memes, capturados da rede social *Instagram*, formados pelo processo de remix, em relação ao texto-fonte: meme dos “dois caras do ônibus”, com o enunciado verbal “escolha o lado feliz da vida”. Os critérios que nortearam a constituição do corpus estão devidamente descritos no percurso metodológico. Para isso, procuramos considerar a referência a situações cotidianas, vividas pela sociedade contemporânea e a presença de enunciados em Língua Portuguesa.

O trabalho está constituído de 6 (seis) capítulos. O Primeiro Capítulo, a INTRODUÇÃO, apresenta as considerações gerais, sobre o fenômeno que está sendo investigado: o meme como uma prática discursiva surgida nos ambientes digitais. Também apresenta o objetivo geral e a questão norteadora da pesquisa, bem como a rede social *Instagram* como locus da pesquisa e espaço de interação e propagação da prática discursiva meme.

Em O TEXTO COMO UM ARTEFATO CULTURAL (Capítulo 2), apresentamos um breve histórico do texto que, com as transformações tecnológicas torna-se cada vez mais fluido e interativo. Apresentamos também, os conceitos de língua e cultura, destacando a relação que esses conceitos estabelecem entre si, tendo o texto como um evento discursivo.

No Capítulo 3, OS MEMES E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO(S) EM AMBIENTE DIGITAL, discorreremos sobre o meme e as novas perspectivas trazidas pela internet. Apresentamos os memes como um conjunto de práticas discursivas, destacando o seu surgimento e a sua utilização como atividade discursiva construtora de sentido(s) na rede social *Instagram*.

No Capítulo 4, PERCURSO METODOLÓGICO, evidenciamos a trajetória metodológica percorrida durante o desenvolvimento deste estudo, que adota a Fenomenologia hermenêutica, de Paul Ricoeur como metodologia de pesquisa. Apresentamos, também, a Rede Social *Instagram*, nossa região de inquérito e os procedimentos metodológicos que utilizamos para desvelamento de nosso objeto de pesquisa.

Já no Capítulo 5, OS MEMES COMO PRÁTICA DISCURSIVA DIGITAL: uma análise qualitativa, abordamos, com base no aporte teórico-metodológico já mencionado, o tratamento e a análise dos dados, bem como os resultados

construídos, a partir da rede de significados que construímos por meio da Análise Ideográfica e da Análise Nomotética, a fim de desvelar o fenômeno investigado.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS (Capítulo 6), resgatamos a questão norteadora do trabalho e mostramos o desvelamento do fenômeno investigado. Os resultados apontaram que os memes como um conjunto de práticas discursivas e de construção de sentido(s) na rede social *Instagram* se estabelecem a partir das metáforas conceituais e das relações intertextuais, sendo consideradas essenciais no processo de construção de sentido do texto multimodal. Os resultados também apontaram o elemento cultural como parte constitutiva da construção de sentido(s) em textos multimodais, revelado nesta pesquisa, como uma idiossincrasia.

Portanto, a relevância desta pesquisa reside num aprofundamento e amadurecimento dos estudos linguísticos em torno do texto multimodal, sob a confluência da teoria da Linguística Textual Contemporânea, à luz da Fenomenologia Hermenêutica, possibilitando o processo de construção de sentido(s).

Esta pesquisa, contribui com os estudos sobre o português brasileiro e os textos produzidos no espaço digital, conduzindo-nos à compreensão de que as redes sociais da Internet, como o *Instagram*, nosso local de investigação, constituem-se em ambientes de manifestação dos mais variados textos que podem ser analisados dentro do escopo da Linguística Textual e de um ramo da Linguística que ainda vive seu alvorecer, a Linguística da Internet.

2 O TEXTO COMO UM ARTEFATO CULTURAL

Com os avanços tecnológicos, a sociedade tem sofrido mudanças expressivas, sobretudo na comunicação, que adquiriu mais velocidade na sua propagação e dinamicidade na estrutura. Conversar agora é muito mais fácil e rápido e não precisa estar no mesmo espaço físico. Isto porque, na atual sociedade conectada, impera uma nova ordem de representações e de saberes “[...] A partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado (LEVY, 2010, p.17). Essa nova realidade em que se enquadra a sociedade contemporânea tem criado as condições para o surgimento de uma cultura digital, através de “novas possibilidades de interação, aprendizagens, com a criação de um mercado de trabalho, de formas de consumo de produtos e serviços a distância” (XAVIER, 2013, p. 50)

Neste Capítulo, abordamos o texto como um artefato cultural, procurando descrever, ainda que em linhas gerais, como o texto foi visto sob várias perspectivas dentro do processo histórico até a fase contemporânea. Com as virtualidades mutantes das tecnologias digitais, o texto está se tornando mais fluido e cada vez mais multimodal e interativo. Procuramos partir dos conceitos de língua e de cultura, destacando a relação que esses conceitos estabelecem entre si, tendo no texto uma prática de comunicação que permeia as ações cotidianas dos usuários da língua.

2.1 Língua, Cultura e Texto

Para uma clara compreensão sobre o texto como um artefato cultural, lançamos o nosso olhar, primeiramente, sobre os conceitos de língua e de cultura, considerando que o homem, como um ser social, faz uso da língua/linguagem para estabelecer as suas relações sociais, revelar a sua identidade e demonstrar a sua cultura. Essas ações acontecem de maneira natural, pois são intrínsecas ao ser humano.

Na literatura, a definição de língua se traduz em dois conceitos antagônicos: como um sistema homogêneo e imutável: Saussure (1970), Jakobson (1975), Bally (1965), Martinet (1979), Genouvrier e Peytard (s.d), Borba (2003), e como um sistema dinâmico, que evolui e se adequa às necessidades e propósitos comunicativos dos

sujeitos (MARCUSCHI, 1986; 1989; 2004; 2007), (CASTILHO, 2010; 2014), (KOCH, 2004; 2005; 2010). Neste trabalho, a língua está sendo compreendida na segunda perspectiva: um contínuo (re) fazer, fruto de uma interação dinâmica com o sujeito que usa e adequa essa língua pragmático e discursivamente ao evento comunicativo, materializado pelo texto que é remodelado pela cultura, (re) significado pela realidade e pelo contexto.

Coelho e Mesquita, (2013, p. 25-26) afirmam que

A língua envolve todas as ações e pensamentos humanos e possibilita ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel social na sociedade, relacionar-se com os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura, enfim, permite-lhe se constituir como ser social, político e ideológico.

A visão dos autores considera não apenas o aspecto sistemático da língua (sistema de signos), como também o seu contexto social, cognitivo e histórico, não a admitindo como um fenômeno abstrato e autônomo. Essa visão favorece, também, a heterogeneidade da língua, o que nos permite analisá-la em processo de funcionamento, através de textos e discursos. Isto porque a língua não é apenas um veículo de informação ou instrumento de reprodução, mas tem a importante função de fazer com que os seus usuários se entendam e se insiram em contextos sociohistóricos, fato que lhes permite, por meio da colaboração, desenvolverem as mais variadas ações na sociedade. Podemos, portanto, afirmar que a língua, como um conjunto de práticas sociais e cognitivas, historicamente situadas, “[...] recebe sua determinação a partir de um conjunto de fatores definidos pelas condições de produção discursiva que concorrem para a manifestação de sentidos com base em textos produzidos em situações interativas” (MARCUSCHI, 2008, p. 64).

Essa dinamicidade inerente à língua é também postulada por Bakhtin (1995), para quem “a língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (energia), que se materializa sob forma de atos individuais de fala” (BAKHTIN, 1995, p. 72). Fundamentada no ato de criação individual, ao mesmo tempo em que é um fato social, a língua se consolida em usos advindos das necessidades comunicativas de uma comunidade linguística.

A língua é o elo entre o homem e o mundo que o cerca. Ao conectar-se com esse mundo por meio da linguagem, o homem se vale da língua como um instrumento que concretiza essas conexões, não possuindo, portanto, existência isolada de uma cultura, uma vez que ela expressa o pensamento transformado pela cultura, pela

realidade (re)significada, a partir do contexto em que o homem se insere, por isso está em constante movimento. Podemos, assim, afirmar que “[...] há uma estreita relação entre toda construção cultural de uma comunidade e sua língua, desde os aspectos mais puramente gramaticais (como uma forma de concordância, por exemplo) até a construção dos sentidos das expressões mais complexas” (FERRAREZI JR.; BASSO, 2013, p. 73).

Língua e cultura estão intimamente interligadas: a língua se (re)constrói ao longo do tempo, como produto e veículo da cultura; a cultura é “a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (HALL, 1997, p.29). Nesse sentido, afirmamos que a cultura pode ser entendida como “um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas” (SAPIR, 1990, p. 165).

Coelho e Mesquita, (2013, p. 27) afirmam que

A cultura é um processo contínuo em que se acumulam conhecimentos e também práticas que resultam da interação social entre indivíduos. Esse processo é mediado pela língua, que permite que a cultura seja transmitida e difundida entre as gerações, daí compreendermos que a cultura de um povo constitui-se como um todo que é realizado por cada indivíduo, afinal, cada um é uma peça importante na construção cultural, uma vez que é portador, disseminador, mas também criador de cultura. O homem é, portanto, um ser cultural e é a cultura que o permite adaptar-se aos diferentes ambientes.

Podemos, portanto, afirmar que a cultura adapta o homem ao meio em que vive por meio da língua, um bem cultural o qual permite que sua cultura seja transmitida e difundida. Os conhecimentos acumulados pelo homem passam de geração a geração como resultado de sua ação sobre a realidade que o cerca, sendo, portanto, produtos culturais construídos pelo próprio homem, visto como “um ser de significados, ser histórico, precedido por tradições, portanto, sujeito às facticidades, sejam estas derivadas do mundo em que habita, sejam próprias à sua condição de humano” (ESPÓSITO, 1993, p. 27).

Ao ser interligado e ambientado ao meio social, o homem vai construindo traços fundamentais, a partir de suas ações cotidianas em meio à realidade cultural em que se insere. Esses traços fundamentais compõem sua identidade cultural que, segundo Hall (2011, p.8), é constituída por “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Podemos afirmar que, devido a esse processo, o homem

da pós-modernidade se compõe de múltiplas identidades culturais, as quais são formadas e transformadas “continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2011, p.13).

Enquanto um ser social integrado à sociedade, o homem está suscetível

[...] a mudanças de ponto de vista, a identificações e desidentificações, a contradições, enfim, ninguém consegue manter-se fiel a apenas um conjunto de ideias e princípios, haja vista conviver em um mundo marcado pela pluralidade, pela fragmentação e pela movência. (COELHO; MESQUITA, 2013, p.30-31)

Isto porque, ao conviver em um mundo marcado pela pluralidade, pela fragmentação e pela movência, esse homem se (re)constrói em uma sociedade formada por uma pluralidade cultural, com os valores culturais ganhando novos espaços de disseminação da cultura por meio da linguagem. Com o advento da internet, segundo Barton e Lee (2015), novas formas de interação e de atividades cotidianas têm sido transformadas em uma paisagem semiótica, com os sistemas ou códigos de significado dando sentido às nossas ações como práticas sociais, por meio de textos.

Situando o texto no contexto histórico e sociocultural, vamos encontrá-lo como objeto de estudo da Linguística Textual e, a partir de 1960, na Alemanha, passou a ser foco de estudos mais específicos. A origem do termo Linguística Textual, doravante LT, surgiu de Cosériu (1955), e o sentido atual vem dos estudos de Weinrich (1966-67), Adam (2008, 2018), Antunes (2010, 2012, 2017), Cavalcante (2011, 2012, 2017), Koch (1997, 2017), Marcuschi (2008, 2012).

De acordo com Koch (2018, p.12), dentro da LT, o texto é visto sob várias vertentes, a saber:

1) Texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical); 2) texto como signo complexo (concepção de base semiótica); 3) texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica); 4) texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática); 5) texto como discurso “congelado”, como produto acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva); 6) texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa); 7) texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitivista); e 8) texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional).

Essas concepções de texto embasaram e ainda fundamentam os estudos da LT. Ao longo dessa trajetória de estudos, três momentos foram considerados

relevantes em relação ao texto: a *Análise Transfrástica* (também denominada interfrástica), a *Construção de Gramáticas* e as *Teorias do Texto*.

O primeiro momento é o da *Análise Transfrástica*, da década de 1960 até meados de 1970. Nesse momento, o texto passa a ser definido como "sequência pronominal ininterrupta" (HARWEG, 1968, *apud* KOCH, 1997) ou "sequência coerente de enunciados" (ISENBERG, 1970, BELLERT, 1970, *apud* KOCH, 1997). Conforme Vieira (2019), os estudos linguísticos eram limitados à análise da frase e eram focados nos elementos morfológicos, sintáticos e fonológicos frasais, além de desconsiderarem os aspectos semânticos e contextuais envolvidos no processo de produção e circulação de um texto.

Entretanto, os estudiosos perceberam a necessidade de ultrapassar os limites da frase, para justificar (fundamentar) fenômenos como referenciação, seleção do artigo, concordância de tempos verbais, relação semântica entre frases não ligadas por conectivo, dentre vários outros fatos de ordem prosódica. Na tentativa de encontrar regras para o encadeamento de sentenças, o texto passa a ser analisado no nível interfrasal, ou transfrástico, sendo evidenciados estudos em relação à correferência, à conexão entre orações, à relação tópico/comentário, entre outras. Esses estudos tiveram a participação de estruturalistas e gerativistas, no entanto, foram estudos que não conseguiram dar continuidade à "teoria da frase ampliada ou corrigida". (Koch, 1997). Os teóricos desse momento, ao perceberem que os estudos até então realizados não eram suficientes para entenderem as relações entre frases, passam a vivenciar um segundo momento, a fase das gramáticas de texto.

Na fase da *Gramática de Texto*, na década de 1970, o objetivo era criar as gramáticas para "refletir sobre fenômenos não explicáveis por meio da gramática sentencial" (Koch, 1997, p. 68). Nessa fase, os estudos procuram abordar o texto não mais como uma simples sequência de enunciados, uma vez que sua produção e sua compreensão dependem de determinadas habilidades do usuário da língua, ou seja, todo falante tem a competência textual para criar e organizar de forma coerente e coesa os textos e essa competência também é linguística em sentido amplo, possibilitando ao falante parafrasear, resumir um texto, identificar sua completude ou incompletude, dar-lhe um título ou elaborar um texto com base em um título dado. (Koch, 2018). Nesse momento,

Abandonava-se, assim, o método ascendente - da frase para o texto. E, a partir da unidade hierarquicamente mais alta - o texto - pretende-se chegar, por meio da segmentação, às unidades menores, para, então, classificá-las.

Contudo, tem-se claro que a segmentação e a classificação só poderão ser realizadas, desde que não se perca a função textual dos elementos individuais, tendo em vista que o texto não pode ser definido simplesmente como uma sequência de cadeias significativas. [...] Dentro desta perspectiva, o texto, visto como a unidade linguística hierarquicamente mais elevada, constitui, portanto, uma entidade do sistema linguístico, cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas pelas regras de uma gramática textual. (KOCH, 2018, p.21-22)

O texto começa a ser visto como um produto pronto e acabado, bem formado, composto por um conjunto de categorias e regras sintáticas e semânticas, considerando os fatores da textualidade. Mesmo demonstrando avanços em relação ao conceito de texto, as *Gramáticas de Texto* não abrangem toda a complexidade presente nos textos, o que contribui para o surgimento de uma nova fase de estudo do texto sob outros pontos de vista, a partir de outras teorias – a fase das *teorias de texto*.

Na fase das *Teorias do Texto*, terceiro momento, a partir de meados de 1970, vivida até os tempos atuais, o texto deixa de ser visto como um produto pronto e acabado e passa a ser visto como um processo, com atividades comunicativas que envolvem planejamento, verbalização e construção, que está em constante reformulação, influenciado por vários fatores, dando destaque ao falante como produtor do texto. Conforme Heinemann *Apud Koch* (2018, p. 27),

A pesquisa em Linguística Textual ganha uma nova dimensão: já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas, sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta. [...] isto é, os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumentos de realização de interações comunicativas e sociais do falante.

No início dessa fase, foi adotada a perspectiva pragmática, que busca elos determinados por regras entre o texto e o contexto comunicativo – situacional, partindo inicialmente do texto (KOCH, 2018). A *teoria do texto* passa a ser vista como interdisciplinar, recebendo orientação, principalmente, da

[...] Psicologia da Linguagem – especialmente da Psicologia da Atividade de origem soviética, e da Filosofia da Linguagem, em particular da Filosofia da Linguagem Ordinária da Escola de Oxford, que desenvolveu a Teoria dos Atos de Fala. Caberia, então, à Linguística Textual a tarefa de provar que os pressupostos e o instrumental metodológico dessas teorias eram intransferíveis ao estudo dos textos e de sua produção/recepção, ou seja, que se poderia atribuir também aos textos a qualidade de formas de ação verbal (KOCH, 2018, p. 28).

Na década de 1980, a LT dá mais alguns passos em sua trajetória e acrescenta em seu portfólio teórico a perspectiva cognitiva. Desse modo, “o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais” (KOCH, 2018, p. 34). Esses processos mentais trazem expectativas para as situações comunicativas, ativando conhecimentos e experiências, tanto para a produção quanto para a interpretação/compreensão textual (KOCH, 2018).

A partir do ponto de vista cognitivista, a LT passa a considerar o leitor/ouvinte e o contexto como relevantes para a produção e compreensão do texto. Assim, no final da década de 1980, começa a ser estabelecida a perspectiva sociocognitivo-interacionista, abrindo espaço para uma nova visão de texto. Ou seja,

Uma visão que incorpore aspectos sociais, culturais e interacionais. A compreensão do processamento cognitivo, baseia-se no fato de que existem muitos processos cognitivos que acontecem na sociedade, e não exclusivamente nos indivíduos. Essa visão, efetivamente, tem-se mostrado necessária para explicar tanto fenômenos cognitivos quanto culturais. (KOCH, 2018, p. 41).

Dessa forma, o texto passa a ser comparado a um tecido composto por “uma unidade de significado, uma entidade de comunicação e um artefato sociohistórico” (MARCUSCHI, 2008, p. 72), abrangendo tanto o texto oral quanto o escrito, pois essas duas modalidades discursivas fazem parte do processo de interação. O texto, portanto, passa a ser considerado “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1997 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 72), tendo a linguagem inserida em contextos comunicativos.

O texto, como um evento comunicativo, se constrói a partir de “ [...] elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante. (CAVALCANTE, 2021, p. 20). Nessa concepção, o texto se torna dialógico, provocando no leitor/ouvinte “uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 271), ativando nele (leitor/ouvinte) estratégias, expectativas, conhecimentos linguísticos e não linguísticos.

Podemos, portanto, afirmar que, no momento da interação, é formada uma unidade de sentido em contexto, uma vez que

[...] o texto não é uma simples materialidade física e acabada de segmentos verbais [...] O acontecimento do texto comporta todo o contexto social (e histórico, portanto), necessário para que os participantes envolvidos na

interação recortem o que lhes parece relevante para negociar sentidos entre eles e se comunicar, até darem por encerrada aquela unidade de sentido em contexto (CAVALCANTE *ET AL*, 2022, p. 17).

A partir desse novo enfoque sociocognitivo-interacionista, as ações verbais passam a ser consideradas em contextos sociais, com objetivos sociais e funções distribuídas socialmente. O contexto passa a ser construído na interação entre ação comunicativa e sujeito, integrando-se, portanto, ao texto como “um lugar onde se constroem e reconstroem indefinidamente as significações, o árbitro das tensões entre sistematicidades e indeterminações do dizer e do mostrar, do dito e do implicado” (KOCH, 2005, p. 6).

Afirmamos, portanto, que o contexto se torna relevante no processo de interação e construção de sentido do texto. No subtópico a seguir, tratamos do texto como um evento comunicativo, cujos sentidos são construídos por meio de ações linguageiras estrategicamente pensadas.

2.2 Texto e Construção de Sentido(s)

O texto como um evento comunicativo possibilita aos interlocutores se construírem como sujeitos ativos (KOCH, 2015), ao atribuírem sentido ao evento comunicativo de que participam no momento da interação. Isto porque os sentidos de um texto dependem

[...] não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo, quer se trate de conhecimento de tipo episódico, quer de conhecimento mais geral e abstrato, representado na memória semântica ou enciclopédica. [...] E esse uso, em cada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes, o que permite, no momento da compreensão, reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou mesmo não desejados pelo produtor (KOCH, 2018, p. 38)

Podemos dizer, então, que o (s) sentido (s) do texto é/são construído (s) como o resultado do trabalho conjunto entre os produtores e receptores do texto, sendo necessário organizar conhecimentos, não apenas linguísticos, mas históricos e sociais (visão de mundo, repertório cultural), que, segundo Cavalcante (2021, p. 18), “nos informam e nos tornam aptos a agir nas diversas situações e eventos da vida cotidiana”.

A construção de sentido(s) do texto acontece no processo interativo, na relação interativa entre o texto e o sujeito e na sua situacionalidade e não apenas pelo significado das palavras. Isto porque, “o sentido não está no leitor, nem no texto, nem no autor, mas se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas” (MARCUSCHI, 2008, p. 242). Portanto, a compreensão textual deixa de ser apenas a decodificação de mensagem e passa a ser, segundo Koch (2015, p. 18),

Uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo.

Essa atividade interativa de produção de sentido (s) gera no leitor/ouvinte uma atitude responsiva ativa que o impede de ser passivo na ação comunicativa. Isto porque

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta e, nessa ou naquela forma, gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Para que haja a compreensão e produção de sentido de um texto, faz-se necessário, durante o processamento textual, recorrer a estratégias sociocognitivas, que é o acesso a diversos tipos de conhecimentos armazenados em nossa memória. Esses conhecimentos podem ser: conhecimento linguístico, enciclopédico ou de mundo e o interacional. O conhecimento linguístico se refere ao conhecimento que o leitor/ouvinte tem sobre o uso dos recursos da língua. O conhecimento enciclopédico ou de mundo pode ser adquirido de maneira formal ou informal e fica armazenado na memória por muito tempo ou de forma permanente. O conhecimento interacional é acessado sempre em uma situação de interação, por meio da linguagem, ao mobilizar ou ativar conhecimentos referentes às formas de interação (CAVALCANTE, 2021).

Sob o olhar sociocognitivo-interacional, entendemos que é preciso integrar esses sistemas de conhecimento para compreender um texto. É onde o contexto ganha destaque, pois é necessário um conjunto de informações para que o (s) sentido (s) do texto seja (m) construído (s) e o texto se torne coerente para o leitor/ouvinte, a partir do trabalho desse leitor/ouvinte sobre as possibilidades interpretativas do texto (MARCUSCHI, 2008). Assim, a coerência textual deixa de ser apenas o sentido construído a partir do encadeamento entre as partes do texto e se torna “uma condição do agir colaborativo entre os participantes do contrato comunicativo” (CAVALCANTE;

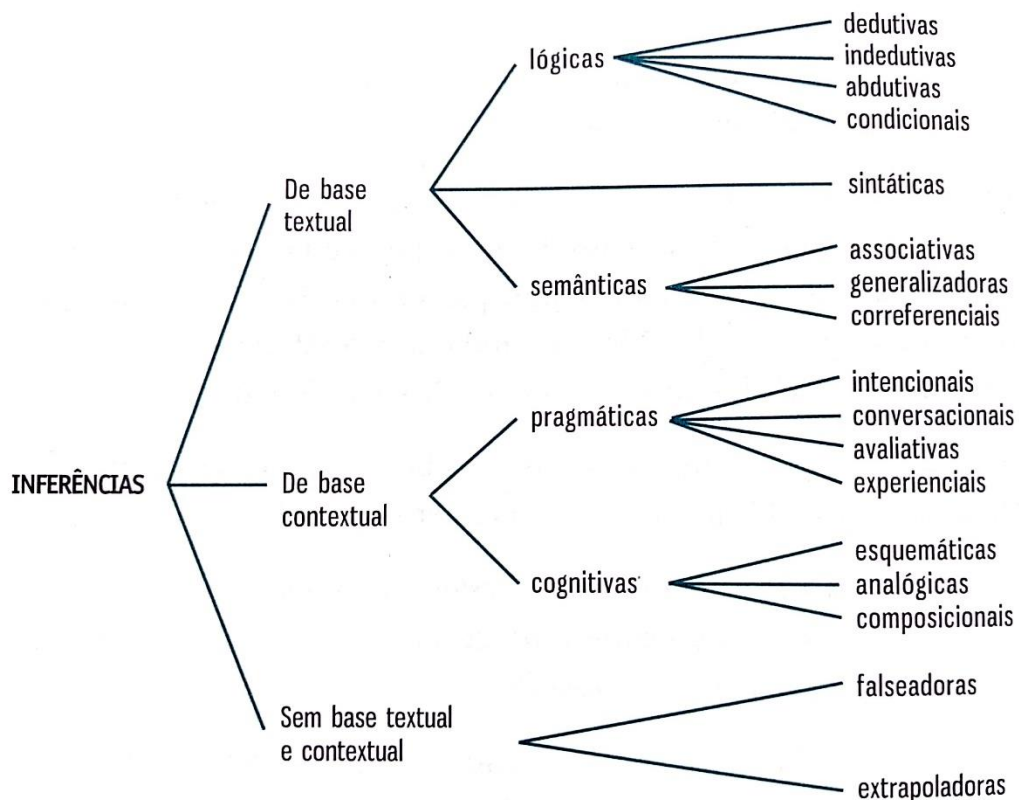
BRITO, 2022, p. 22), passando a abranger, além das unidades semânticas, as inferências necessárias para que o sentido do texto seja construído.

Convém destacar que as inferências

[...] envolvem processos cognitivos que relacionam diversos sistemas de conhecimento, como o linguístico, o enciclopédico e o interacional. Esses conhecimentos entram em ação no momento em que articulamos as informações que se encontram na superfície textual (o cotexto) com outras que se acham armazenadas em nossa memória, acumuladas ao longo de nossas diversas experiências. Essas inferências dependem, por sua vez, de um conjunto de fatores, como o grau de formalidade, o gênero textual, os conhecimentos dos interlocutores, a situação comunicativa específica em que se dá o texto etc. (CAVALCANTE, 2021, p.31)

Na compreensão de um texto, as inferências funcionam como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência. A Figura 1 demonstra que as inferências não são “adivinhações” feitas pelo leitor/ouvinte do texto de forma aleatória.

Figura 1 – Esquema de inferências



Fonte: Marcuschi, 2008, p. 254.

Por meio das inferências, boa parte do conteúdo de um texto pode ser antecipada ou inferida em função do contexto que, na verdade, contribui

decisivamente para a interpretação do texto e, com frequência, até mesmo para inferir a intenção do autor. Portanto, podemos afirmar que as inferências resultam na conclusão do processo de compreensão do texto e são decorrentes de uma operação cotextual/contextual e cognitiva, norteadas por regras (MARCUSCHI, 2008).

Para explicitar, com mais clareza, quais as ações que ocorrem dentro dos itens elencados no esquema de inferências, valemo-nos do que propõe Marcuschi (2008). O autor elaborou um quadro (Figura 2), no qual expõe os tipos de operações, a natureza da inferência e as condições de realização de cada uma, possibilitando o conhecimento das atividades envolvendo as inferências que conduzem à compreensão de um texto.

Figura 2 – Quadro de operações das inferências

Tipo de operação inferencial	Natureza da inferência	Condições de realização
1. dedução	lógica	Reunião de duas ou mais informações textuais que funcionam como premissas para chegar a outra informação logicamente. A conclusão será necessária se a operação for válida. Operação pouco comum em narrativas.
2. indução	lógica	Tomada de várias informações textuais para chegar a uma conclusão com valor de probabilidade de acordo com o grau de verdade das premissas.
3. particularização	lexical semântica pragmática	Tomada de um elemento geral de base lexical ou fundado em experiências e conhecimentos pessoais individualizando ou contextualizando num conteúdo particular com um lexema específico.
4. generalização	lexical pragmática	Saída de uma informação específica, por exemplo, um lexema, para chegar à afirmação de outra mais geral.
5. sintetização	lexical semântica pragmática	Condensação de várias informações tomando por base saliências lexicais sem que ocorra uma eliminação de elementos essenciais.
6. parafraseamento	lexical semântica	Alteração lexical para dizer a mesma informação sem alteração fundamental de conteúdo proposicional.
7. associação	lexical semântica pragmática	Afirmação de uma informação obtida através de saliências lexicais ou cognitivas por associação de idéias.
8. avaliação ilocutória	lexical semântica pragmática	Atividade de explicitação dos atos ilocutórios com expressões performativas que os representam. Funciona como montagem de um quadro para explicitação de intenções e avaliações mais globais.
9. reconstrução	cognitiva pragmática experiencial	Reordenação ou reformulação de elementos textuais com quadros total ou parcialmente novos. Diverge do acréscimo na medida que insere algo novo situado no velho. No caso das narrativas, opera como uma estratégia de mudar o discurso direto em indireto e vice-versa.
10. eliminação	cognitiva experiencial lexical	Exclusão pura e simples de informações ou dados relevantes e indispensáveis, impedindo até mesmo a compreensão dos dados que permanecem.
11. acréscimo	pragmática experiencial	Introdução de elementos que não estão implícitos nem são de base textual, sendo que muitas vezes podem levar até a contradições e falseamentos.
12. falseamento	cognitiva experiencial	Atividade de introduzir um elemento e afirmar uma proposição falsa que não condiz com as informações textuais ou não pode ser dali inferida.

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Marcuschi, 2008, p. 255.

As inferências contribuem para a construção da coerência como resultado, não apenas da decodificação dos elementos linguísticos de um texto, mas da soma de todos os fatores linguísticos, extralinguísticos e pragmáticos ligados à construção de sentido, considerando que durante a interação locutor-texto-interlocutor, os conhecimentos necessários são acionados e toda a ação se desenvolve em uma determinada situação comunicativa (CAVALCANTE, 2021).

Tomemos como exemplo o texto a seguir (Figura 3), um meme capturado do perfil do *Instagram* “Bode Gaiato”². O referido meme foi criado em 2013, como uma representação simbólica da cultura nordestina. Essa página passou a funcionar “como um ambiente específico do ciberespaço que midiatisa e representa a vida social e nordestina por intermédio da internet” (SOUSA; RODRIGUES, 2014, p.117)

Figura 3 – Meme Bode Gaiato



Fonte: <https://Instagram.com/bodegaiato?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

No texto, a coerência se estabelece pela soma dos elementos, não apenas linguístico-visuais, mas também extralinguísticos e pragmáticos. Os interagentes do perfil “Bode Gaiato”, ao se depararem com o meme (Figura 3), podem inferir uma superstição nordestina: a moça ou o rapaz solteiro que deixar alguém varrer seus pés

² O meme “Bode Gaiato” foi criado por um pernambucano de Caruaru, o estudante de engenharia elétrica Bruno Melo. Os conteúdos abordados nos memes revelam situações cotidianas apresentadas de forma bem-humorada por um bode, animal muito comum no Nordeste, fazendo referência à cultura e costumes do povo nordestino, sobretudo o pernambucano, de quem toma emprestado as expressões e formas de linguagem, (Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/bode-gaiato>).

jamais se casará. A imagem revela um bode cabisbaixo, que parece insatisfeito com sua situação de solteiro. Podemos inferir essa insatisfação na fala do próprio bode: *NUNCA IMAGINEI QUE AQUELA VARRIDA NOS PÉ SERIA TÃO PODEROSA*. O texto se torna coerente quando o leitor consegue reconhecer a superstição nordestina, expressa na lamentação do bode que, em algum momento da sua vida, permitiu que seu pé fosse varrido, o que contribuiu para não ter se casado com ninguém. E se esse leitor não pertencer a determinada cultura, ou a um grupo social específico em que o meme foi produzido, terá dificuldade para interpretar o seu sentido, uma vez que traços culturais estão embutidos em sua construção como um texto multimodal. Em vista disso, concordamos com Ferrarezzi (2008, p. 22), quando afirma que “os sentidos são sempre construídos em função do conjunto de informações culturais do falante e de sua comunidade”.

Afirmamos, portanto, que a coerência foi construída, a partir do cotexto e do contexto, na situação comunicativa possibilitada pela postagem do meme no perfil da rede social *Instagram*. Os interagentes, com base em seus conhecimentos sociocognitivos e interacionais e a materialidade linguístico-visual do meme, podem conferir sentido ao referido meme. No subtópico a seguir, abordamos o texto no ambiente digital, ressaltando o ciberespaço como parte integrante da sociedade.

2.3 Texto e ambiente digital

O advento da internet não apenas contribuiu para o surgimento de novos equipamentos e ferramentas digitais, mas também influenciou de forma direta e intensa, a maneira de nos relacionarmos, na sociedade contemporânea.

Para Lévy (2010, p. 32),

No final dos anos 80 e início dos anos 90, um novo movimento sociocultural originado pelos jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campi americanos tomou rapidamente uma dimensão mundial. [...] As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento.

Assim, algo tão simples como conversar com alguém passou a ter a mediação de dispositivos digitais que inovaram os ambientes interacionais, os quais fazem parte desse novo âmbito, o ciberespaço. Essas mudanças provocaram o surgimento desse

ambiente digital e *on-line*³, que exige “uma comunicação diferente das demais, que tem como características essenciais a velocidade (de envio e de propagação), a interatividade, a hipertextualidade e a multi/hipermidialidade” (GUERRA; GIACOMINI BOTTA, 2018, p. 1860), realizada por meio dos vários tipos de textos.

O ciberespaço proporcionou o surgimento de dois dispositivos informacionais, que caracterizam a estrutura da mensagem ou o modo como os elementos de informação se relacionam: o mundo virtual e a informação em fluxo (LÉVY, 2010). Esses dois dispositivos apresentam as seguintes características:

O *mundo virtual* dispõe as informações em um espaço contínuo – e não em uma rede – e o faz em função da posição do explorador ou de seu representante dentro deste mundo (princípio de imersão⁴). Neste sentido, um videogame já é um mundo virtual. A *informação em fluxo* designa dados em estado contínuo de modificação, dispersos entre memórias e canais interconectados que podem ser percorridos, filtrados e apresentados ao cibernauta de acordo com suas instruções graças a programas, sistemas de cartografia dinâmica de dados ou outras ferramentas de auxílio à navegação. (LÉVY, 2010, p. 65, grifo do autor).

Embora o *mundo virtual* disponha as informações em espaços contínuos, ele não deve ser considerado o oposto de *mundo real* (situações ou elementos que estão desconectados do mundo virtual), uma vez que ele existe em razão de ser uma possibilidade e ser visível no momento em que é acessado. Martino (2015, p. 31, grifo do autor) afirma que “a expressão *mundo virtual* pode se opor a *mundo físico*, mas não a *mundo real*.”

Desse modo, o ciberespaço é absorvido e passa a fazer parte do cotidiano das pessoas, tornando o computador, além de um instrumento de pesquisa ou de processamento de dados, “uma ferramenta social, caracterizada principalmente pelos usos conversacionais [...] fundamental para a compreensão da sociabilidade na contemporaneidade” (RECUERO, 2020, p. 21). Esse fato resulta em atividades corriqueiras realizadas pelo uso dos novos equipamentos, de forma digital, como é o caso das práticas de escrita na *web* que revelam a linguagem como uma prática

³ Entendemos o ambiente digital e *on-line* – o ciberespaço – como “espaço de interação criado no fluxo dos dados digitais em redes de computadores; virtual por não ser localizável no espaço, mas real em suas ações e efeitos” (MARTINO, 2015, p.11)

⁴ O mundo virtual apresenta duas características: a imersão e a navegação por proximidade. Os indivíduos ou grupos participantes são imersos no mundo virtual e seus atos (dentro desse mundo) podem gerar mudanças no mundo ou na sua própria imagem dentro do mundo. E a navegação por proximidade acontece quando o mundo virtual direciona os atos dos indivíduos ou dos grupos participantes. (LÉVY, 2010).

situada, mediada pelos textos. Assim, o ambiente digital se torna um espaço de escrita que abriga os mais variados textos.

Afirmamos, portanto, que o ciberespaço é criado a partir de contextos culturais, associados aos domínios das tecnologias digitais, seus códigos e espaços, formando assim a cibercultura. Enquanto o ciberespaço é construído a partir do processo de interação entre as pessoas mediado por tecnologias multimídia como computadores, celulares e outros dispositivos, a cibercultura “é um ‘ambiente eletrônico’ para o qual convergem as diversas mídias e os elementos produzidos por e através delas. (MARTINO, 2015, p. 50 – grifo do autor).

Esses conceitos corroboram as mudanças ocorridas na forma de nos comunicarmos, pois, com a internet, passamos a realizar uma comunicação com grande poder de conexão, ágil, que vai se unindo por meio da interação em pontos de comum interesse, compondo o ambiente digital, como *sites*, *blogs*, *e-mails*, *páginas*, *redes sociais*, entre outros espaços da *Web*. No caso das redes sociais da *web*, Martino (2015, p.55) afirma que

[...] podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada na flexibilidade de sua estrutura e pela sua dinâmica entre seus participantes. [...] são definidas por seu caráter horizontal desprovido de uma hierarquia rígida. [...] os laços tendem a ser menos rígidos. Em geral, são formados a partir de interesses, temas e valores compartilhados, mas sem a força das instituições e com uma dinâmica de interação específica.

A dinâmica apresentada como característica da rede social da *web* se refere ao movimento que existe na rede: a entrada e saída de pessoas, os tipos de conexões que acontecem, ou mesmo a quantidade dessas conexões. Já a flexibilidade está relacionada aos vínculos estabelecidos entre os usuários das redes, que podem ser constituídos e logo em seguida destituídos, podem ser constantes, mas é muito simples e rápido de desfazer.

O caráter relacional de uma rede social da *web*, que é a relação entre os atores dessa rede, que formam nós, exprime o seu estado de funcionamento que, segundo Martino (2015, p. 57, grifo do autor),

[...] trata-se não de uma relação apenas entre indivíduos, mas de uma relação entre *relações*, isto é, uma perspectiva mútua e recíproca sobre a maneira como as pessoas interagem. Em outras palavras, não interessa apenas como dois indivíduos se relacionam, mas também a maneira como essa interação interfere, mas outras – daí a perspectiva de uma *relação* entre *relações*.

Essa relação entre relações se estabelece por meio de textos, considerando a interação estabelecida entre língua/linguagem e tecnologia. Com os novos⁵ espaços para a comunicação e novas formas de interação adquiridas por meio do ambiente digital, temos também novos tipos de textos para efetivar as ações comunicativas, o hipertexto que, segundo Lévy (2010, p.33),

[...] é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

Portanto, o hipertexto aponta para a um novo processo de escrita e leitura, não linear, permitindo ao usuário da internet acesso ilimitado a outros textos instantaneamente, através de links, que vão contribuindo para a construção de sentido, uma vez que, segundo Roncarati (2010, p. 18),

As opções de leitura pela mídia eletrônica estão criando novas práticas, exigindo-nos crescente capacidade de integrar as informações de modo não linear. Nas redes sociais conectadas pelas tecnologias digitais acopladas cada vez mais à internet, à tecnologia e à televisão, em que os conteúdos nos chegam *on line*, em tempo síncrono, pressionando-nos a nos manter antenados com eventos e notícias de última hora, estamos remodelando a figura do leitor e os modos de processamento da leitura.

Essa remodelação do leitor e dos modos de processamento da leitura decorre de a leitura, no ambiente digital, ter se tornado descentralizada, participativa e livre. O leitor pode interagir com o texto no suporte digital – o hipertexto –, postando comentários, fotos e vídeos, fazendo anotações pessoais. Isto porque o hipertexto apresenta características específicas como:

1. não linearidade (geralmente considerada a característica central);
2. volatilidade, devida a própria natureza (virtual) do suporte;
3. espacialidade topográfica, por se tratar de um espaço de escritura/leitura sem limites definidos, não hierárquico, nem tópico;
4. fragmentariedade, visto que não possui um centro regulador imanente;
5. multissensuosa, por viabilizar a absorção de diferentes aportes sócio e sensoriais numa mesma superfície de leitura (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais);
6. interatividade, devido a relação contínua do leitor com múltiplos autores praticamente em superposição em tempo real;
7. iteratividade, em decorrência da sua natureza intrinsecamente polifônica e intertextual;

⁵ A palavra novo aqui é utilizada se referindo aos novos acontecimentos ocorridos no período em que surgiram e ganharam destaque as inovações tecnológicas.

8. descentração, em virtude de um deslocamento indefinido de tópicos, embora não se trate, é claro, de um agregado aleatório de fragmentos textuais. (KOCH, 2015, p.76).

No ambiente digital, o hipertexto se constitui uma forma peculiar de apresentação de textos interligados os quais estão sempre em movimento. Como uma prática de linguagem *on-line*, o hipertexto é dotado de aspectos dinâmico, interativo e não linear, podendo apresentar em sua estrutura som, imagens, movimentos, linguagem escrita, animação, dentre outros recursos, caracterizando uma leitura não linear, interativa e intertextual. (MEYER, 2020) e possibilitando ao leitor/escritor o acesso de qualquer lugar e a construção de sentido.

Podemos, portanto, afirmar que o hipertexto é texto múltiplo que possibilita o acesso a outros textos por meio de *links*, devido sua natureza intertextual. Nesse sentido, o leitor

[...] somente poderá partir para novas ligações previstas pelo autor, indicadas pelos *links* por ele criados para acessar os nós assim interconectados. O hipertexto [...] constitui um evento textual-interativo, embora com características próprias. Uma delas é não haver limitação do interlocutor, que pode ser qualquer um desde que conectado à rede, já que o hipertexto não constitui um texto realizado concretamente, mas apenas uma virtualidade (KOCH, 2015, p. 86).

Vemos assim que os *links* são elementos que funcionam como operadores da continuidade de sentidos (KOCH, 2015), permitindo que o hipertexto seja compreendido.

Ressaltamos que, no ambiente digital, as interações comunicativas possuem o caráter tanto hipertextual quanto multimodal, pois os interagentes mobilizam recursos diversos na construção de sentido dos textos digitais, como elementos verbais misturados com elementos visuais, revelando os textos multimodais, como o exemplificado na Figura 4.

Figura 4 – Texto multimodal



Fonte: <https://Instagram.com/menteempreendedora?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Esse texto é considerado multimodal por recorrer “a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 108), isto é, um texto composto de materialidades verbo-visuais, que revelam não é apenas a junção da linguagem visual com a linguagem verbal, mas também o encadeamento de cada elemento que converge para a construção do sentido do texto, com

[...] as palavras, espaçamento de parágrafos e linhas, títulos, cores, caixa alta, enfim, elementos por vezes tomados como invisíveis ou transparente, na verdade não o são. Podemos ter imagem com sentido estrito, mas também o verbal como imagem, ou seja, diagramação, paragrafação, fundo colorido, leiaute, não são mera organização, produzem sentido. [...] O arranjo visual produz efeitos sobre a construção de sentido pelo usuário” (MEDEIROS, 2014, p. 591-592).

Dessa forma, apreendemos que o ambiente digital disponibiliza espaços vastos e ecléticos que possibilitam diversas formas enunciativas com inúmeros

aspectos multimodais, que “se fundem para criar os mais originais efeitos nos discursos com aliados como diferentes fontes, vídeos, imagens e *layouts* a serviço das interações sociocomunicativas” (CANI, 2019, p. 247).

3 OS MEMES E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO(S) EM AMBIENTE DIGITAL

Com a chegada da internet, vivemos em uma sociedade profundamente marcada pela tecnologia digital, na qual os valores culturais ganham um novo espaço para sua disseminação, a língua sofre várias mudanças em um espaço de tempo muito menor e que provocou uma verdadeira revolução na maneira de nos comunicarmos uns com os outros. Sendo assim, a comunicação, antes marcada, predominantemente, por uma linguagem verbal, quer oral, quer escrita, assume características peculiares, apresentando vários elementos visuais, com *layouts* modernos, digitalizados, textos que combinam imagens e palavras, alterando, assim, a lógica de nossas práticas comunicativas.

Neste Capítulo, apresentamos uma discussão sobre o meme e suas características, destacando sua origem, suas técnicas de produção e o ambiente em que tem se manifestado como uma prática discursiva.

3.1 Meme: origem, conceitos, características e classificação

Com a internet, o mundo está cada vez mais mediado pelo texto, sendo a *web* a parte essencial dessa mediação textual. Os usuários da internet combinam recursos semióticos de novas maneiras e inventam novas relações linguísticas e outros modos de construção de sentidos por meio de textos multimodais.

De acordo com Silva, Souza e Cipriano (2015, p.136),

Os textos multimodais consistem em textos materializados a partir de elementos advindos dos diversos registros da linguagem (verbal e visual). Quando essa junção acontece, dizemos que o texto é multimodal. Ou seja, ele traz consigo tanto signos alfabéticos (letras, sílabas, palavras e frases), quanto elementos imagéticos e visuais, tais como: cores, formas, formatos etc.

Podemos, portanto, afirmar que os textos multimodais têm possibilitado o surgimento de novas formas e maneiras de ler e de escrever. Em sua tessitura, entram elementos provenientes dos mais diferenciados registros da linguagem, o que contribui para materializar esses textos mediante múltiplas e diversificadas semioses, como é o caso do texto multimodal meme que, no mundo contemporâneo, tem sido amplamente compartilhado nas redes sociais da *web*. Esse texto multimodal é composto de “enunciados com materialidades verbais, visuais, verbo-visuais, os quais

veiculam humor e ressignificam imagens, acontecimentos, estereótipos e frases” (LARA; MENDONÇA, 2020, p. 189).

O termo “meme” foi cunhado por Richard Dawkins, em 1976, no livro *Gene Egoísta*, para se referir ao processo de transmissão cultural feito através de replicadores, comparando a evolução cultural com a evolução genética. Esse conceito está vinculado à Memética que, segundo Leal-Toledo (2017, p. 13), “é a ciência que estuda como os memes se propagam”. Não adentramos, profundamente, a seara da Memética, uma vez que o foco da nossa pesquisa é o meme da internet. Contudo, para chegarmos à denominação de “meme da internet” e seus conceitos, consideramos importante apresentarmos uma breve descrição do caminho percorrido pelo meme, dentro da Memética.

A trajetória inicia com Dawkins (1976), que alcunhou o termo meme, entendido como gene da cultura e o caracterizou em três propriedades: a fidelidade, a fecundidade e a longevidade. Essas propriedades estavam relacionadas a como as ideias transmitidas por meio dos memes variavam e se replicavam. Em seguimento, temos a presença de Daniel C. Dennett (1991), que consolidou o conceito de meme, defendendo a ideia de que os recursos da mente são disputados, de forma acirrada, entre os memes. Ele assumiu a Memética como um modelo teórico e agregou os seus problemas à filosofia da mente. Mais tarde, aparece a Susan Blackmore (1999), que afirma ser a mente o suporte para hospedar os memes, assim como o espaço para a sua difusão. A autora vê a Memética como uma perspectiva que se orienta pelo meme.

Concluindo nossa breve descrição sobre o caminho percorrido pelo meme, dentro da Memética, temos Shifman (2014), autora que desenvolveu a Memética em três correntes e atribuiu um conceito de meme, conforme cada uma. A primeira delas é a Memética orientada por um viés mentalista, no qual o meme pode assumir vários veículos. A segunda é a Memética orientada por um viés comportamentalista, em que os memes são compreendidos como ações, comportamentos e artefatos, dependendo, portanto, do meio para existir. A terceira é a Memética inclusiva, que admite o meme como uma informação copiada por meio da imitação.

Mesmo tendo sua origem na Memética, na atualidade, o meme já se propagou para as redes sociais da *web*, o que tem contribuído para alargar os conceitos, como o surgido entre os usuários da internet que têm empregado esse termo para denominar as informações compartilhadas por eles, no ambiente digital (CHAGAS, 2021).

Entendemos que o meme é uma replicação cultural que vai de pessoa para pessoa, similar ao gene. Porém o meme que se usa atualmente se difere do meme conceituado por Dawkins, em 1976. De acordo com Knobel e Lankshear (2007 apud Lima-Neto, 2020), o meme de Dawkins, conceituado como replicador cultural, responsável pela transmissão da cultura de um determinado grupo social é considerado como meme clássico. E como exemplo desses memes temos roupas, estilos arquitetônicos, músicas, comportamentos, modos de fazer as coisa etc. O meme atual é chamado de meme da internet, produzido com elementos verbais, verbo-imagéticos ou só imagéticos, disseminados em ambiente virtual, alcançando muitas visualizações e compartilhamentos feitos por usuários da internet.

Recuero (2007, p. 27) afirma que “o meme é o gene da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas”. Essa visão é ratificada por Leal-Toledo (2017, p. 108), para quem os memes

[...] são unidades de cultura transmitidas de pessoa a pessoa através da imitação ou de outras formas de aprendizagem cultural, desse modo, a transmissão dos memes seria semelhante o suficiente à transmissão de genes, para utilizar os mesmos modelos.

Outro teórico que apresenta um conceito sobre o meme é Martino (2015, p. 179), para quem os memes são “veículos de transmissão de ideias”. Nesse sentido, para apreender os sentidos do meme, é necessário entender o contexto em que essa prática de linguagem ocorre. Isto porque os memes

[...] só funcionam dentro de contextos específicos, por mais que apareçam abrangentes – ao serem replicados e transformados, os memes igualmente passam a carregar em si as características do ambiente cultural no qual ocorreu esse processo. (SHIFMAN, 2014 apud MARTINO, 2015, p. 179).

Nesse sentido, como um artefato cultural, o meme é resultante de um remix cultural, potencializado, na atualidade, pelas práticas de linguagem desenvolvidas nas redes sociais da *web* e,

[...] conforme o uso e os propósitos comunicacionais nas redes sociais, é um tipo de texto que se pode criar uma montagem, um amálgama de linguagens e semioses, que possui um conteúdo temático, um plano composicional. Nessa esteira de pensamento, pode-se ainda pensar que todo Meme de internet é um meme nos termos de Richard Dawkins, ou seja, é uma forma replicante de transmissão cultural [...] (SANTOS, 2018, p. 74).

No caso da comunicação mediada pelo computador, temos verificado que os memes integram o cotidiano dos interagentes do ambiente digital, sendo esses tipos de textos utilizados como ferramenta de propagação de ideias, (FERREIRA;

VASCONCELOS, 2019), por meio de práticas discursivas que resultam da modificação do discurso, constituídos a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos. (PAVEAU, 2021).

Convém destacar que, nas redes sociais da *web*, em especial no *Instagram*, o termo “meme” tem sido utilizado para designar diferentes textos verbo-visuais, cujos conteúdos ganham repercussão, muitas vezes inesperadas. Assim, praticamente tudo o que é replicado na internet pode ser considerado meme.

Lima-Neto (2014, p. 113) afirma que

Os memes devem ser entendidos como elementos caracterizadores da história de uma cultura que são repassados adiante de pessoa para pessoa por imitação. Todo e qualquer elemento que seja desenvolvido para atingir um determinado propósito de um humano (ou de um grupo) pode rapidamente, se for eficaz, ser copiado por outros, chegando a infectar toda uma população ou espécie. Neste caso, um costume, uma palavra, as músicas, os hábitos, os estilos de roupa, as invenções, as expressões etc. são memes diferentes.

Como uma prática discursiva, os memes se transformaram num padrão informacional, devido ao seu alto poder de replicação, o que os tornou, também, elementos caracterizadores da história de uma cultura, apresentados em forma de textos escritos, imagéticos ou verbo-imagéticos. (LIMA-NETO, 2020).

Tomemos como exemplo o meme⁶ a seguir (Figura 5).

⁶Em junho de 2004, a Globo estreava no horário das nove a novela “Senhora do Destino”, escrita por Aguinaldo Silva e dirigida por Wolf Maya. A trama narra a história de Maria do Carmo Ferreira da Silva (Susana Vieira), uma retirante nordestina que, ao chegar ao Rio de Janeiro, tem sua filha recém-nascida sequestrada por uma prostituta que visa dar um golpe em um homem rico e ascender de vida, a vilã Nazaré Tedesco (Renata Sorrah). A Nazaré se tornou uma das principais vilãs da teledramaturgia brasileira e suas cenas nunca deixaram de repercutir, como uma cena específica que acabou se tornando conhecida mundialmente através de um meme: o momento em que Nazaré é levada presa. Em determinado momento, dentro de sua cela, Nazaré observa, atordoada, o local e as pessoas ao seu redor e recorda um diálogo seu com outra personagem, a Viviane, vivida por Letícia Spiller. O close em seu semblante confuso se tornou um gif em meados de 2016 e passou a ser compartilhado por diversos internautas, que se apropriaram da cena para criar outros memes, que se popularizaram definitivamente entre setembro e outubro de 2016. (<https://museudememes.com.br/collection/nazare-confusa>).

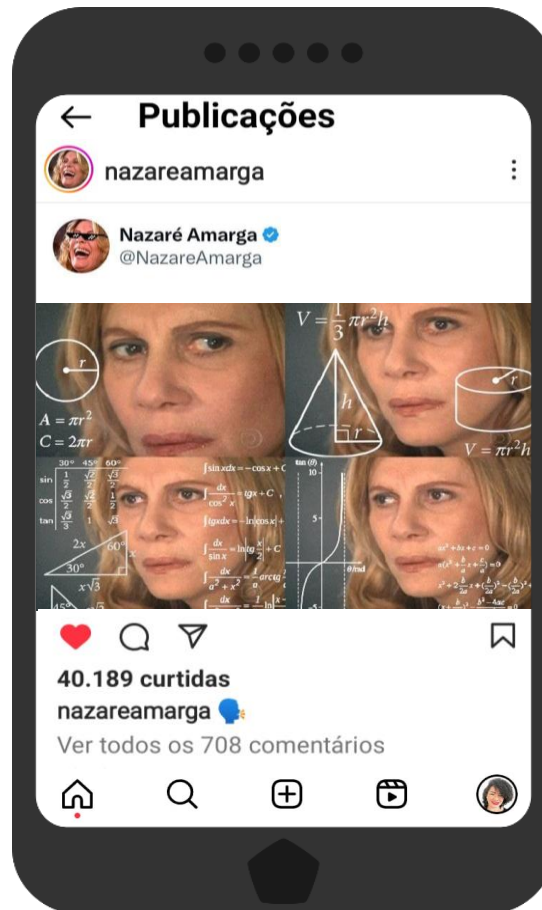
Figura 5 – Meme Nazaré Confusa (texto-fonte)



Fonte: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/cena-de-senhora-do-destino-que-deu-origem-ao-meme-e-nazare-confusa-exibida-no-vale-pena-ver-de-novo-22065119.html>

A figura 5 representa o retrato da cena da novela que origina o meme da *Nazaré Confusa* e todas as suas variações. Esse meme foi criado em 2016 e está sendo considerado o texto-fonte. Ele apresenta a personagem Nazaré Tedesco, da novela *Senhora do Destino*, interpretada pela atriz Renata Sorrah, representada com um olhar perdido, atordoada, como se tentasse entender algo. Nas redes sociais da *web*, esse meme é usado quando alguém está confuso com alguma situação ou informação ou não conseguiu compreender algo imediatamente e precisou parar para pensar. Ele ficou consagrado por meio de uma montagem (Figura 6), que mostra quatro imagens da cena da novela *Senhora do Destino*, contendo uma equação matemática ao lado de cada imagem da personagem Nazaré, como se ela estivesse tentando decifrar o problema.

Figura 6 – Meme Nazaré das Exatas



Fonte: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/cena-de-senhora-do-destino-que-deu-origem-ao-meme-nazare-confusa-exibida-no-vale-pena-ver-de-novo-22065119.html>

Outro conceito dado ao meme que destacamos é o apresentado por Ferreira e Vasconcelos (2019, p.45), para quem “o meme é um texto sucinto de cunho humorístico e de caráter verbo-visual que, mobilizando um remix cultural, ganha difusão *on-line*”, como uma prática de discursiva digital. Este é o conceito que está fundamentando este trabalho.

Feitas estas considerações sobre os conceitos de meme, descrevemos as características que, segundo Dawkins (2001, *apud* Recuero, 2007), são consideradas como essenciais para a sobrevivência desse tipo de texto: *longevidade, fecundidade e fidelidade das cópias*. A longevidade se refere à competência do meme em sobreviver por um longo tempo. A fecundidade, à possibilidade de produzir cópias e a fidelidade está relacionada à produção de cópias com maior índice de semelhança ao meme original.

Recuero (2007), além dessas características, acrescenta o *alcance* do meme no ambiente digital. Essa característica se reporta à proximidade ou ao distanciamento

entre os usuários das redes sociais que fazem uso de memes, para estabelecerem interação entre si.

Além de agregar uma característica ao meme, Recuero (2007) cria uma classificação baseada nos aspectos atribuídos por Dawkins (2001), em relação à fidelidade da cópia, categorizando os memes da seguinte forma:

Replicadores [...] apresentam como característica básica a reduzida variação, com uma alta fidelidade à cópia original. [...] são muito populares. *Metamórficos* são totalmente alterados e reinterpretados enquanto passados adiante. [...] são mais dificilmente rastreados, devido a sua capacidade de transformação e a pouca retenção de suas características originais. *Miméticos* [...] apesar de sofrerem mutações e recombinações, sua estrutura permanece a mesma e são facilmente referenciáveis como imitações. (RECUERO, 2007, p. 24-25).

Essa fidelidade faz referência à identificação do padrão do meme, devido à manutenção das características do meme original. A Figura 5 representa a versão mais popular do meme *Nazaré Confusa*, também conhecido como *Nazaré das Exatas*. Esse meme demonstra, na prática, a classificação de Recuero (2007), sendo considerado um *replicador*, por manter alto grau de fidelidade ao texto-fonte; também é *mimético*, ao manter a estrutura do texto-fonte, o que facilita o reconhecimento. Não é considerado um meme *metamórfico*, porque ele não perdeu as características do texto-fonte, à medida que se replicou.

Em relação à longevidade, os memes, segundo Recuero (2007), são *persistentes* e *voláteis*, pois, quanto mais tempo de vida tem o meme, mais vezes ele vai ser replicado em diversos lugares. Os memes *persistentes* “[...] não são restritos a um momento, permanecem sendo replicados por muito tempo. Ou desaparecem por um determinado tempo e depois voltam a se replicar” (RECUERO, 2007, p. 25). Os *voláteis* possuem curto período de vida; após se replicarem, “são rapidamente esquecidos, ou são modificados, tornando-se, assim, um novo meme” (RECUERO, 2007, p. 26).

Um exemplo de meme *persistente* é o da *Nazaré Confusa* que foi criado e ficou famoso em 2016. Esse meme foi replicado em 2017 (Figura 7), sendo a imagem de Renata Sorrah substituída pela de uma personagem da série *Riverdale*,⁷ com o intuito de divulgar a nova temporada que seria lançada naquele ano.

⁷ *Riverdale* é uma série norte-americana de drama e mistério, baseada nos personagens da *Archie Comics*. O programa foi criado pelo produtor Roberto Aguirre-Sacasa para a emissora *The CW*, como uma versão surpreendente e subversiva de Archie, Betty, Veronica e seus amigos, explorando as relações de amor, família e amizade em uma pequena cidade. A série mostra a estranheza que se

Figura 7 – Réplica interpretada por personagem da série Riverdale



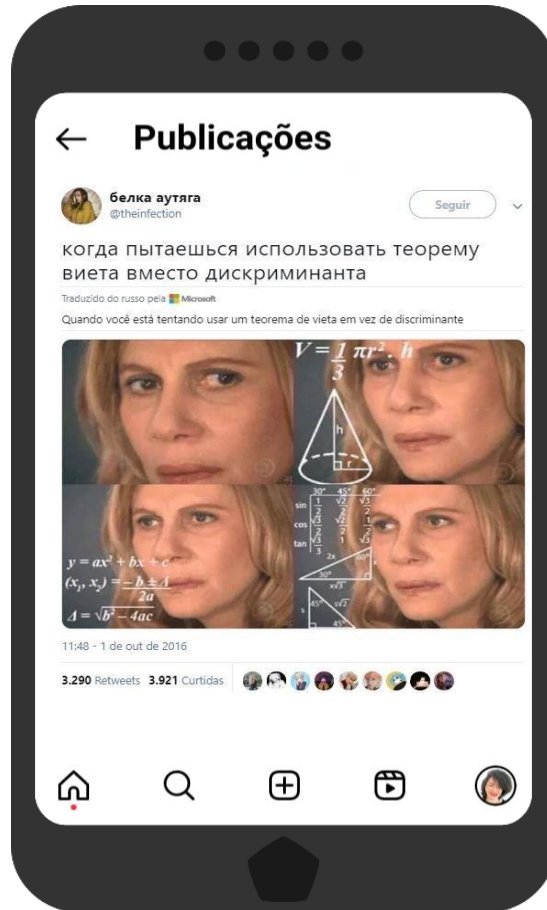
Fonte: <https://capricho.abril.com.br/entretenimento/o-elenco-de-riverdale-virou-memes-e-chegou-ate-na-nazare/>

No que diz respeito à fecundidade, os memes são classificados em *epidêmicos* e *fecundo*, a partir de seu alastramento no ambiente digital. Os memes *epidêmicos* “[...] se espalham amplamente por várias redes de *weblogs*, como uma epidemia [...] são raros e difíceis de encontrar, pois precisam ter uma propagação muito superior à dos demais memes” (RECUERO, 2007, p. 26). Já os memes *fecundos* não se tornam epidêmicos, embora sua propagação aconteça, espalhando-se por grupos menores ou apenas por poucos *weblogs*.

Recuero (2007) afirma que os memes com característica replicadora são os que têm a maior possibilidade de fecundidade dentro de uma rede de *weblogs*, sem, no entanto, excluir que outros memes com características de outros tipos possam tornar-se também fecundos e, conseqüentemente, epidêmicos.

A Figura 8 é um exemplo de meme *epidêmico* que foi publicado numa rede social russa⁸.

Figura 8 – Meme *Math Lady* (na Rússia)



Fonte: [https:// www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa/](https://www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa/)

No tocante ao alcance, Recuero (2007) afirma que essa característica está diretamente relacionada com as redes sociais da *web*: no processo de interação, os usuários dessas redes e os leitores que os acompanham replicam os memes. A autora classifica, quanto ao alcance, os memes em:

Globalis são memes que alcançam nós que estão distantes entre si dentro de uma determinada rede social, não sendo necessariamente fecundos. [...] não possuem interação social direta entre leitores e blogueiros. [...] são difíceis de ser rastreados [...]. *Locais* [...] são propagados por pessoas que estão mais próximas e que interagem com mais frequência. Ficam prioritariamente restritas a poucos nós da rede social. (RECUERO, 2007, p. 27).

⁸ O meme *Nazaré Confusa*, no exterior, é conhecido como *Math Lady* (*Senhora Matemática*, em livre tradução) ou *Confused Blondie* (*Loura Confusa*, em livre tradução).

Um exemplo que podemos citar de meme *global* é o de *Nazaré Confusa*, que não apenas foi traduzido para o inglês, como também recebeu uma nova versão – o rosto da ex-candidata à presidência dos Estados Unidos, Hillary Clinton (Figura 9)

Figura 9 – Meme *Math Lady* (nos EUA)



Fonte: [https:// www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa/](https://www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa/)

Feitas essas considerações sobre a classificação dos memes, de acordo com Recuero (2007), o subtópico a seguir aborda os processos de criação desses textos multimodais.

3.2 Os memes e os processos de criação no ambiente digital

O ciberespaço é um ambiente digital, no qual o deslocamento acontece através de conexões em rede que, direcionadas aos *sites* possibilitam a interação e, de acordo com Mattozo e Specialski (2000, p. 109), “retrata uma nova topografia (virtual), onde suas vias de locomoção (conexões) conduzem a lugares ou sítios (*sites*) de informações”. Portanto, devemos considerar o ciberespaço

[...] como uma incubadora midiática onde formas comunicativas surgem a cada dia (chats, ICQ, fóruns, e-mail, blogs, *web*, etc.). A partir deste ponto de vista, podemos afirmar que o ciberespaço é, ao mesmo tempo, forma e conteúdo cultural, modulador de novas identidades e formas culturais (LEMOS, 2004, p.14-15).

Como um elemento modulador de identidades e formas culturais, o ciberespaço possibilita “uma comunicação diferente das demais, que tem como características essenciais a velocidade (de envio e de propagação), a interatividade, a hipertextualidade e a multi/hipermidialidade.” (GUERRA; GIACOMINI BOTTA, 2018, p. 1860), tornando-se, portanto, um ambiente fértil para o meme, sendo utilizado como ferramenta de propagação de ideias. (FERREIRA; VASCONCELOS, 2019) como um produto cultural que sintetiza as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea.

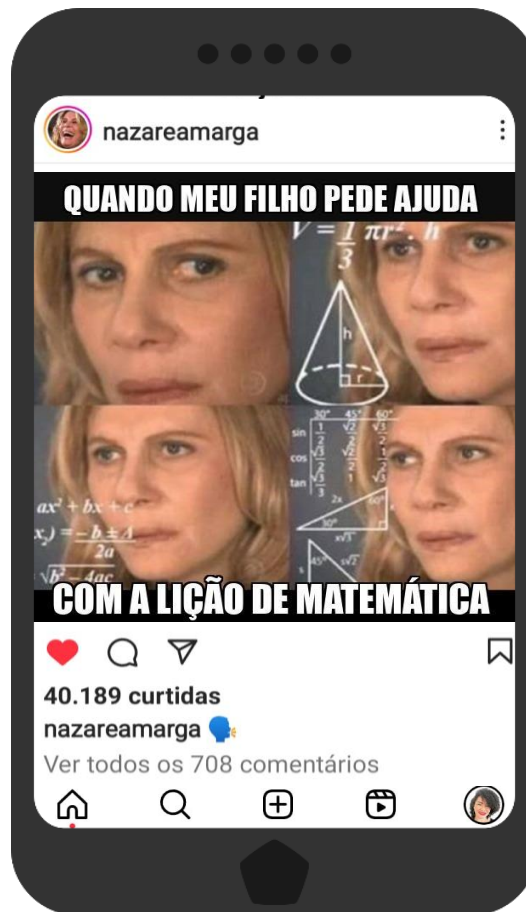
O meme, como uma prática discursiva digital, funciona como “micronarrativas, carregando em seu interior os discursos e as ideias que circulam no interior da trama cultural [...] constituindo, portanto, um aglutinador das dinâmicas do ciberespaço” (CALIXTO, 2017, p.48). Em seu processo de criação, duas técnicas de produção e métodos de criação se destacam como elementos centrais das práticas discursivas no ambiente digital: remix e *mashup*,

O remix é definido como

um processo e método criativo, que consiste em unir dois ou mais elementos culturais, cujas fontes e materializações são variadas, e manipulá-los, podendo levar a um produto mesclado, híbrido para atender determinadas finalidades (LIMA-NETO, 2020, p. 2255-2256).

No caso dos memes produzidos pelo processo de remix, podemos afirmar que são, de fato, um produto híbrido que atende aos propósitos comunicativos dos interagentes das redes sociais da *web*, como é o caso do meme *Nazaré Confusa* que deu origem a vários outros memes, dentre os quais destacamos o meme a seguir (Figura 10).

Figura 10 – Meme produzido por Remix



Fonte: [https:// www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa](https://www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa)

Esse meme revela uma “troca criativa e eficiente de informações, possibilitada pelas tecnologias digitais e apoiada nas operações de recortar/copiar e colar” (NAVAS, 2010, p. 159), revelando, portanto, de forma criativa, o uso da língua/linguagem na cultura digital.

Convém lembrar que a prática e a técnica do remix não são procedimentos da atualidade, mas remetem a tradições artísticas e midiáticas anteriores, como as de colagem e montagem nas artes plásticas e no cinema do início do século XX (NAVAS, 2010). Uma obra ou um texto criado pelo processo de remix apresentam valor de reconhecimento cultural atrelado ao seu valor de exibição.

Outra técnica de produção de memes é chamada de *mashup*. Essa técnica combina os remixes com outros elementos formando uma nova composição que pode ou não fazer referência aos textos-fontes. (NAVAS, 2010). Na música, por exemplo, essa técnica é muito usada pelos DJs que fazem as mixagens de uma música e sua melodia, construindo outra composição a partir de suas batidas.

No ambiente digital, os memes construídos por meio da técnica *mashup* caracterizam-se pela prática de colagem, revelando, portanto, modos e efeitos do uso da linguagem na cultura digital, de forma bem criativa. Citamos como exemplo desse tipo de construção o meme a seguir (Figura 11), apenas para justificar esse processo de criação, uma vez que esta pesquisa está direcionada para a técnica do remix.

Figura 11 – Meme produzido por *Mashup*



Fonte: https://www.google.com/search?sca_esv=560450269&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR920BR921&q=mashups+o+que+%C3%A9&tbn

Na Figura 11, temos o meme construído a partir da junção dos personagens Julius, da série de TV “Todo mundo odeia o Cris⁹” com o personagem Seu Siriguejo, da série de animação “Bob Esponja Calça Quadrada¹⁰”. Nesse meme, encontramos como elementos constitutivos a heterogeneidade e o hibridismo, confirmando o que já

⁹ <https://gshow.globo.com/tudo-mais/mundo-odeia-o-chris-e-baseado-na-vida-de-chris-rock-mas-nem-tanto-entenda.ghtml>

¹⁰ [https://wikiesponja.fandom.com/pt-br/wiki/Bob_Esponja_Calça_Quadrada_\(série\)](https://wikiesponja.fandom.com/pt-br/wiki/Bob_Esponja_Calça_Quadrada_(série))

apontavam os teóricos da cultura e os estudos culturais, como os desenvolvidos por Friedman (2002) e Hall (1997, 2003).

Portanto, devemos compreender que o meme criado por meio das técnicas de produção remix ou *mashup* não é apenas um texto multidimensional, mas também um texto com múltiplos potenciais de sentidos, criados a partir da sua composição através de intertextos, discursos, modalidades semióticas e referências contextuais (BUZATO, 2013). Isto porque os memes dialogam com outros textos, considerando os diversos contextos em que se manifestam como textos multimodais.

Ressaltamos que, no processo de criação dos memes, devem ser levados em conta seus traços constitutivos que, segundo Cavalcante e Oliveira (2019), são os seguintes: *viralização* e *intertextualidade*.

A *viralização*, segundo Cavalcante e Oliveira (2019), se refere a uma noção metaforizada de disseminação. Nesse sentido, quando um texto é multiplicado e modificado de diversas formas na internet, dizemos que esse texto viralizou. Assim, o meme é resultado de um processo de viralização.

Ribeiro (2018, p.20) afirma que “A viralização é uma flutuação em larga escala registrada após a ultrapassagem de um parâmetro crítico. É, portanto, uma característica da emergência de sistemas”. Nesse sentido, enquanto propriedade emergente, a viralização não pode ser considerada, como predeterminada ou indeterminada, pois seu funcionamento responde a um critério de probabilidade (RIBEIRO, 2018). Assim, nem todo conteúdo postado nas redes sociais da *web* viraliza.

A *intertextualidade* é originária no âmbito da crítica literária, com a teórica Julia Kristeva (2005, p. 71), com no dialogismo bakhtiniano, o qual “designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como *intertextualidade*”. No âmbito da Linguística Textual, a intertextualidade se refere ao “fenômeno textual-discursivo que abriga, de forma mais ou menos explícita, as relações entre textos, gêneros e estilos” (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017, p. 11).

Essas relações podem estar expressas diretamente no texto ou não, pois, segundo Cavalcante (2021, p. 141),

Em muitos textos, percebem-se indícios tangíveis de uma relação com outros, desde evidências tipográficas, que demarcam fronteiras bem específicas entre um dado texto e algum outro que esteja sendo evocado, até pistas mais sutis que conduzem o leitor à ligação intertextual por meio de inferências.

Assim, na compreensão de um texto, evocamos vários tipos de conhecimento, que vão do conhecimento linguístico ao conhecimento de mundo ou enciclopédico, conhecimento textual dentre outros tipos, os quais se evidenciam no momento em que identificamos as informações na superfície do texto (cotexto) e processamos essas informações, relacionando-as com os conhecimentos entre si.

Koch e Elias (2008, p. 86) afirmam que a intertextualidade

É elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

Como elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura, a intertextualidade se constitui um elemento de fundamental importância no estabelecimento dos tipos e gêneros de texto, na medida em que os relaciona e os distingue. (MARCUSCHI, 2008).

O fenômeno da intertextualidade pode ser estabelecido quanto a sua natureza, de forma estrita e ampla. Na intertextualidade estrita, podemos recuperar o texto-fonte, uma vez que apenas parte desse texto foi inserido em outro texto ou esse texto foi transformado em um novo texto ou parte dele. A intertextualidade ampla refere-se a retomada

[...] não de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa e relativa a conjunto de textos, verificada por indícios atinentes à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos ou a uma temática particular divulgada por diversos textos (CARVALHO, 2018, p. 81).

Em nosso estudo voltamo-nos o olhar para a intertextualidade estrita que poder ser expressa por meio das relações de copresença e de derivação. As relações intertextuais estritas por copresença se subdividem em: citação, plágio, alusão e referência.

A *Citação* [...] demarca uma fronteira entre o trecho citado e o texto em que ela se encontra. [...] O *plágio* é apropriação indevida do texto alheio de forma que o plagiário assume como sua a autoria do texto de outrem. [...] A *alusão* é uma espécie de referência indireta, como uma retomada implícita, uma sinalização para o coenunciador de que pelas orientações deixadas no texto, ele deve apelar à memória para encontrar o referente não dito. [...] A *referência* diz respeito ao processo de remissão a outro texto sem, necessariamente, haver citação de um trecho. (CAVALCANTE, 2021, p. 147-152).

As relações intertextuais estritas por derivação se subdividem em paródia, pastiche e o travestimento burlesco. Além desses tipos de derivação, Cavalcante (2021) acrescenta o *détournement* e a paráfrase. A paródia refere-se à “transformação que opera desvios de forma e/ou conteúdo, bem como de propósitos de um texto-fonte” (CARVALHO, 2018, p. 93). O Pastiche se refere ao processo de imitação de um texto-fonte e o travestimento burlesco diz respeito a retomada do conteúdo do texto-fonte com a transformação da estrutura e do estilo com fins satíricos. Em relação ao *détournement* e à paráfrase Cavalcante (2021, p. 159 e167) traz a seguinte definição:

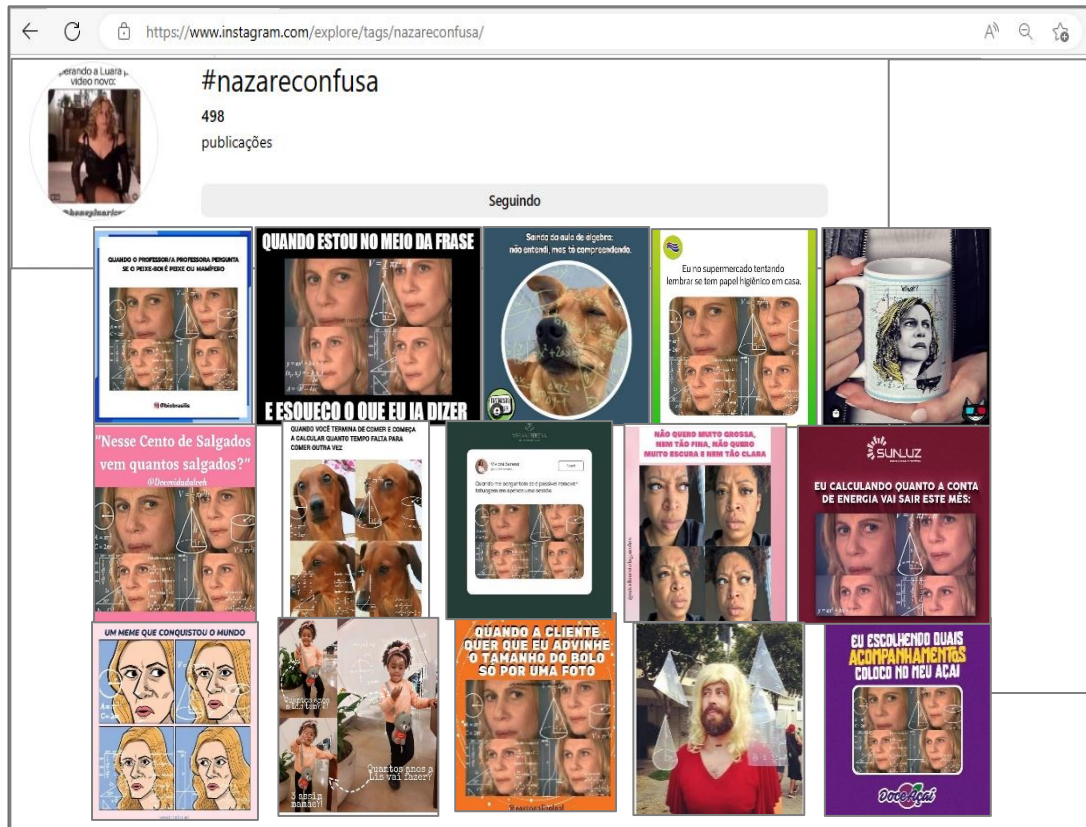
[...] o *Détournement* é um tipo de paródia, mas parece restringir-se a textos mais curtos, muitas vezes a provérbios, frases feitas etc., não chegando a transformar um texto completo em outro, em todos os casos. [...] A *Paráfrase* [...] se caracteriza por ser uma repetição de outro texto, com o objetivo de esclarecê-lo, com a utilização de palavras próprias do autor do texto “atual” (CAVALCANTE, 2021, p. 159-167).

Feitas essas considerações sobre os traços constitutivos dos memes, ou seja, sobre a viralização e a intertextualidade, podemos afirmar que no momento da produção de memes esses traços se entrelaçam, uma vez que

A viralização só é possível por causa dos processos de intertextualidade, por isso viralização e intertextualidade são critérios constitutivos da produção de memes porque todo meme necessariamente implicará a sua relação com um texto-fonte, seja pela copresença, seja pela derivação de um texto-fonte, seja por ambas. Além disso, é com o auxílio da intertextualidade que se reconhece um meme como tal [...] (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2019, p.13)

Ressaltamos, então, que esses dois traços são de fundamental importância na identificação de um texto como o meme, conforme identificamos na figura a seguir, na qual podemos visualizar várias versões (figura 12) do meme *Nazaré Confusa*, texto-fonte apresentado na figura 4, no item 3.1 deste capítulo.

Figura 12– Várias versões do meme *Nazaré Confusa*



Fonte: <https://www.Instagram.com/explore/tags/nazareconfusa?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Na Figura 12, é notória a presença da viralização e da intertextualidade: nos memes em que os elementos visuais da Nazaré são substituído por outros personagens, a estrutura do meme se mantém, remetendo-nos ao texto-fonte; nos memes que apresentam os elementos visuais da Nazaré, os elementos verbais escritos variam. Alguns memes apresentam ainda um novo *layout* para o elemento visual da Nazaré. Essa variação vem confirmar tanto a viralização, pela quantidade de remix produzidos, quanto a intertextualidade expressa por meio da copresença e da derivação como traços constitutivos de produção de memes.

Diante das considerações apresentadas sobre os processos de construção dos memes, ressaltamos que o corpus desta pesquisa foi constituído a partir de memes viralizados e de memes construídos pelo processo de remix.

3.3 Meme: um gênero discursivo ou um conjunto de práticas discursivas?

O estudo sobre gênero textual não é novo, tendo sua origem em Platão, com a tradição poética e Aristóteles, com a tradição retórica, concentrando-se, portanto,

na literatura. Na atualidade, esses estudos se expandiram “para a linguística de maneira geral, mas em particular nas perspectivas discursivas” (MARCUSCHI, 2008, p.152). Assim, o gênero textual deve ser compreendido numa perspectiva sociointerativa da produção linguística, uma vez que a interação verbal se realiza sempre por meio de textos, os quais se enquadram em um gênero.

Bakhtin (2001, p. 283) afirma que a

[...] diversidade dos gêneros de enunciados nas diferentes esferas da atividade humana tem importância capital para todas as áreas da linguística e da filologia. Isto porque um trabalho de pesquisa acerca de um material linguístico concreto [...] lida inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais), que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação [...] É deles que os pesquisadores extraem os fatos linguísticos de que necessitam.

No caso de estudos sobre gêneros textuais, essa diversidade de gêneros de enunciados revela o uso da língua nas diferentes esferas da atividade humana, com os enunciados refletindo as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. Esses enunciados são enquadrados em tipos relativamente estáveis, denominados por Bakhtin (2011) de gêneros discursivos, os quais, por terem sua origem nas interações sociais, sofrem influência das mudanças ocorridas na sociedade, ampliando-se à proporção que as esferas das atividades humanas se tornam complexas.

Concordando com a visão bakhtiniana, Marcuschi (2008, p.155) define os gêneros textuais da seguinte forma:

São os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Com o entendimento de que todo texto está enquadrado em um gênero, surge um desafio para os estudos linguísticos: a internet, com suas redes sociais. Com o advento da internet, o mundo está cada vez mais mediado pelo texto e a *web* é parte fundamental dessa mediação textual, o que contribui para o surgimento de novos textos e novas formas de nos comunicarmos. Como os usuários das redes sociais da *web* exploram as virtualidades desses espaços de escrita, “há uma explosão de novos gêneros e protogêneros, germes de futuros gêneros” (BARTON; LEE, 2015, p.30). Isto porque a interação entre as pessoas se efetiva por meio de textos realizados em algum gênero, conforme já referido anteriormente. Assim, no ambiente digital,

[...] é recorrente o uso de imagens com textos, textos em movimento, áudios agrupados com imagens e textos. Esta talvez seja a principal mudança recente na forma de comunicações, presente especialmente nas redes sociais e bastante perceptíveis na contemporaneidade (GUERREIRO; SOARES, 2016, p.188).

A descrição de Guerreiro e Soares (2016) se enquadra bem à descrição de meme: “imagens com texto”, “texto em movimento” e “áudios agrupados com imagem e textos”. Os autores também afirmam que

Novos [gêneros] foram elaborados e produzidos, haja vista a necessidade de interação nos moldes do ambiente digital, com uma leitura mais leve, rápida e visual. Também denominados de “gêneros digitais”, em razão de surgirem nesses espaços e neles predominarem. (GUERREIRO; SOARES, 2016, p. 189).

Esses novos gêneros adentram o processo de interação e o modifica, por meio das contribuições das tecnologias digitais em ambientes virtuais, surgem, assim, os gêneros emergentes que, segundo Marcuschi (2010, p. 15), “são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita”. Portanto, entendemos que os gêneros emergentes, também conhecidos como gêneros digitais, são a manifestação do gênero discursivo em ambiente digital.

Guerra e Giacomini Bota (2018, p. 1868), apoiadas na teoria bakhtiniana, afirmam que os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados associados a situações extraverbais, que permitem a apreensão e a percepção dos significados discursivos”. Nesse sentido, as relações sociais entre os indivíduos e a situação de enunciação contribui para a construção de sentido do enunciado.

Como podemos observar, o meme pode ser analisado sob várias perspectivas: gênero textual, gênero discursivo, gênero emergente e gênero digital. Para esta, pesquisa nós consideramos o meme como um conjunto de práticas discursivas ou práticas languageiras¹¹, por entendermos que para ser considerado um gênero, o meme deve apresentar um padrão e, conforme o progresso dos estudos, percebemos que o meme não apresenta padrão específico: ele se reproduz de várias

¹¹ Para Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 397 *apud* Cavalcante; Oliveira, 2019, p. 09), a concepção de linguagem é como um conjunto de práticas languageiras:

[...] [a] “prática languageira” remete as noções de “produções verbais”, de “enunciação”, de “fala”, e até mesmo de “*performance*”, mas distingue-se delas de um ponto de vista teórico pela ênfase posta na noção de “prática”: a linguagem faz parte do conjunto das práticas sociais, sejam elas práticas de produção, de transformações ou de reprodução. [...] Como qualquer prática social, as práticas languageiras são determinadas e restringidas pelo social e, ao mesmo tempo elas produzem efeitos sobre ele, contribuem para transformá-lo.

formas e pode ser materializado em diversos gêneros, dependendo da intencionalidade do autor ao produzi-lo.

Concordamos com Cavalcante e Oliveira (2019, p 14), para quem o meme

[...] é uma prática linguageira manifestada em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos publicados na internet, os quais envolvem processos de remixagem, com propósitos, essencialmente humorísticos e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano, e os quais passam a corresponder aos enunciados de situações diversas dos usuários da internet.

Os memes criados a partir de situações do cotidiano comprovam-nos como práticas linguageiras, exemplificado na Figura 13, que demonstra a reação dos candidatos do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), diante do tema da redação.

Figura 13: Meme sobre o ENEM



Fonte: <https://www.Instagram.com/eutogritando/>

A Figura 15 revela uma prática linguageira evidenciada a partir do meme como um texto multimodal, considerando os elementos de sua tessitura: elementos verbo-imagéticos, arranjos tipográficos, visuais, suas fontes textuais e cores. Ele integra o

cotidiano dos interagentes do ambiente digital e é utilizado como um instrumento de propagação de ideias (FERREIRA; VASCONCELOS, 2019).

Isto porque os memes produzem informações virais que se propagam por meio de práticas de linguagem resultantes “de uma modificação de ‘nosso discurso e, conseqüentemente, nossa maneira de nos comunicar com o outro’, tendo marcas linguísticas e extralinguísticas” (PAVEAU, 2021, p.126). Observando a Figura 15, vemos que a informação se propagou entre 49.109 pessoas que interagiram na rede social *Instagram*.

Convém destacar que os memes,

[...] por conta da velocidade e alcance de sua disseminação, se tornam fenômenos culturais e sociais que ultrapassam a ligação entre as pessoas. Essa relação entre o nível micro do compartilhamento individual e o nível macro do alcance social tornam os memes particularmente importantes para se entender a cultura contemporânea. (MARTINO, 2015, p.178)

Por isso, um indivíduo que não pertence a determinada cultura, ou de um grupo social específico em que o meme foi produzido, terá dificuldade para interpretar o seu sentido, uma vez que traços culturais estão imbuídos em sua construção. Nesse sentido, concordamos com Ferrarezzi (2008, p. 22), quando afirma que “os sentidos são sempre construídos em função do conjunto de informações culturais do falante e de sua comunidade”, pois a língua que falamos deve representar, de alguma forma, o que pensamos e fazemos na sociedade em que nos inserimos, uma vez que “a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressões adequadas” (FERRAREZI, 2013, p. 74).

No caso dos memes, podemos reafirmar que eles são um conjunto de práticas discursivas que revelam o uso da língua e sua relação com a cultura dos seus usuários, fundindo-se indissolúvelmente no todo do enunciado, conteúdo temático, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 2011).

Concluído o arcabouço teórico que deu sustentação a análise dos dados desta pesquisa, apresentamos no capítulo a seguir ao percurso metodológico que trilhamos.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, descrevemos o caminho metodológico que percorremos para desvelamento de nosso objeto de pesquisa, buscando alcançar os nossos objetivos e

responder a nossa questão de pesquisa: De que modo os memes possibilitam a construção de sentido (s), na rede social *Instagram*, considerando a linguagem como prática discursiva?

Procuramos situar nosso objeto de pesquisa, descrevendo a Região de Inquérito de onde ele foi interrogado, para então tratarmos da trajetória metodológica, dos procedimentos metodológicos e do tratamento dos dados da pesquisa.

4.1 O *Instagram* como Região de Inquérito da pesquisa

O foco deste trabalho está voltado para a investigação dos memes, entendidos como propagadores de grupos de ideias (MARTINO, 2015), estabelecendo-se como um ato de interação nas redes sociais da *web*.

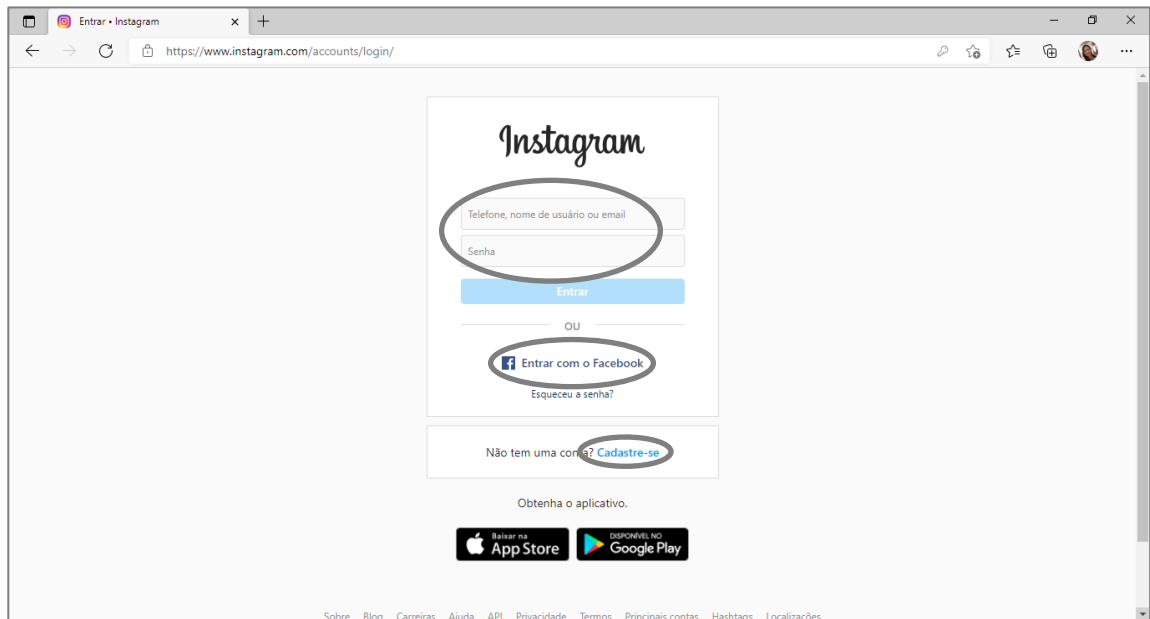
Para uma melhor compreensão sobre a nossa região de inquérito, o primeiro passo consiste em saber que, na área da informática, há os *softwares* – programas usados nos computadores, notebooks, celulares etc. – classificados em operativos, utilitários e aplicativos. Os operativos servem para o funcionamento da máquina (computador, celular etc.); os utilitários realizam as tarefas de uso geral e/ou manutenção; e os aplicativos desenvolvem as tarefas práticas do usuário, pessoa que manuseia os sistemas (PIZA, 2012).

Entre os aplicativos, encontra-se o *Instagram*, criado pelos engenheiros de programação *Kevin Systrom* e o brasileiro *Mike Krieger* e apresentado ao público em 2010. Esse aplicativo se propunha executar várias funções, dentre elas o compartilhamento de localização, imagens, vídeos etc. Entretanto, devido à sua complexidade, os programadores optaram por desenvolver um sistema mais simples, que focasse apenas em uma função, o compartilhamento de fotos (PIZA, 2012).

Para visualizar com mais clareza e favorecer a compreensão da Região de Inquérito da pesquisa, apresentamos o *layout* e as informações das páginas da rede social *Instagram*, ressaltando que, devido às constantes atualizações nas redes sociais em geral, há frequentes mudanças nos *layouts* dessas redes, por isso esclarecemos que as imagens apresentadas neste trabalho foram recolhidas durante o mês de julho de 2021. Na figura 14, temos a página de *login* do *Instagram*, ou seja, a página de acesso a essa rede social que para acessá-la necessita da inserção de dados, como nome, telefone ou e-mail do usuário cadastrado e senha. Aqueles que

não têm cadastro, isto é, uma conta, podem criar uma, pois essa página permite. A página permite, ainda, o acesso através do perfil do *Facebook*.

Figura 14 – Página de *login* do *Instagram*



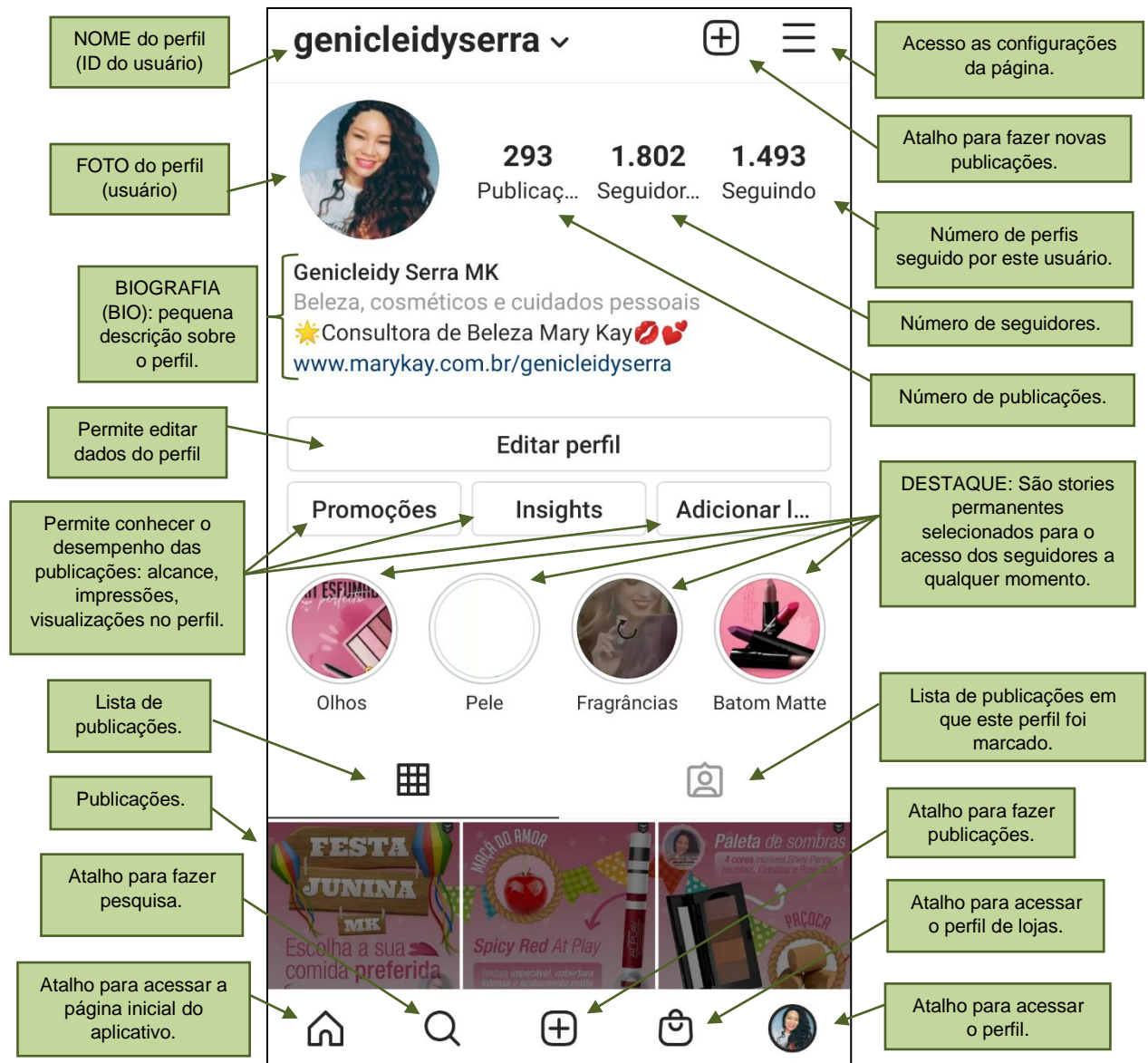
Fonte: <https://www.Instagram.com>

Segundo uma notícia publicada no *site* G1 (2020), o *Instagram*, ao fazer 10 anos, atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos por mês, tornando-se a 5ª rede social mais popular do mundo, atrás, apenas do Facebook (2,6 bilhões de usuários), do YouTube (2 bilhões), do WhatsApp (2 bilhões) e do WeChat (1,2 bilhão).

A rede social *Instagram* possibilita a criação de perfis pessoais e organizacionais. É um local de divulgação de informações pessoais ou não, que possibilita, através de compartilhamentos, a disseminação dessas informações, em alta velocidade, alcançando limites longínquos, permitindo que

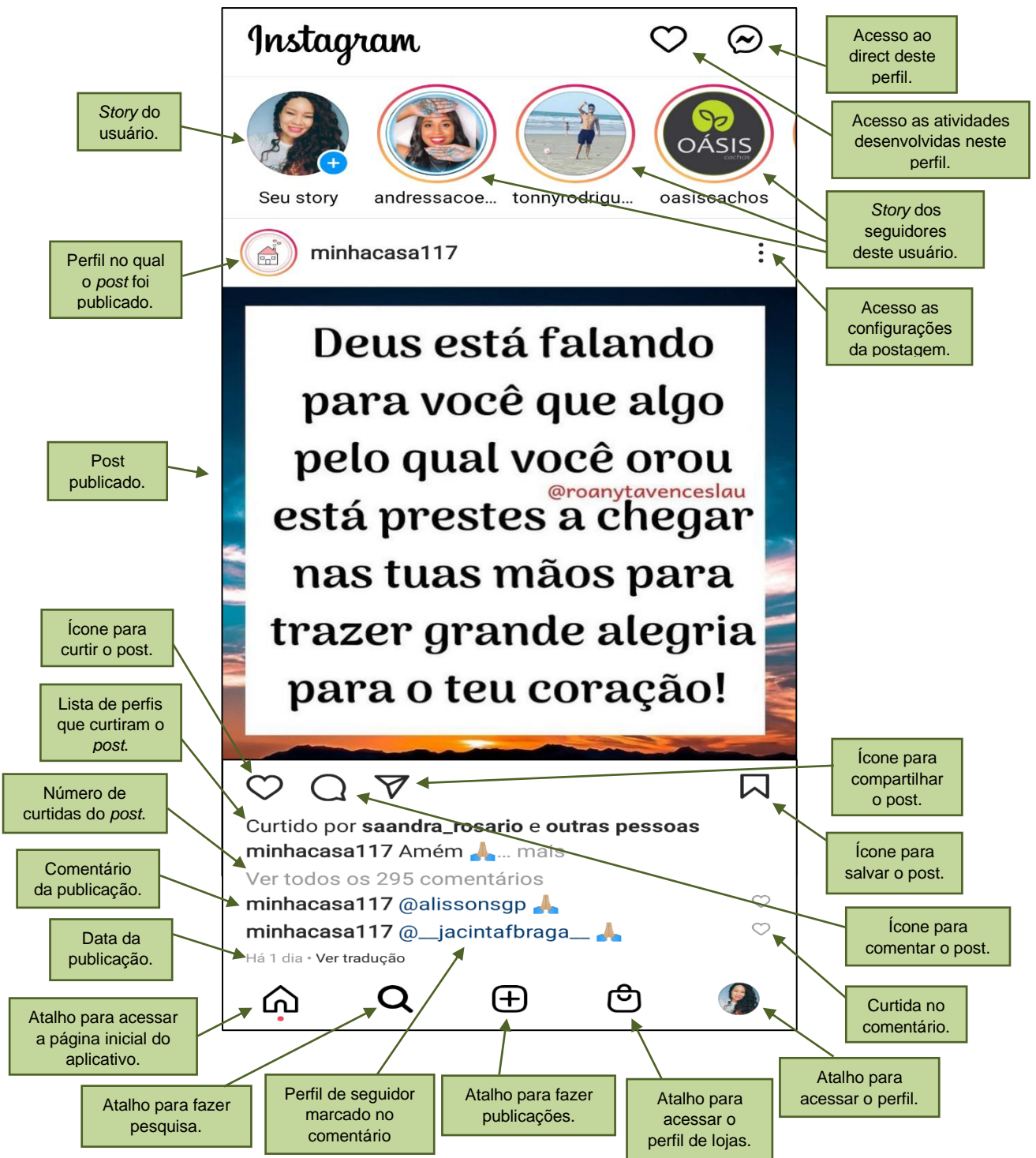
[...] sejam criadas identidades pessoais ou organizacionais, sendo possível a inserção de uma imagem que represente o perfil, bem como outras informações de contato (*i.e.*, slogan, telefone e *site*). Essas informações ficam visíveis a todos os usuários da mídia, ainda que esta se configure como privada, situação em que somente convidados tem acesso às imagens publicadas (ARAGÃO ET AL, 2016, p.136).

O *Instagram* é utilizado para publicizar o dia a dia de seus usuários através de fotos e vídeos, além de ser usado por empresas na divulgação de seus produtos e serviços. Na figura 15, apresentamos a imagem de um perfil do *Instagram*.

Figura 15 – Página do perfil do *Instagram*

Fonte: <https://www.Instagram.com>

Podemos observar que, na Página do perfil do *Instagram* encontram-se as informações sobre o usuário dessa rede social, tais como: nome do usuário, foto de perfil, biografia, publicações dentre outras informações. Além da Página do perfil, há um espaço em que acontecem as interações, a interface de navegação do *Instagram*, chamada de *Timeline*, local onde as publicações dos *posts* dos perfis seguidos pelos usuários ficam expostas. Nesse espaço, além das publicações, ocorre a exibição dos *stores*, tanto do perfil do usuário quanto dos seguidores, conforme mostra a Figura 16.

Figura 16 – Interface *Timeline*

Fonte: <https://www.Instagram.com>

As características apresentadas neste tópico sobre o *Instagram* confirmam que essa rede social se constitui um espaço de interação entre seus usuários e de rápida divulgação de informações, favorecendo a viralização dos memes, o que justifica a escolha dessa rede social como região de inquérito da nossa pesquisa.

4.2 A Fenomenologia Hermenêutica como Trajetória metodológica

É na pesquisa que podemos desenvolver o método científico, cuja finalidade é buscar respostas para problemas levantados. Nesse sentido, a pesquisa social perpassa por vários motivos, dentre eles os intelectuais, sendo classificada como pesquisa pura e aplicada. De acordo com Gil (2008, p.26-27):

A pesquisa pura busca o progresso da ciência, procura desenvolver os conhecimentos científicos sem preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas [...]; A pesquisa aplicada, [...], todavia, tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos.

Assim sendo, podemos caracterizar este estudo como uma pesquisa aplicada, de natureza qualitativa e de nível descritivo, pois tem como cerne a descrição das características dos memes e a sua relação com o processo de interação na rede social da *web*, mais especificamente, no *Instagram*. Para isso, procura fundamentá-la por meio de levantamento bibliográfico, a partir de material já elaborado: livros, artigos científicos, dissertações e tese, dentre outros que tratam da temática e cuja principal vantagem, segundo Gil, (2008), “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2008, p. 50).

A pesquisa qualitativa não é definida por um único padrão, pois reconhece a fluência da realidade, podendo ser, também, contraditória. Nesse caso, a epistemologia apresenta o sentido de fundamentos do conhecimento que sustenta a análise de um problema, como preceitua (CHIZZOTTI, 2006, p.28):

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.

O método utilizado nesta pesquisa é o fenomenológico, pois não busca fundamentar seus resultados em leis, princípios ou conceitos estabelecidos a priori, mas demonstrar o real como ele é, favorecendo interpretações a partir do que foi compreendido pelo sujeito. Segundo Gil (2008, p. 15):

[...] Não há como deixar de admitir o peso da subjetividade na interpretação dos dados. [...] A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da

compreensão do modo de viver das pessoas e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista.

Portanto, o método fenomenológico não se preocupa em quantificar, aplicar técnicas estatísticas ou apontar resultados por meio de números e gráficos, mas em qualificar, propondo-se a interpretar o sentido do evento, a partir da perspectiva que os sujeitos atribuem ao que falam e fazem.

Mas o que é a fenomenologia? De acordo com Sokolowski (2014, p. 10), “a fenomenologia é o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência”. De maneira mais simples, podemos dizer que é um estudo que tem como objetivo analisar e descrever as coisas, também chamadas de fenômenos, a partir da experiência vivida pela consciência (MARTINS, 1992).

Edmund Husserl (1859-1938) introduziu a fenomenologia no meio científico e filosófico e tinha interesse em que ela se tornasse uma ciência rigorosa (MARTINS, 1992). Para isso, precisava de evidências indubitáveis, e para encontrar essas evidências criou o método fenomenológico. Assim, por meio da *epoché*, termo grego que significa suspensão do juízo, suspende os conhecimentos que temos do mundo, seja filosófico, seja senso comum ou mesmo científico, sob um questionamento radical, e identifica a consciência como evidência indubitável. Essa consciência, que é entendida como consciência de alguma coisa ou fenômeno, tem como característica principal a intencionalidade e é considerada o fundamento da realidade.

Nesse contexto, Sokolowski, (2014, p. 17), propõe que “toda nossa consciência está direcionada a objetos. [...] Cada ato de consciência, cada experiência é correlata com um objeto. Cada intenção tem seu objeto intencionado”. A intencionalidade da consciência supera o distanciamento cartesiano contra a realidade da manifestação das coisas e da publicidade da mente. Ela revela que a mente e o mundo são interdependentes (SOKOLOWSKI, 2014).

Ao optarmos pela fenomenologia hermenêutica, voltamos o nosso olhar para o sentido, buscando compreender o discurso, a partir da “estruturação da vida significativa” (RICOEUR, 1989, p.12), uma vez que

É este gesto filosófico que a hermenêutica prolonga na região que é sua, a das ciências históricas e, mais amplamente, a das ciências do espírito. O “vivido” que ela procura trazer à linguagem e levar ao sentido é a conexão histórica, mediatizada pela transmissão dos documentos escritos, das obras,

das instituições, dos monumentos que tornam presente para nós o passado histórico (Ricoeur, 1991, p. 67).

Para alcançarmos o sentido e trazermos à linguagem o vivido, buscamos apropriarmos dos textos multimodais, mais especificamente, dos memes de internet, capturados da rede social *Instagram*. Esses textos são considerados Descrições, pelo pesquisador, o qual busca demonstrar o fenômeno tal qual ele se apresenta em relação ao significado. Por meio dessas Descrições o pesquisador busca o sentido atribuído ao fenômeno, através dos discursos ingênuos, ou seja, não interpretados, referentes a experiências vividas pelo sujeito. Na descrição, encontramos os sentidos do fenômeno da investigação, a partir da intencionalidade do sujeito pesquisador (MARTINS; BICUDO, 2003).

A trajetória metodológica de enfoque fenomenológico nos possibilita

Uma descrição e uma análise dos discursos em que o homem *diz* o seu *fazer* [...]. o *dizer do fazer* pode também considerar-se a vários níveis: nível dos *conceitos* empregues na descrição da acção; nível das *proposições* em que a própria acção vem enunciar-se; nível dos *argumentos* em que se articula uma estratégia de acção. (RICOEUR, 1989, p. 11, grifos do autor).

Essa trajetória percorrida passa por três momentos que são: a *descrição*, a *redução fenomenológica ou epoché* e a *compreensão fenomenológica*, que está relacionada com a interpretação. Esses momentos estão descritos a seguir.

O primeiro momento da trajetória é a *descrição fenomenológica*. É o momento em que o pesquisador se volta para o fenômeno de sua investigação, procurando “ir à coisa mesma” (HUSSERL, 2006). Nesse primeiro momento consideramos, como descrição dos sujeitos, os memes capturados da rede social *Instagram*, textos que são postados pelos interagentes dessa rede social.

A *redução fenomenológica* ou *epoché* é o segundo momento da trajetória. O objetivo aqui é extrair a parte essencial da descrição dos sujeitos, é encontrar as partes do fenômeno que também são partes da experiência desses sujeitos, usando a técnica chamada *variação imaginativa*. Esse momento é a fase que

[...]consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência. Através da comparação no contexto e eliminações, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes que são essenciais para a existência da consciência da experiência. (Martins, 1992, p.60).

Apesar de demonstrar relutância ao ser definida, a imaginação é de extrema valia na descrição de um fenômeno de investigação. É ela que produz a possibilidade

dos significados, permitindo a transcendência do objeto da pesquisa, no sentido de atingir a sua essência, direcionando-nos ao significado articulado (MARTINS; BICUDO, 2003).

Para realizar a *redução fenomenológica* ou *epoché*, o pesquisador precisa ter uma atitude de distanciamento “como um aspecto do movimento intencional da consciência para o sentido” (RICOEUR, 1991, p.67), pois é a partir dele que se revelam não apenas coisas, mas também signos, sentidos, significações. É a *redução* que faz emergir a função simbólica em geral, ao compararmos e eliminarmos o que não é considerado expressivo. Isto porque, segundo Ricoeur (1989), o que a fenomenologia busca é uma constituição do sentido de um vivido e só atingimos esse sentido no seu correlato objetivo, pois o sentido é a objetividade que faz frente à consciência. Assim, por meio da *redução fenomenológica*, empregando a técnica *variação imaginativa*, conforme já referido anteriormente, procuramos analisar os dados extraídos do corpus que construímos com os memes capturados da rede social *Instagram*.

Ressaltamos que “os dados obtidos são as situações vividas que foram conscientemente tematizadas pelo sujeito. Os significados são os aspectos do evento que o sujeito tematizou conscientemente” (MARTINS; BICUDO, 2003, p. 94). De posse dos dados, são identificadas e descritas as *Unidades de Significado*, isto é, aquelas que fazem mais sentido para a revelação de faces importantes do fenômeno em investigação, que, no caso dessa pesquisa, é “Os memes como práticas de linguagem e de construção de sentido(s) na rede social *Instagram*”.

O terceiro momento da trajetória é a *compreensão fenomenológica*, que envolve a *interpretação*. Nesse momento, atribuímos “significados” ao que é essencial na *descrição* e na *redução fenomenológica*, como uma forma de investigação da experiência.

Procuramos compreender as *Unidades de Significado* extraídas das descrições dos sujeitos da pesquisa, buscando reagrupar os constituintes relevantes, para chegarmos a uma análise do fenômeno. Para isso, buscamos desvelar o caráter propriamente discursivo das descrições, por meio da análise fenomenológico-hermenêutica.

4.3 Procedimentos metodológicos

Após descrevermos o percurso metodológico em nossa pesquisa, adotamos por intermédio da coleta de dados a constituição do *corpus* que, de acordo com Bauer; Aarts (2002, p.40), “[...] garante a eficiência que se ganha na seleção de algum material para caracterizar o todo.”

A partir desse percurso metodológico buscamos investigar os memes como uma prática de linguagem da rede social *Instagram*, procurando analisá-los como um artefato multissemiótico e construtor de sentido(s). Para atingirmos esse objetivo, partimos da seguinte questão norteadora: De que modo os memes possibilitam a construção de sentido (s), na rede social *Instagram*, considerando a linguagem como prática discursiva?

Com o propósito de responder a essa questão, utilizamos o *Instagram* como Região de Inquérito conforme o item 4.1 e constituímos o *corpus* desta pesquisa, a partir dos seguintes critérios:

- **1º critério:** Os memes já circularam ou ainda circulam na rede social *Instagram*;
- **2º critério:** Os memes tratam de situações do cotidiano vivenciadas pela sociedade brasileira;
- **3º critério:** Os memes contém enunciados com materialidades verbo-visuais, predominantemente, em Língua Portuguesa.
- **4º critério:** Os memes são originados pelo processo de remix¹², ou seja, são intertextos com semioses variadas.

Com base nos critérios supracitados, o *corpus* foi constituído, por meio da captura de memes, utilizando o procedimento *Print Screens*. Desse *corpus*, foram selecionados cinco memes (05), que estão sendo considerados como as Descrições dos sujeitos. Essas Descrições são analisadas à luz da fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur, apresentadas no capítulo 5, deste trabalho.

¹² Processo de remix que, em sentido amplo, “é um processo e método criativo, que consiste em unir dois ou mais elementos culturais, cujas fontes e materializações são variadas, e manipulá-los, podendo levar a um produto mesclado, híbrido para atender determinadas finalidades” (LIMA-NETO, 2020, p. 2255-2256).

5 OS MEMES COMO PRÁTICA DISCURSIVA DIGITAL: uma análise qualitativa

5.1 Tratamento dos dados

Neste Capítulo, desvelamos os sentidos revelados pelos memes viralizados pelo processo de remix que, neste trabalho, estão sendo considerados as Descrições selecionadas para análise, por meio da Fenomenologia Hermenêutica. Essas Descrições foram tomadas, segundo Ricoeur (1991a, p.109), como “[...] o paradigma da distanciação na comunicação; [...] ele revela um aspecto fundamental da própria historicidade da experiência humana, a saber, que ela é uma comunicação na e pela distância”. Procuramos, então, compreender o discurso que se oculta sob a cadeia de signos verbais e não-verbais, fazendo assim aparecer o sentido como sentido, num gesto filosófico

[...] que a hermenêutica prolonga na região que é sua, a das ciências históricas e, mais amplamente, a das ciências do espírito. O “vivido” que ela procura trazer à linguagem e levar ao sentido é a conexão histórica, mediatizada pela transmissão dos documentos escritos, das obras, das instituições, dos monumentos que tornam presente para nós o passado histórico (RICOEUR, 1991a, p. 67).

Por meio da reflexão sobre o vivido, demos início à *redução fenomenológica*. Isto porque, na “redução, aparece um domínio do sentido, um parecer para, em que o sentido remete apenas para outro sentido e para a consciência a fim de haver sentido” (RICOEUR, 1989, p.20).

Convém destacarmos que as Descrições analisadas foram originadas de outro meme que, neste trabalho, é considerado como texto-fonte¹³. Esse texto-fonte foi criado em 2013¹⁴, por Genildo Ronchi¹⁵, um cartum intitulado “Escolha o lado Feliz da Vida”. Esse cartum foi viralizado como meme pelo mundo, em 2021. Seu objetivo foi o de mostrar como tudo na vida tem dois lados, dependendo, apenas, da escolha de cada pessoa. No texto-fonte, a vida está representada por uma viagem de ônibus, contendo, de um lado, um paredão e de outro, uma paisagem que merece ser filmada. O enunciado presente no texto-fonte “Escolha o lado feliz da vida!” é um convite para

¹³ Um texto-fonte é um texto do qual informações ou ideias são originadas. Disponível em: https://fallout.fandom.com/com/pt-br/wiki/Texto_fonte. Conforme citado no cap. 3 desta pesquisa.

¹⁴ A história do meme “os dois caras no ônibus”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/dois-caras-no-onibus-qual-e-a-origem-do-meme.c17d4bf5599b1d6af2194d4c443de0feitv6evbw.html>

¹⁵ Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/9402298/genildo-ronchi>.

uma escolha de vida feliz. Contudo, algumas pessoas escolhem o lado ruim da vida que, no meme, é o paredão, como o passageiro com o semblante triste. Outras escolhem o lado bom, representado pelo cenário belo, como aconteceu com o passageiro de rosto alegre, conforme nos revela o texto-fonte a seguir.

Texto-fonte: *Os dois caras no ônibus*



Fonte: <https://www.Instagram.com/eutogritando/>

As Descrições foram selecionadas do corpus construído, a partir do texto-fonte “Os dois caras no ônibus”, para análise dos dados da pesquisa, num total de 5 Descrições, identificadas por um numeral cardinal de 1 a 5, conforme item 5.2. Na análise de cada Descrição, destacamos o contexto, considerando que se constitui “um elemento indispensável à compreensão do sentido do texto, uma vez que situa e sustenta o funcionamento das trocas comunicativas” (FRAZÃO, 2018, p.90).

5.2 Análise fenomenológico-hermenêutica

Selecionadas as Descrições para a análise, retomamos a questão norteadora da pesquisa: De que modo os memes possibilitam a construção de sentido (s), na rede social *Instagram*, considerando a linguagem como prática discursiva?

Essa questão foi respondida a partir da *Análise Ideográfica e da Análise Nomotética*. Utilizamos a *variação imaginativa*, técnica utilizada em pesquisa fenomenológica que possibilita ao investigador “[...] descobrir quais são os constituintes essenciais do fenômeno” (MARTINS; BICUDO, 2003, p. 105).

Primeiramente, identificamos as Unidades de Significado que, segundo Bicudo e Espósito (1994, p. 45), “compõem os elementos estruturais do fenômeno”. A seguir, construímos uma rede de significados para apreender os sentidos de cada Descrição, por meio da *Análise Ideográfica*. Em seguida, realizamos a *Análise Nomotética*, momento em que procuramos fazer a convergência das descrições para identificação e interpretação das categorias abertas. Apresentamos esse movimento nos subtópicos a seguir.

5.2.1 Análise Ideográfica: Identificação das Unidades de Significado e Explicitação dos Memes/Descrições dos Sujeitos

Neste momento, o da *Análise Ideográfica*, colocamo-nos diante das Descrições selecionadas do corpus que construímos, a partir do texto-fonte “Os dois caras no ônibus”, capturadas da rede social *Instagram*. Buscamos identificar as Unidades de Significado nas Descrições e, a partir delas, realizar a explicitação de cada *Descrição*. São nessas *Descrições* que o pesquisador, apoiando-se nas objetivações da experiência dos interagentes do *Instagram*, realiza a análise linguística em busca de apreender os sentidos de cada Descrição como um texto multimodal.

DESCRIBÇÃO 1



Fonte: <https://www.Instagram.com/trechosdelivro/>

Como primeira Unidade de Significado da Descrição 1, identificamos o *layout*¹⁶ da própria Descrição, pois entendemos que esse signo não-linguístico contribui para a construção do contexto o qual é formado pela apresentação da página de publicações do *Instagram* “Trechosdelivros”. Também faz parte do contexto o número de curtidas que, no caso dessa publicação, houve um total de 7.473 curtidas, ou seja, 7.473 usuários do *Instagram* tiveram acesso à referida publicação. Entendemos que “o contexto é o lugar onde se constroem e reconstroem indefinidamente as significações, o árbitro das tensões entre sistematicidades e indeterminações do dizer e do mostrar, do dito e do implicado” (KOCH, 2005, p.06).

O contexto é uma importante contribuição para a construção de sentido do texto, pois ambienta os acontecimentos da situação comunicativa, fornecendo informações de caráter social e até mesmo histórico, que favorecem a comunicação

¹⁶ O layout é o arranjo espacial dos blocos de texto, imagens e outros elementos gráficos na página. (KRESS E VAN LEEUWEN, 1998, p. 187 apud RIBEIRO, 2021, p. 45).

entre os participantes (locutor/produtor-texto-interlocutor) dessa interação (CAVALCANTE; BRITO, 2022).

Dando continuidade à análise da Descrição 1, destacamos como Unidade de Significado o acontecimento revelado pelo elemento visual, formado por polos antagônicos: uma viagem de ônibus, em que o veículo conduz dois personagens como passageiros (D1-1). Esses passageiros são totalmente antagônicos entre si, assim como o espaço em que se situam: o que está sentado do lado sombrio do ônibus apresenta um rosto triste, parece que está preocupado com alguma coisa, talvez até descontente com a própria vida, dado seu semblante sorumbático, macambúzio; o que se sentou do lado iluminado do ônibus expressa alegria, apresentando um semblante feliz, de homem realizado na vida. Sua satisfação é tanta que não perde um só detalhe da viagem, ao filmar a bela paisagem por onde o ônibus passa.

Essa Descrição dialoga com o texto-fonte, por meio da Unidade de Significado “relação intertextual por copresença” (D1-2), revelada na retomada da materialidade visual, visto que identificamos o mesmo ônibus com os mesmos passageiros. Essa Unidade de Significado corrobora Faria (2014, p. 92) afirmando ser possível haver copresença como “estratégias para a construção de imitações e de transformações lúdicas (paródicas) ou sérias (parafraseamentos).” Percebemos claramente a presença dos mesmos elementos visuais do texto-fonte no novo texto, ou melhor dizendo, no intertexto. (KOCH; ELIAS, 2008).

Prosseguindo a análise da Descrição 1, nosso olhar se volta para os enunciados verbais expostos acima de cada passageiro. Esses enunciados são identificados como Unidades de Significado D1-3 e D1-4:

Se lembra de tudo (D1-3)
Tem péssima memória (D1-4)

A Unidade de Significado “*Se lembra de tudo*” (D1-3) materializa verbalmente o passageiro de semblante sorumbático. Essa Unidade de Significado revela por meio da linguagem escrita que a vida desse passageiro é atribulada, com a presença de fatos desagradáveis em seu dia a dia. O fato de estar sentado do lado do paredão vai impedi-lo de apreciar fatos que alegrem seu coração. A Unidade de Significado “*Se lembra de tudo*” associada a imagem do passageiro triste retrata, as pessoas pessimistas, que buscam valorizar os descontentamentos da vida, ou seja, só vê o lado negativo das situações cotidianas.

Quanto à Unidade de Significado “*Tem péssima memória*” (D1-4), podemos dizer que ela materializa verbalmente o passageiro de semblante alegre. Essa Unidade de Significado, associada ao referido passageiro, retrata as pessoas otimistas que buscam valorizar os momentos felizes da vida, mesmo sofrendo os reveses da vida.

Nessa nossa caminhada rumo ao sentido da Descrição 1, deparamo-nos, ainda, com a Unidade de Significado “relação intertextual por derivação (D1-5)”, constituída pelas Unidades de Significado: elemento visual (D1-1), relações intertextuais de copresença (D1-2), D1-3 e D1-4. A Unidade de Significado D1-5 se revela, ao associarmos D1-1, D1-2, D1-3 e D1-4 com o texto-fonte, uma vez que novos sentidos são atribuídos ao novo texto, reconstruído a partir de “um texto-fonte retrabalhado com o intuito de produzir outro propósito comunicativo” (CAVALCANTE; BRITO, 2022, p. 386). Portanto, os sentidos da Descrição 1 são contruídos pelas relações intertextuais da copresença e da derivação, explicitadas por meio dos elementos visuais e verbais.

As Unidades de Significado D1-2 e D1-3 contribuem para a construção do sentido da Descrição 1, juntamente com os elementos visuais e o contexto. Isto porque se constitui

[...] um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante (CAVALCANTE, 2021, p.20a).

Como um evento comunicativo e de interação entre locutor e interlocutor, os sentidos da Descrição 1 são construídos, a partir de elementos linguísticos e não linguísticos, o que nos leva a afirmar tratar-se de um texto multimodal.

Síntese da Descrição

Na Descrição 1, os sentidos são construídos por meio de:

- Polos antagônicos ou antíteses;
- Relações intertextuais por copresença
- Relações intertextuais por derivação

DESCRIÇÃO 2



Fonte: https://www.Instagram.com/bar_rigudos

Na Descrição 2, identificamos como primeira Unidade de Significado o contexto, que é apresentado aqui por meio do *layout*, composto pela página de publicação do *Instagram*, a qual exibe o perfil em que as informações foram publicadas: “*bar_rigudos/Bar Rigudos*”, um bar localizado na cidade de Manaus¹⁷. A logomarca do bar também foi divulgada na publicação e está representada por dois copos de cerveja e o nome do bar logo abaixo dos copos. Também se constitui elemento do contexto o número de curtidas: a postagem apresenta 97 curtidas, ou seja, 97 pessoas acessaram a referida postagem.

Assim como na Descrição 1, o contexto, na Descrição 2, também contribui para a construção dos sentidos, uma vez que, na composição de um texto, é preciso considerar, além das questões verbais, os elementos como a imagem, *layout*, as circunstâncias específicas de comunicação, entre outros elementos (RIBEIRO, 2021).

¹⁷ Disponível em: <https://vanguardadonorte.com.br/cultura/bar-rigudos-oferece-comida-de-qualidade-e-cerveja-gelada-em-manaus/>.

Outra Unidade de Significado que identificamos na Descrição 2 é o elemento visual (D2-1): uma viagem de ônibus com dois passageiros que demonstram estar felizes. Esses passageiros filmam o trajeto que percorrem, por meio das grandes janelas de vidro que o ônibus possui, as quais deixam à mostra a bela paisagem encontrada no trajeto percorrido.

Essa Unidade de Significado estabelece com o texto-fonte uma “relação intertextual por copresença” (D2-2), constituída por meio da presença de parte dos elementos visuais do texto-fonte, especificamente, o passageiro feliz que viaja do lado iluminado do ônibus.

No diálogo estabelecido entre o intertexto e o texto-fonte, identificamos também a Unidade de Significado “relação intertextual por derivação” (D2-3), composta pela extinção da antítese do texto-fonte: passageiro feliz x passageiro triste, lado iluminado do ônibus x lado sombrio do ônibus, devido à D2-3 ser estabelecida a partir de “um texto preexistente, transformando-o e ressignificando-o” (CAVALCANTE, 2021, p. 160).

Em nosso percurso de atribuição de sentidos à Descrição 2, deparamo-nos com a Unidade de Significado representada pelo enunciado verbal e identificada como D2-4:

Hoje é sexta feira (D2-4)

Essa Unidade de Significado revela a chegada do final de semana, quando muitos trabalhadores têm folga e já entendem que os dias de descanso estão próximos. Esses trabalhadores aproveitam a chegada da sexta-feira para, após um dia de trabalho, iniciarem a diversão, indo a bares, tomando um chopp, dentre outros momentos de lazer, de entretenimentos. Reconhecemos, portanto, que os sentidos de “*Hoje é sexta-feira* (D2-4)” se expressam de modo metafórico, isto porque

A metáfora é um mecanismo fundamental da mente, um princípio cognitivo que nos possibilita entender as experiências mais abstratas através das nossas experiências físicas e sociais. As metáforas estruturam nosso entendimento em níveis muito básicos e por isso, elas são cotidianas, comuns (ANDRADE, 2008, p. 22).

Síntese da Descrição

Na Descrição 2, os sentidos são construídos por meio de:

- Relações intertextuais por copresença

- Relações intertextuais por derivação
- Metáfora;

DESCRIÇÃO 3



Fonte: <https://www.Instagram.com/genildoronchi>

Identificamos o contexto da Descrição 3 como a primeira Unidade de Significado, evidenciado por meio do *layout*, constituído pela página de publicação do *Instagram*, a qual apresenta o perfil em que as informações foram publicadas “genildoronchi”. O número de curtidas também faz parte do contexto: a postagem apresenta 622 curtidas, isto é, 622 usuários tiveram acesso a essa publicação.

Do mesmo modo que nas Descrições 1 e 2, na Descrição 3, a contextualização é uma condição básica para a construção de sentido do texto e funciona como “a ancoragem em dada situação comunicativa, no interior de determinada prática social, tendo em vista o lugar e o momento da interação, os participantes e suas particularidades, os objetivos a serem alcançados” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 88).

Em seguimento à análise da Descrição 3, identificamos outra Unidade de Significado: o elemento visual contendo polos antagônicos formados por personagens e um ônibus estilizado, com iluminação *hi-tec*¹⁸ (D3-1). De um lado, encontram-se fitas de LED¹⁹, caracterizando o lado iluminado e feliz. Do outro lado, está um LED *display*²⁰ (painel) que apresenta imagens geométricas com cores frias, expressando melancolia, caracterizando o lado sombrio. No interior do ônibus existem bancos acolchoados, um celular que reproduz uma música alta, um casal feliz que dança a música que está tocando e um personagem triste que segura o celular e o fone de ouvido. Ao fundo, há uma imagem desfocada que representa um local de atracação de embarcações.

Ainda no percurso de análise da Descrição 3, deparamo-nos com uma nova Unidade de Significado: a “relação intertextual por copresença” (D3-2), formada pela presença de alguns elementos visuais do texto-fonte, em específico, os personagens, que são os mesmos, mantendo-se assim, os polos antagônicos. Nesse diálogo entre o texto-fonte e a Descrição 3, percebemos, entretanto, que o autor se desvia do texto-fonte, ao atribuir novo *layout* ao ônibus, inserir uma nova personagem (uma mulher) e alterar o comportamento do personagem que demonstra alegria, já que ele não está sentado, nem filmando a paisagem e sim dançando com a mulher. Mesmo diante da composição do novo texto, evidenciamos a D3-2, uma vez que “é uma sinalização para o coenunciador de que, pelas orientações deixadas no texto, ele deve apelar à memória para encontrar o referente não dito” (CAVALCANTE, 2021, p. 152).

Na busca de desvelarmos os sentidos da Descrição 3, encontramos outras Unidades de Significado materializadas nos enunciados verbais identificadas como D3-3, D3-4, D3-5, D3-6, D3-7, D3-8:

Brega pop marcante (D3-3)
 Tecno melody retrô dance (D3-4)
 Baile da saudade (D3-5)
 Seresta cabaré (D3-6)
 Chifre da saudade (D3-7)
 Arrocha (D3-8)

¹⁸ Designa aquilo que é desenvolvido, realizado ou projetado com alta tecnologia. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/hi-tech>.

¹⁹ A fita de LED é uma fonte de luz fabricada em formato de fita flexível, e que tem como principal característica iluminar e decorar ao mesmo tempo. Disponível em: <https://www.glight.com.br/blog/fita-de-led/>.

²⁰ LED display é o nome que se dá às telas que usam LEDs para formar os pixels. O diodo emissor de luz atua tanto na iluminação quanto na formação da imagem no visor. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-led/>.

As Unidades de Significado D3-3, D3-4, D3-5, D3-6, D3-7, D3-8 demonstram a cultura musical do Norte brasileiro, pois enumeram os estilos musicais comuns daquela região. Esse fato revela que os conhecimentos acumulados pelo homem passam de geração a geração como resultado de sua ação sobre a realidade que o cerca, sendo, portanto, produtos culturais construídos pelo próprio homem, uma vez que

A cultura é um processo contínuo em que se acumulam conhecimentos e também práticas que resultam da interação social entre indivíduos. [...] O homem é, portanto, um ser cultural e é a cultura que o permite adaptar-se aos diferentes ambientes. (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 27).

A Unidade de Significado “*brega pop*²¹ *marcante*” (D3-3) remete ao estilo de música brega, que sempre traz como tema um conflito amoroso que pode ter final feliz ou triste. Essa expressão associada ao termo “*marcante*”, refere-se, especificamente, às músicas dançantes.

Outra Unidade de Significado é o “*tecno melody*²² *retrô dance*” (D3-4). Essa Unidade de Significado refere-se ao estilo de música brega combinado com elementos da música eletrônica. A característica “retrô dance” vinculada a “tecno melody” significa dizer que a sequência de músicas deste estilo, que foram selecionadas, são músicas antigas e dançantes.

A Unidade de Significado “baile da saudade²³” (D3-5) refere-se a uma sequência de músicas do estilo sofrência²⁴, que mistura os estilos arrocha, brega e sertanejo, popularmente conhecido como “música de corno”, que, geralmente, aborda como tema relações amorosas que não deram certo por causa de traição. Essa Unidade de Significado, também revela que a expressão “baile da saudade” é usada como título para bailes e festas em cidades brasileiras.

Prosseguindo nossa caminhada em direção ao sentido, destacamos a Unidade de Significado “*seresta cabaré*²⁵” (D3-6) que se refere a uma sequência de músicas também do estilo sofrência que aborda temas como desilusão, traição. Em

²¹ O Brega Pop (Brega Calypso) tem elementos de Lambada, Ska, Carimbó, Reggae, Guitarrada etc. E, tal como o próprio nome já diz, um dos destaques é a banda Calypso. Disponível em: <https://artcetera.art/musica/historia-do-brega/>.

²² O Tecnobrega (Tecn melody) é similar ao Eletrobrega, mas ele vem do Norte, ao invés do Nordeste. Nesse estilo, uma das pioneiras é a Gaby Amarantos. Disponível em: <https://artcetera.art/musica/historia-do-brega/>.

²³ Baile da saudade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8pb9OY1tgG0>.

²⁴ Disponível em: <https://www.sertanejo.org/sofrenca-sertanejo/>.

²⁵ Seresta cabaré. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_8ob832wTNw.

relação a Unidade de Significado “*chifre da saudade*” (D3-7), assim como D3-5 e D3-6, é uma sequência de músicas do estilo sofrência, que retrata o lamento de um (a) apaixonado (a), que foi traído ou abandonado por seu parceiro ou sua parceira. As Unidades de Significados, representadas pelas expressões “*seresta cabaré*” (D3-6) e *chifre da saudade* (D3-7), também são usadas como título para bailes ou festas nas cidades da região.

Destacamos da Descrição 3 a Unidade de Significado “*arrocha*”²⁶ (D3-8). A expressão “*arrocha*” se constitui um estilo de música comum nas regiões Norte e Nordeste, que mistura o brega, a seresta e a música romântica, tornando-se um estilo musical mais lento e sensual. As canções exaltam o amor, assim como, a saudade, a traição, o abandono, dentre outros temas.

É importante frisar que

[...] para se chegar às profundezas do implícito [de um texto] e dele extrair um sentido, faz-se necessário um recurso aos vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais (KOCH, 2018, p. 30).”

Dando sequência a análise da Descrição 3, identificamos a seguinte Unidade de Significado:

Sem vinhetas (D3-9)

Essa Unidade de Significado representada pela expressão “*sem vinhetas*” refere-se à ausência de propaganda que os DJs²⁷ fazem durante as sequências de músicas. As vinhetas se referem aos próprios DJs ou a patrocinadores do evento do qual estão participando. Essa é uma prática bem comum nesse estilo de música. A D3-9, revela várias sequências de músicas sem vinhetas.

Em nossa caminhada na busca da atribuição de sentido, identificamos na Descrição 3, a Unidade de Significado “elemento cultural” (D3-10), que se revela como

²⁶ O Arrocha é um ritmo musical originário da Bahia ele veio proveniente da seresta, influenciado pela música brega e o estilo romântico, com modificações que o tornaram, segundo seus adeptos, mais sensual. Muitos cantores se destacaram cantando Arrocha, como Pablo, Silvano Salles, Asas Livres, Tayrone, Latitude 10, Bonde do Maluco, Trio da Huanna, Unha Pintada, Devinho Novaes entre outros. Disponível em: <https://www.portaldoarrocha.com.br/arrocha/>.

²⁷ Um DJ é uma sigla em inglês que significa *disc jockey*, ou em português, disco jôquei. O mais comum é usar a sigla (que deve ser pronunciada “*dee jay*”) em vez do nome completo. Um DJ é um artista responsável por transmitir música (muitas vezes da sua autoria) na rádio, televisão ou em qualquer local onde se ouça música (boates, discotecas, etc.). Disponível em: <https://www.significados.com.br/dj/#:~:text=Um%20DJ%20é%20um%20artista,comum%20nos%20dias%20de%20hoje.>

uma idiosincrasia²⁸. Esse elemento cultural é revelado a partir da correlação entre as Unidades de Significado D3-1, D3-3, D3-4, D3-5, D3-6, D3-7, D3-8, D3-9 e o contexto, evidenciando que o homem, ao ser interligado e ambientado ao meio social, vai construindo traços fundamentais, a partir de suas ações cotidianas em meio à realidade cultural em que se insere.

Síntese da Descrição

Na Descrição 3, os sentidos são construídos por meio de:

- Polos antagônicos ou antíteses
- Relações intertextuais por copresença
- Elementos culturais

DESCRIÇÃO 4



Fonte: <https://www.Instagram.com/genildoronchi>

²⁸ O termo idiosincrasia refere-se ao “conjunto dos elementos cuja combinação constitui o temperamento e o caráter individuais” (LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 510). A Descrição 3, manifesta a idiosincrasia por ser a única Descrição desta pesquisa a apresentar o elemento cultural explícito.

Assim como em D1, D2 e D3, na Descrição 4, o contexto é a primeira Unidade de Significado que identificamos. Essa Unidade de Significado é constituída pelo *layout*, signo não-linguístico que exhibe a página de publicação do *Instagram* “genildoronchi”, assim como pelo número de curtidas da publicação, a qual recebeu 141 curtidas, em outras palavras, 141 usuários do *Instagram* tiveram acesso a essa publicação. Podemos afirmar que atuamos, com base no contexto e nos elementos que o constitui, quando

[...] em uma situação de interação, levamos em conta os interlocutores, os conhecimentos considerados como compartilhados, o propósito da comunicação, o lugar e o tempo em que nos encontramos, os papéis socialmente assumidos e os aspectos histórico-culturais [...]. (Koch; Elias, 2010, p. 76).

Prosseguindo nossa trajetória de atribuição de sentido, destacamos da Descrição 4 a Unidade de Significado revelada pelo elemento visual, formado por polos antagônicos, representados pelos dois personagens do texto-fonte e pelo ambiente ao qual estão situados (D4-1). Esses personagens apresentam as mesmas expressões faciais e vestimentas do texto-fonte, ocupando espaços que se opõe, sendo um lado iluminado, com a predominância das cores quentes, com ênfase na cor amarela e outro lado sombrio, com a predominância das cores frias, com ênfase na cor roxa.

Buscando atribuir sentido à Descrição 4, identificamos a Unidade de Significado “relação intertextual por copresença” (D4-2), evidenciada a partir da presença dos personagens com a manutenção das características físicas e emocionais e da antítese concernentes ao texto-fonte. Essa relação intertextual “compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores” (KOCH, 2018, p. 51), isto é, o conhecimento que os interlocutores têm dos textos que se relacionam entre si, tanto na produção, quanto na compreensão.

Continuando nosso percurso de intuição dos sentidos presentes na Descrição 4, passamos a analisar as Unidades de Significado presentes nos enunciados verbais, que identificamos como D4-3 e D4-4:

O amor virou amizade (D4-3)
A amizade virou amor (D4-4)

A Unidade de Significado “o amor virou amizade” (D4-3) refere-se a um relacionamento amoroso que decresce, uma vez que o casal deixa de sentir o amor e

passa a ter apenas um sentimento fraterno, de amigos. A D4-3 está associada ao personagem triste, o que nos faz compreender que ele está descontente com a situação de o amor ter se transformado em amizade e que, por isso sofre.

Já a Unidade de Significado “*a amizade virou amor*” (D4-4) retrata um relacionamento amoroso que evolui: um casal de amigos descobre a intensidade de seus sentimentos, os quais deixam de ser fraternos e transformam-se em amor. Com isso, o casal passa a usufruir desse relacionamento que nasce da amizade. O que nos leva a afirmar que a D4-4 está associada ao personagem feliz.

As Unidades de Significado D4-3 e D4-4 foram construídas a partir de um jogo de palavras, pertencentes ao mesmo campo semântico e organizadas numa sequência gradativa de sentidos: a D4-3 encontra-se em gradação descendente e a D4-4, em gradação ascendente. Conforme Dubois *et al* (1998, p. 312):

Gradação é uma figura de retórica que consiste em apresentar uma série de ideias ou sentimentos numa ordem tal que o que segue diga sempre um pouco ou mais (gradação ascendente) ou um pouco menos (gradação descendente) do que precede.

Salientamos que a construção de sentido de um texto acontece na interação texto-sujeitos (KOCH, 2015). Ao percorrermos o trajeto de desvelamento do sentido da Descrição 4, detectamos a Unidade de Significado “relação intertextual por derivação” (D4-5), constituída pela correlação entre as Unidades de Significado D4-1, D4-3, D4-4 e o contexto, uma vez que houve a “alteração do texto-fonte através de aspectos formais, estilísticos ou de conteúdo” (CAVALCANTE; BRITO, 2022, p. 384). Considerando “o texto passa a ser visto como o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2005, p. 6), entendemos que os sentidos da Descrição 4 são construídos a partir de polos antagônicos, da gradação e das relações intertextuais por copresença e por derivação, expressos nas materialidades verbo-visuais.

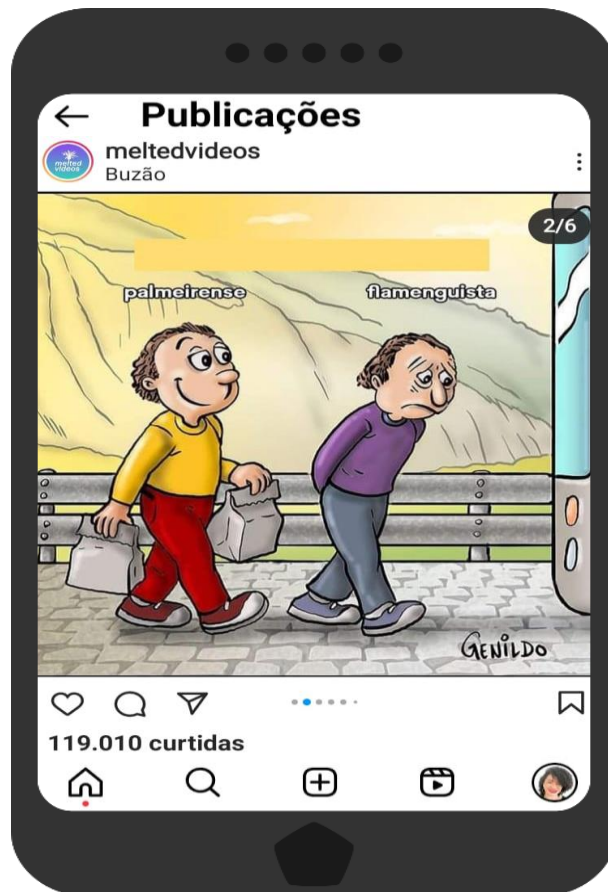
Síntese da Descrição

Na Descrição 4, os sentidos são construídos por meio de:

- Polos antagônicos ou antíteses;
- Relações intertextuais por copresença

- Relações intertextuais por derivação
- Gradação

DESCRIÇÃO 5



Fonte: <https://www.Instagram.com/meltedvideos>

O contexto também se manifesta como primeira Unidade de Significado na Descrição 5. Essa Unidade de Significado é constituída pelo *layout*, que exhibe a página de publicação do *Instagram* e apresenta o perfil em que as informações foram publicadas: “meltedvideos”. Também compões o contexto as 119.010 curtidas recebidas pela postagem, ou seja, 119.010 usuários do *Instagram* tiveram acesso a essa postagem.

Ressaltamos a importância do contexto para a compreensão textual, embora reconheçamos que o sentido não está somente nas palavras em si, isto porque

quando lemos um texto somos orientados pelas palavras, que nos oferecem um contexto explícito – o cotexto – entretanto, temos que ativar inúmeros outros conhecimentos, armazenados na memória para construir o sentido do texto (CAVALCANTE, 2021, p. 28).

Em casos de textos multimodais, além do elemento verbal devemos considerar, também, elementos como imagem, *layout*, o projeto gráfico (lugar em que o texto circula) etc. (RIBEIRO, 2021). Nessa Descrição, assim como nas Descrições analisadas anteriormente, ressaltamos a importância dos elementos não-linguísticos para a construção de sentido dos textos.

Em sequência do nosso percurso de desvelamento do fenômeno de nossa investigação, destacamos a Unidade de Significado revelada pelo elemento visual, representado pelos dois personagens do texto-fonte, com as mesmas vestimentas e expressões faciais (D5-1). Esses personagens, porém, encontram-se caminhando em direção a um ônibus, como se estivessem saindo de um jogo de futebol entre os times Palmeiras e Flamengo. Identificamos que o time do Palmeiras é representado pelo personagem feliz e o time do Flamengo, pelo personagem macambúzio, evidenciando, dessa forma, polos antagônicos na construção dos sentidos do texto.

Sob o nosso olhar de compreensão e atribuição de sentido encontra-se a Descrição 5, dela destacamos a Unidade de Significado “relação intertextual por copresença” (D5-2), composta pela retomada da materialidade visual que contribui para a manutenção dos polos antagônicos: feliz x macambúzio, uma vez que “é possível perceber, por meio de distintos níveis de evidência, a presença de fragmentos produzidos, os quais são encontrados em outros textos” (CAVALCANTE, 2021, p. 147).

Ainda sob esse nosso olhar de compreensão sobre a Descrição 5, colocamos-nos diante das Unidades de Significado expressas pelos enunciados verbais e identificadas como D5-3 e D5-4:

Palmeirense (D5-3)
Flamenguista (D5-4)

A Unidade de Significado “Palmeirense” (D5-3) materializa de forma verbal o personagem que caminha feliz. Possivelmente, o time do Palmeiras ganhou a última partida disputada contra o time do Flamengo, levando o torcedor palmeirense a comemorar a vitória com dois lanches.

Já, a Unidade de Significado “Flamenguista” (D5-4) concretiza verbalmente o personagem macambúzio. Esse fato nos faz compreender que a última partida do time do Flamengo contra o Palmeiras não apresentou um resultado satisfatório, fazendo o torcedor flamenguista seguir cabisbaixo, sem apresentar alegria.

Seguindo o curso de desvelamento de sentidos da Descrição 5, identificamos a Unidade de Significado “relação intertextual por derivação” (D5-5), estabelecida a partir da correlação entre as Unidades de Significado D5-1, D5-3, D5-4 e o contexto, uma vez que o sentido não se encontra nem no texto, nem no leitor, nem no autor, mas na relação interativa que ele (o sentido) estabelece entre “locutor-co(n)texto-interlocutor” (CAVALCANTE, 2021, p. 20b) como resultado de uma negociação entre esses elementos.

Síntese da Descrição

Na Descrição 5, os sentidos são construídos por meio de:

- Polos antagônicos ou antíteses
- Relações intertextuais por copresença
- Relações intertextuais por derivação

5.2.2 Análise Nomotética: Identificação e Interpretação das Categorias Abertas

Concluída a explicitação das Descrições seguimos para o momento em que realizamos o movimento de aproximação e afastamento em relação ao fenômeno investigado, buscando identificar as convergências e as idiossincrasias dos sentidos já constatados pela Análise Ideográfica. Realizamos assim, uma meta-compreensão do fenômeno por meio da Análise Nomotética. E estabelecemos um movimento sincrônico do aspecto individual para o geral ou coletivo, fazendo aparecer os sentidos da investigação, por meio das Categorias Abertas.

Convém destacarmos que as Categorias Abertas, se revelaram como possibilidades abertas e ancoradas não na “consciência e nas categorias humanas, mas sim na manifestação da coisa, com que nos deparamos, da realidade que vem ao nosso encontro” (ESPÓSITO, 1993, p. 98).

5.2.2.1 Identificação das Categorias Abertas

Ao cruzarmos as Unidades de Significado das Descrições analisadas, essas Unidades de Significados convergiram para as categorias abertas identificadas conforme o quadro a seguir:

Quadro 1: Convergência das Descrições e identificação das categorias abertas

CATEGORIAS ABERTAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO	DESCRIÇÕES
CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS	o acontecimento revelado pelo elemento visual, formado por polos antagônicos: uma viagem de ônibus, em que o veículo conduz dois personagens como passageiros	D1-1
	Se lembra de tudo	D1-3
	Tem péssima memória	D1-4
	Hoje é sexta-feira	D2-3
	elemento visual contendo polos antagônicos formados por personagens e um ônibus estilizado, com iluminação <i>hi-tec</i>	D3-1
	elemento visual, formado por polos antagônicos, representados pelos dois personagens do texto-fonte e pelo ambiente ao qual estão situados	D4-1
	O amor virou amizade	D4-3
	A amizade virou amor	D4-4
	elemento visual, representado pelos dois personagens do texto-fonte, com as mesmas vestimentas e expressões faciais	D5-1
	Palmeirense	D5-3
	Flamenguista	D5-4
	CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS	relação intertextual por copresença, revelada na retomada da materialidade visual, visto que identificamos o mesmo ônibus com os mesmos passageiros.
relação intertextual por derivação, constituída pelas Unidades de Significado: elemento visual (D1-1), relações intertextuais de copresença (D1-2), D1-3 e D1-4.		D1-5
relação intertextual por copresença, por meio da presença de parte dos elementos visuais do texto-fonte, especificamente, o passageiro feliz que viaja do lado iluminado do ônibus e pela Unidade de Significado “elemento visual” (D2-1).		D2-2
relação intertextual por derivação, composta pela extinção da antítese do texto-fonte: passageiro feliz x passageiro triste, lado iluminado do ônibus x lado sombrio do ônibus		D2-3
relação intertextual por copresença, formada pela presença de alguns elementos visuais do texto-fonte, em específico, os personagens, que são os mesmos		D3-2
relação intertextual por copresença, evidenciada a partir da presença dos personagens com a manutenção das características físicas e emocionais e da antítese concernentes ao texto-fonte.		D4-2
relação intertextual por derivação, constituída pela correlação entre as Unidades de Significado D4-1, D4-3, D4-4 e o contexto		D4-5
relação intertextual por copresença, composta pela retomada da materialidade visual que contribui para a manutenção dos polos antagônicos: feliz x macambúzio		D5-2
relação intertextual por derivação, estabelecida a partir da correlação entre as Unidades de Significado D5-1, D5-3, D5-4 e o contexto		D5-5

Fonte: Quadro construído pela autora

O movimento de convergência das Descrições, para identificação das Categorias Abertas, está descrito no quadro a seguir:

Quadro 2 – Quadro Ilustrativo de Convergência das Descrições

CATEGORIAS	DESCRIÇÕES					TOTAL
	D1	D2	D3	D4	D5	
CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS	03	01	01	03	03	11
CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS	02	02	01	02	02	09

Fonte: Quadro construído pela autora

5.2.2.2 Interpretação das Categorias Abertas

De acordo com o explicitado no item 5.2.2.1, no qual evidenciamos a convergência das Descrições analisadas, buscamos tornar visível o fenômeno por nós estudado: os memes como práticas de linguagem e de construção de sentido(s) na rede social *Instagram*, num esforço epistemológico, embasado na reflexão e na compreensão, sob a luz da fenomenologia hermenêutica.

Neste novo momento de nossa trajetória, procuramos atribuir sentidos às duas categorias abertas encontradas. Em vista disso, retomamos a nossa questão norteadora: De que modo os memes possibilitam a construção de sentido (s), na rede social *Instagram*, considerando a linguagem como prática discursiva?

Iniciamos assim, o processo de compreensão das categorias abertas provenientes das cinco Descrições aqui analisadas: **CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS** e **CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS**. Para isso, precisamos reconstruir parte por parte, a fim de termos a visão do todo, pois

[...] toda interpretação coloca o intérprete *in medias res* e nunca no início ou no fim. Nós surgimos, de certo modo, a meio de uma conversa que já começou e na qual tentamos orientar-nos, a fim de podermos também fornecer-lhe o nosso contributo (RICOEUR, 1991, p. 58).

Sob esse ponto de vista, adentramos o mundo do texto e voltamos o nosso olhar à compreensão das categorias abertas, buscando fazer uma reflexão mais aprofundada, atribuindo sentido a cada uma delas, sem perder de vista a inter-relação que as mantêm. Dessa forma, ao analisarmos essas categorias estabelecemos intersignificações, levando-nos a percorrer nosso trajeto metodológico, baseado na

fenomenologia hermenêutica de Ricoeur (1991, p. 65) que afirma ser “a escolha pelo sentido o pressuposto mais geral de toda a hermenêutica”, bem como a outros teóricos que nos auxiliaram no percurso de compreensão.

Iniciamos o nosso processo de clarificação/significação com a categoria aberta CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS. Essa categoria se revelou nas 5 (cinco) Descrições analisadas, conforme podemos comprovar com as Unidades de Significado a seguir:

o acontecimento revelado pelo elemento visual, formado por polos antagônicos: uma viagem de ônibus, em que o veículo conduz dois personagens como passageiros (D1-1)

Se lembra de tudo (D1-3)

Tem péssima memória (D1-4)

Hoje é sexta-feira (D2-4)

elemento visual contendo polos antagônicos formados por personagens e um ônibus estilizado, com iluminação *hi-tec* (D3-1)

elemento visual, formado por polos antagônicos, representados pelos dois personagens do texto-fonte e pelo ambiente ao qual estão situados (D4-1)

O amor virou amizade (D4-3)

A amizade virou amor (D4-4)

elemento visual, representado pelos dois personagens do texto-fonte, com as mesmas vestimentas e expressões faciais (D5-1)

Palmeirense (D5-3)

Flamenguista (D5-4)

A categoria CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS, presente nas Unidades de Significado acima citadas, se revela por meio de polos antagônicos (D1-1, D1-3, D1-4, D3-1, D4-1, D5-1, D5-3, D5-4), da metáfora (D2-4) e da gradação (D4-3 e D4-4), tendo na linguagem metafórica²⁹ [...] uma maneira relevante de se pensar e falar sobre o mundo” (CANÇADO, 2008, p. 98). Essa maneira é de uso corriqueiro e tão comum que, muitas vezes, a utilizamos e não a percebemos, pois encontra-se “diluída na vida cotidiana e pode ser detectada mais facilmente na linguagem, mas também está presente no nosso pensamento e nas nossas ações” (BENTO; SILVA, 2016, p. 121).

Ao atribuímos sentido à categoria CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS, nosso olhar se volta para as Unidades de Significado D1-1, D3-1, D4-1 e D5-1, cujo sentido é construído a partir do elemento visual, conforme Quadro a seguir:

²⁹ Entendemos a metáfora, nesse estudo, a partir da Teoria Cognitiva da Metáfora ou Teoria da Metáfora Conceptual, de George Lakoff e Mark Turner.

Quadro 3 – Quadro Ilustrativo das Construções Metafóricas reveladas pelo elemento visual



Fonte: Quadro elaborado pelo autor

A manifestação da categoria **CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS** pelo elemento visual comprova que os memes são textos os quais apresentam uma configuração multimodal, por serem compostos por várias semioses, uma vez que

[...] podem associar imagem e palavras, assim como combinações de imagens e outros modos semióticos, que por meio da ocorrência de similaridades na aparência das imagens, traçam um paralelo entre o domínio do signo representado, o seu significado e algo que lhe é diferente. Nas combinações dessas diversas semioses é, então que são construídos, metaforicamente, novos significados (ALVES, 2016, p. 125).

A manifestação da categoria **CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS** por polos antagônicos também se revela nas seguintes Unidades de Significado:

- Se lembra de tudo (D1-3)
- Tem péssima memória (D1-4)
- Palmeirense (D5-3)
- Flamenguista (D5-4)

Em “Se lembra de tudo” (D1-3) e “Tem péssima memória” (D1-4), associadas ao elemento visual (D1-1), podemos depreender as expressões metafóricas QUEM SE LEMBRA DE TUDO É TRISTE e QUEM TEM PÉSSIMA MEMÓRIA É FELIZ, como “manifestações das metáforas conceituais que lhe são subjacentes” (SANTANA, 2019, p.38).

Assim, ao correlacionarmos o elemento visual (D1-1) aos elementos verbais “Quem se lembra de tudo” (D1-3) e “Quem tem péssima memória” (D1-4), identificamos as metáforas conceituais FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, considerando tratar-se da metáfora como

[...] um mecanismo cognitivo em que um domínio experiencial é parcialmente projetado ou mapeado, em um domínio experiencial diverso, de modo que o segundo domínio seja parcialmente entendido em termos do primeiro (SIQUEIRA, 2003, p. 24).

Em “Palmeirense” (D5-3) e “Flamenguista” (D5-4), associadas ao elemento visual D5-1, também se revelam as metáforas conceituais FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, por meio das expressões metafóricas “PALMEIRENSE É FELIZ” e “FLAMENGUISTA É TRISTE”.

Assis (2012, p. 159) afirma que a expressão metafórica consiste em uma expressão linguística

[...] que veicula uma metáfora conceptual, isto é , trata-se de uma manifestação de um pensamento metafórico. Por outro lado, a metáfora não é vista como uma manifestação linguística, pois é antes um mecanismo que compreende imagens mentais que nos permitem estabelecer projeções, mapeamentos, entre domínios distintos (concretos e abstratos), que, então, manifestam-se no nível linguístico de diversas formas (ASSIS, 2012, p. 159).

Diante do exposto, podemos afirmar que a manifestação da categoria CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS por polos antagônicos, construídos a partir do elemento verbal e do elemento visual, atribui o caráter multimodal da metáfora, visto que seus “domínio-alvo e domínio-fonte são constituídos exclusivamente por diferentes modos semióticos” (LIMA; SILVA, 2014, p. 125). Também comprova a importância da metáfora para a produção de memes na rede social *Instagram*.

Continuando a interpretação dos dados da pesquisa, a categoria CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS também se revela por meio da linguagem metafórica e da gradação. Nas Descrições 2 e 4, esses fenômenos linguísticos encontram-se presentes nas seguintes Unidades de Significado:

Hoje é sexta-feira (D2-4)
 O amor virou amizade (D4-3)
 A amizade virou amor (D4-4)

Nessas Unidades de Significado, as relações metafóricas também se estabelecem em virtude de um recurso cognitivo que estrutura o discurso, na medida em que relaciona algo novo com o que já é familiar (LAKOFF; JOHNSON, 2012). Em “Hoje é sexta-feira” (D2-4), sendo essa associação criada a partir do nosso conhecimento e experiências, posto que “faz parte da linguagem cotidiana e que é componente essencial do modo como conceptualizamos as coisas” (ANDRADE, 2008, p. 18).

As metáforas são formadas a partir de um domínio-fonte e se direcionam ao domínio-alvo, como acontece em D2-4: a expressão metafórica “SEXTA-FEIRA É UM DIA FELIZ” é constituída a partir do domínio-fonte LUZ e do domínio-alvo FELICIDADE, ambos revelados no elemento visual D2-1, expresso no quadro a seguir:

Figura 17 – Figura Ilustrativa do elemento visual D2-1



Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Em o “Amor virou amizade ” (D4-3) e a “Amizade virou amor” (D4-4) a categoria Construções Metafóricas é evidenciada pelo processo metafórico da gradação, conforme já explicitado na análise ideográfica desta pesquisa. Em D4-3 e D4-4 podemos identificar as metáforas conceituais RUIM É ESCURO e BOM É CLARO, conforme o quadro a seguir:

Figura 18 – Figura Ilustrativa do elemento visual D4-1



Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Correlacionando essas Unidades de Significado com as metáforas conceituais, evidenciamos as expressões metafóricas SER SÓ AMIGO É RUIM e SER O AMOR É BOM. Essas expressões “transferem conceitualmente características, um significante ou um signo de seu domínio usual de aplicação para outro” (ALVES, 2016, p. 124). Podemos, portanto afirmar que o uso de uma expressão linguística

[...] com determinado significado em um enquadre contextual específico é transportado para outro campo social. Esse mecanismo faz emergir um ponto de vista original do termo, um novo sentido, uma nova forma de compreensão sobre aquela realidade. (BARCELLOS, 2012, p. 34).

A categoria CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS revela que o(s) sentido(s) dos memes na rede social *Instagram* são construídos a partir das metáforas conceituais. Essas construções metafóricas apresentam em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os elementos verbais e visuais na produção e na compreensão dos memes como prática de linguagem.

Em seguimento com nossa análise, clarificamos/significamos a categoria aberta CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS, que também se apresentou em todas as Descrições e estão reveladas nas Unidades de Significado a seguir:

Relação intertextual por copresença, revelada na retomada da materialidade visual, visto que identificamos o mesmo ônibus com os mesmos passageiros. (D1-2)

Relação intertextual por derivação, constituída pelas Unidades de Significado: elemento visual (D1-1), relações intertextuais de copresença (D1-2), e as Unidades de Significado D1-3 e D1-4. (D1-5)

Relação intertextual por copresença, constituída por meio da presença de parte dos elementos visuais do texto-fonte, especificamente, o passageiro feliz que viaja do lado iluminado do ônibus. (D2-2)

Relação intertextual por derivação, composta pela extinção da antítese do texto-fonte: passageiro feliz x passageiro triste, lado iluminado do ônibus x lado sombrio do ônibus (D2-3)

Relação intertextual por copresença, formada pela presença de alguns elementos visuais do texto-fonte, em específico, os personagens, que são os mesmos (D3-2)

Relação intertextual por copresença, evidenciada a partir da presença dos personagens com a manutenção das características físicas e emocionais e da antítese concernentes ao texto-fonte. (D4-2)

Relação intertextual por derivação, constituída pela correlação entre as Unidades de Significado D4-1, D4-3, D4-4 e o contexto (D4-5)

Relação intertextual por copresença, composta pela retomada da materialidade visual que contribui para a manutenção dos polos antagônicos: feliz x macambúzio (D5-2)

Relação intertextual por derivação, estabelecida a partir da correlação entre as Unidades de Significado D5-1, D5-3, D5-4 e o contexto (D5-5)

Quando falamos em intertextualidade basicamente falamos da relação entre um texto-fonte e um novo texto (intertexto). Porém, o conceito vai além desse ponto de vista e compreende intertextualidade como

[...] fenômeno textual-discursivo que abriga, de forma mais ou menos explícita, as relações entre textos, gêneros e estilos. [...] pode se estabelecer por remissões de diversos tipos tais como léxico, a estruturas fonológicas, a estruturas sintáticas, ao gênero, ao estilo, ao tom, dentre outras (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017, p. 11).

Esse fenômeno textual-discursivo pode se evidenciar, em um texto, de forma estrita ou ampla, ou até mesmo apresentando essas duas formas em um mesmo texto. Na atribuição de sentido à categoria aberta CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS, utilizamos a relação intertextual estrita, para construirmos os sentidos da referida categoria.






Ressaltamos que as relações intertextuais estritas “[são] dadas pela inserção efetiva de parte(s) de um texto em outro ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto” (CARVALHO, 2018, p. 81) e podem se apresentar da seguinte forma:

Primeiro: pela relação de inserção efetiva de partes de um texto em outro (copresença); segundo pela alteração em um texto específico, de forma que se modifique algum aspecto (forma, estilo ou conteúdo), sem que se percam elementos essenciais (semânticos) do texto-fonte (hipertextualidade por transformação ou derivação) (CARVALHO, 2018, p. 85).

Nos dados de nossa pesquisa, as relações intertextuais estritas foram estabelecidas tanto por copresença quanto por derivação. Iniciamos a atribuição de sentido à categoria aberta CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS, analisando as

Relações Intertextuais por Copresença presentes nas Unidades de Significado D1-2, D2-2, D3-2, D4-2 e D5-2:

Quadro 4 – Quadro Ilustrativo das Relações Intertextuais por Copresença

D1-2	D2-2	D3-2
 <p>Relação intertextual por copresença, revelada na retomada da materialidade visual: o mesmo ônibus com os mesmos passageiros.</p>	 <p>Relação intertextual por copresença, constituída por meio da presença de parte dos elementos visuais do texto-fonte, especificamente, o passageiro feliz que viaja do lado iluminado do ônibus.</p>	 <p>Relação intertextual por copresença, formada pela presença de alguns elementos visuais do texto-fonte, em específico, os personagens, que são os mesmos</p>
D4-2		D5-2
 <p>Relação intertextual por copresença, evidenciada a partir da presença dos personagens com a manutenção das características físicas e emocionais e da antítese concernentes ao texto-fonte.</p>		 <p>Relação intertextual por copresença, composta pela retomada da materialidade visual que contribui para a manutenção dos polos antagônicos: feliz x macambúzio</p>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

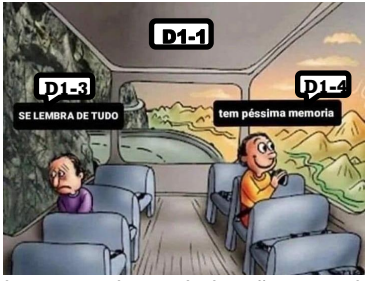


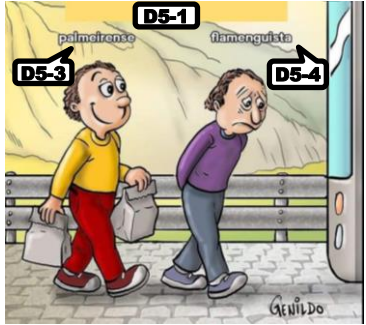
Ao analisarmos o diálogo entre os elementos verbais, os elementos visuais e o contexto, identificamos a relação intertextual por copresença revelada nas Unidades de Significado (D1-2), (D2-2), (D3-2), (D4-2) e (D5-2), uma vez que houve a “inserção efetiva de um texto em outro” (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017, p. 13). Em D1-2, houve a retomada do cenário completo do texto-fonte. Nas demais Descrições (D2-2, D3-2, D4-2 e D5-2), a retomada foi dos personagens do texto-fonte: ora apenas um deles (D2-2) e ora os dois (D3-2, D4-2 e D5-2).

Essas relações intertextuais são evidenciadas por meio da citação, uma forma de intertextualidade por copresença que faz a retomada ao texto-fonte de forma explícita e literal, pois, na citação, “o que de fato a define é o caráter literal da passagem incorporada” (CAVALCANTE; FARIA; CARVALHO, 2017, p. 13).

Embora reconheçamos que alguns gêneros discursivos apresentam formas padronizadas de citação, como é o caso dos gêneros jornalístico e acadêmico, nas Descrições analisadas, a citação ocorreu por meio do elemento visual do texto-fonte. Mesmo não havendo uma evidência tipográfica marcando a citação, ela não deixa de ser considerada como tal, pois o leitor/usuário das redes sociais da *web* terá “condições de recuperar o intertexto, em geral facilmente reconhecível por pertencer a conhecimentos culturalmente compartilhados” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 148).

Dando continuidade ao processo de interpretação dos dados da categoria aberta, CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS analisamos as Relações Intertextuais por Derivação presentes nas Unidades de Significado D1-5, D2-2, D4-2 e D1-5:

Quadro 5 – Quadro Ilustrativo das Relações Intertextuais por Derivação

D1-5	D2-3
 <p>Relação intertextual por derivação, constituída pelas Unidades de Significado: elemento visual (D1-1), relações intertextuais de copresença (D1-2), e as Unidades de Significado D1-3 e D1-4. (D1-5)</p>	 <p>Relação intertextual por derivação, composta pela extinção da antítese do texto-fonte: passageiro feliz x passageiro triste, lado iluminado do ônibus x lado sombrio do ônibus (D2-3)</p>
D4-5	D5-5
 <p>Relação intertextual por derivação, constituída pela correlação entre as Unidades de Significado D4-1, D4-3, D4-4 e o contexto (D4-5)</p>	 <p>Relação intertextual por derivação, estabelecida a partir da correlação entre as Unidades de Significado D5-1, D5-3, D5-4 e o contexto (D5-5)</p>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

A relação intertextual por derivação resulta da correlação entre o texto-fonte e os seguintes elementos: visual, relação intertextual por copresença, elementos

verbais e contexto. Essa relação é evidenciada como uma paródia, pois, é uma recriação de um texto-fonte com uma clara mudança de propósitos comunicativos” (CAVALCANTE, 2021, p. 158).

Convém ressaltar que a intertextualidade surge como um fenômeno linguístico típico de textos escritos, contudo esse fenômeno linguístico também, se manifesta em textos multimodais, como é o caso das Descrições analisadas nessa pesquisa. Na intertextualidade por meio da paródia “imagens diversas costumam alimentar o ato parodístico em grande escala” (CAVALCANTE, 2021, P. 157).

A categoria CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS evidencia a essencialidade das relações intertextuais na construção de sentido do texto multimodal. Portanto, tanto os elementos visuais quanto os elementos verbais são partícipes desse processo, uma vez que “a construção do sentido de um texto se dá na situação de comunicação na qual os interlocutores estão inseridos” (CAVALCANTE, 2021, p. 81). Na construção do sentido do texto, os usuários da língua levam em conta, os contextos sociocomunicativo, histórico e cultural.

Voltando o nosso olhar aos dados da pesquisa revelados por intermédio das Unidade de Significado identificamos o caso particular de um fenômeno: uma especificidade referente à atribuição de sentido, ocorrida apenas na Descrição 3. A esse fenômeno damos o nome de idiosincrasia. Esse ato singular é a presença do elemento cultural que se encontra nas seguintes Unidades de Significado:

Brega pop marcante (D3-3)

Tecno melody retrô dance (D3-4)

Baile da saudade (D3-5)

Seresta cabaré (D3-6)

Chifre da saudade (D3-7)

Arrocha (D3-8)

Sem vinhetas (D3-9)

elemento cultural é revelado a partir da correlação entre as Unidades de Significado D3-1, D3-3, D3-4, D3-5, D3-6, D3-7, D3-8, D3-9 e o contexto. (D3-10)

As Unidades de Significado D3-3, D3-4, D3-5, D3-6, D3-7, D3-8 e D3- 9 demonstram a cultura musical do Norte brasileiro, pois enumeram os estilos musicais comuns daquela região. Esse elemento cultural só se revela completamente

[...] aos olhos de outra cultura. um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma

espécie de diálogo que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas (BAKHTIN, 2017, p. 19).

Vemos, assim, que os sentidos são construídos no diálogo entre as culturas, que se somam e se enriquecem mutuamente, sem, contudo, essas culturas perderem sua própria identidade. Na figura a seguir, apresentamos o elemento cultural revelado na Unidade de Significado D3-10.

Figura 19 – Figura Ilustrativa do elemento cultural da D3



Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Essas Unidades de Significado, ou seja, D3-3, D3-4, D3-5, D3-6, D3-7, D3-8 e D3-9, contribuem na atribuição de sentido das expressões metafóricas QUEM ESTÁ SOZINHO SOFRE e QUEM ESTÁ ACOMPANHADO É FELIZ. Uma vez que podemos identificar que o personagem macambúzio, sentado na penumbra, é um homem da região Norte, que sofre ouvindo as sequências de músicas “Seresta cabaré” (D3-6) ou “Chifre da saudade” (D3-7). Enquanto o personagem feliz se diverte dançando as sequências de “Brega pop marcante” (D3-3), “Tecno melody retrô dance” ou “Arrocha”. Essas sequências musicais são “Sem vinhetas” (D3-9).

Embora essas Unidades de Significado tenham sido consideradas idiossincráticas não poderíamos deixar de analisá-las, pois além de fazerem parte do texto como elemento verbo-visual, são dados da pesquisa, de fundamental importância para a construção de sentido da Descrição 3.

6 CONCLUSÃO

Chegamos ao final de um percurso investigativo que percebeu, intuiu, organizou e compreendeu os dados da experiência, com o propósito de revelar a *Erlebnis* – o sentido da vida (RICOEUR, 1989), e em que também visitamos algumas teorias já disponíveis sobre o nosso fenômeno de investigação: OS MEMES COMO PRÁTICAS DE LINGUAGEM E DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO(S) NA REDE SOCIAL *INSTAGRAM*. Em vista disso, retomamos, novamente, à nossa questão norteadora, que nos guiou até aqui: De que modo os memes possibilitam a construção de sentido (s), na rede social *Instagram*, considerando a linguagem como prática discursiva?

Baseados no pressuposto de que “a interpretação é, portanto, talvez o acto essencial do pensamento humano, na verdade, o próprio facto de existir pode ser considerado um processo constante de interpretação” (RICOEUR, 1997, p. 20), buscamos responder a nossa questão norteadora e alcançar o nosso objetivo que foi de “descrever os memes como uma prática de linguagem da rede social *Instagram*, buscando analisá-los como um artefato multissemiótico e construtor de sentido(s)”. Dessa forma, por meio da interpretação sensível, cautelosa acerca do pensamento humano, estabelecemos como base a *Análise Fenomenológico-Hermenêutica* dos dados.

Associado a esse pensamento, a *Análise Fenomenológico-Hermenêutica* nos possibilitou um olhar atento e reflexivo, levando-nos em uma trajetória que nos possibilitou chegar a alguns pontos importantes da investigação por intermédio da explicitação das Unidades de Significado pela Análise Ideográfica e conseqüentemente a convergência das Descrições e identificação das Categorias Abertas pela Análise Nomotética em congruência com arcabouço teórico-metodológico construído.

As observações e a coleta de dados ocorreram com os memes postados em perfis públicos na rede social *Instagram*, que tratavam de assuntos do cotidiano, usavam em seu elemento verbal a Língua Portuguesa e eram formados pelo processo de remix.

Foi esse trajeto metodológico percorrido que nos possibilitou olhar para as 5 Descrições selecionadas do *corpus* construído, a partir de memes capturados da rede social *Instagram* e analisá-las com base no arcabouço teórico-metodológico que

fundamenta este trabalho, na busca de compreender de que modo os memes possibilitam a construção de sentido(s), na rede social *Instagram*, considerando a linguagem como prática discursiva. As Unidades de Significado identificadas nas 5 (cinco) Descrições analisadas originaram 2 (duas) categorias abertas: *CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS* e *CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS*, já interpretadas no Capítulo 5.

A primeira categoria aberta *CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS* evidencia que as metáforas conceituais fazem parte do processo de construção do meme, uma vez que as metáforas revelam uma forma tão comum de pensar a realidade, muitas vezes até imperceptível pelos usuários da língua/linguagem, nas situações interativas. Nas Descrições 1, 3, 4 e 5, as construções metafóricas reveladas por polos antagônicos explicitam diferentes modos semióticos na construção do domínio-fonte e do domínio-alvo uma vez que os memes são constituídos de uma estrutura multimodal e essa configuração contribui, a partir dos elementos verbal e visual, para o aparecimento das antíteses. Na Descrição 2, as construções metafóricas se revelam por meio de expressões metafóricas, explicitadas graças à convergência estabelecida entre os elementos verbal e visual presentes nesta descrição, como um texto multimodal.

Um fato a destacar se refere à construção metafórica da Descrição 4, a qual foi estruturada a partir do processo metafórico da gradação, visto que a combinação entre elementos verbal e visual, resulta em um jogo de palavras do mesmo campo semântico as quais se organizam em uma sequência gradativa de sentidos.

A segunda categoria aberta *CONSTRUÇÕES INTERTEXTUAIS* revela a presença das relações intertextuais nas 5 Descrições analisadas. Constatamos que as relações intertextuais por copresença ou por derivação fazem parte do processo de construção dos memes. Nessas Descrições, a relação intertextual por copresença se manifesta a partir do diálogo entre os elementos verbais, visuais e o contexto, revelado por meio da citação, visto que há a presença do elemento visual do texto-fonte no intertexto, ora presença total, ora presença de alguns elementos. A relação intertextual por derivação, nas Descrições 1, 2, 4 e 5, é revelada por meio da paródia, pois é uma recriação do texto-fonte com novos propósitos comunicativos. Nessas Descrições a relação intertextual por derivação é resultante da correspondência entre o texto-fonte e relação intertextual por copresença, elementos visuais e verbais e contexto

Além das categorias abertas, os resultados da nossa pesquisa destacam um elemento único, que se apresenta apenas na Descrição 3, considerado uma idiossincrasia e se revela por meio do elemento cultural expresso nessa Descrição, de forma direta, através dos elementos verbais e visuais, contribuindo para a construção de sentido do texto.

Respondendo a nossa questão norteadora, afirmamos que os sentidos dos memes são construídos a partir das metáforas conceptuais e das relações intertextuais, conforme revelam os resultados da pesquisa. Diante desses resultados, destacamos os seguintes pontos que consideramos importantes:

1) Os memes se confirmam como um conjunto de práticas discursivas ou práticas languageiras, visto que para considerarmos um meme como um gênero discursivo é necessário que apresente um padrão estrutural, o que não acontece com o meme. Reconhecemos, contudo, que esse conjunto de práticas discursivas caminha em direção a um consenso epistemológico de denominá-lo de gênero discursivo híbrido, por abarcar em sua forma composicional diversas semioses.

2) O meme rompe com padrões teóricos estabelecidos pela Linguística Textual, visto que os estudos do texto eram direcionados aos textos construídos por elementos linguísticos. Com o advento da internet, os textos ganham novas características e novos espaços de propagação, popularizando, assim, os textos multimodais, o que gerou a necessidade de novos letramentos, levando em conta os elementos visuais. Como exemplo, podemos mencionar a citação, uma das formas da relação intertextual por copresença. Nos casos de ocorrência de citação, em textos com predominância dos elementos linguísticos, há a presença de diversos sinais tipográficos, dentre eles, as aspas, para a demarcação do trecho citado. Em nossa pesquisa, a citação ocorreu por meio do elemento visual, confirmando que esse elemento visual é tão importante quanto o elemento verbal, na construção de sentido de textos multimodais, como é o caso dos memes.

3) O elemento cultural, expresso diretamente no texto ou não, é importante no processo de construção de sentido dos memes. Entender, por exemplo, que a sexta-feira é um dia feliz, digno de comemoração, assim como que um indivíduo sofre ouvindo a sequência musical “Seresta cabaré” ou aproveita a vida, feliz, dançando a sequência musical “Brega pop marcante”, só é possível porque o elemento cultural se revela nos sistemas ou códigos de significação do usuário da língua e autor do meme. Como uma prática de linguagem desenvolvida por sujeitos inseridos na sociedade

contemporânea, cujos membros interagem por meio dessas práticas do ambiente digital, o elemento cultural se torna inerente a construção do meme.

4) As relações intertextuais por copresença e por derivação, evidenciadas em nossa pesquisa, não se excluem, mas se manifestam de forma imbricada no processo de construção de sentidos do texto. No caso desta pesquisa, no meme como um texto multimodal. A relação intertextual por copresença é fruto do diálogo estabelecido entre o texto-fonte, elementos visuais e verbais e contexto. Já a relação intertextual por derivação a qual é fruto da correspondência entre o texto-fonte e relação intertextual por copresença, elementos visuais e verbais e contexto.

Destacados os pontos que consideramos importantes sobre o desvelamento de nosso fenômeno de investigação, apontamos ainda as seguintes contribuições deste trabalho: discussão e reflexão de questões pertinentes aos textos multimodais e à construção de sentido (s) no âmbito da Linguística Textual, da Linguística da Internet e da Fenomenologia Hermenêutica.

Ao discutirmos e refletirmos sobre as questões pertinentes aos textos multimodais e à construção de sentido(s) adentramos em um campo fértil e inovador para os estudos linguísticos, uma vez que o avanço tecnológico ampliou as perspectivas sobre os textos, atribuindo-lhes novos aspectos, assim como favoreceu novas formas e locais de interação, como por exemplo as redes sociais da *web*. Isso porque, apesar dos muitos estudos em torno dos textos multimodais e da construção de sentido(s) do texto, ainda há um universo para ser desvendado, se nos dispusermos a ultrapassar a sua superficialidade e enveredarmos na profundidade de suas tramas e tessituras.

A contribuição dessa pesquisa reside, ainda, na possibilidade de somar-se às investigações de novas perspectivas acerca dos textos multimodais e a construção de sentido(s) do texto, uma vez que, até o momento, pela ótica desta dissertação, poucos trabalhos têm analisado os memes como práticas de linguagem e de construção de sentido(s) na rede social *Instagram* à luz do diálogo entre a Linguística Textual e a Fenomenologia Hermenêutica, em *corpus* constituído por textos produzidos em ambiente digital. Esse fato contribui para um olhar *além das aparências*, aproximando desse modo elementos visuais e verbais, em vista de uma compreensão e interpretação dos sentidos mais profundos do texto.

Diante dessas possibilidades, corroboramos para as discussões atuais e futuras sobre os textos multimodais, uma vez que a visão de texto formado apenas

pelo elemento verbal, com elementos visuais usados como ilustrações, não vem sendo suficiente para compreendermos o uso da língua/ linguagem em situações reais de comunicação. A língua/linguagem adquiriu novas características com o advento da internet e devem ser compreendidas, em sua magnitude, através de outras pesquisas sobre o objeto de estudo aqui analisado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Regysane Botelho Cutrim. Metáforas visuais na análise de discurso crítica. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 17, n. 2, 2016, p. 122-137. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/4020>. Acesso em 23 ago. 2023.

ANDRADE, Viviane Lucy Vilar de. **Sobre a identidade da metáfora literária: uma análise do romance da pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. Dissertação (mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Rio de Janeiro, p. 13-28, 2008.

ARAGÃO, F. B. P.; FARIAS, F. G.; MOTA, M. O.; FREITAS, A. A. F. Curtiu, comentou, comprou. A mídia social digital *Instagram* e o consumo. **Revista Ciências Administrativas**, v. 22, n. 1, p. 130-161, 2016. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/40212/curtiu--comentou--comprou--a-midia-social-digital-instagram-e-o-consumo/i/pt-br>>. Acesso em 06 jul. 2021.

ASSIS, André Willian Alves de. Metáforas de pensamento e da comunicação. CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO, IV, 2011, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2012.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2001.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARCELLOS, Mariana Reis. **Metáforas do casamento: uma perspectiva cognitiva sobre o discurso de homens e mulheres**. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2012. p. 30-42.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BLACKMORE, S. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BENTO, Joanny Daniele; SILVA, Francisca Cordélia. Metáforas visuais em textos multimodais: análise de textos de provas do Enem. *Revista Letra Capital*, v. 1, n. 1, jan./jun., 2016, p. 116-140. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/lcapital/article/view/8983>. Acesso em 23 ago. 2023.

BUZATO, Marcelo El Khouri *et al.* Remix, mashup, paródia e companhia: por uma taxonomia multidimensional da transtextualidade na cultura digital. **RBLA - Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, p. 1191-1221, out./dez., 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339829654011>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. **Memes na internet**: entrelaçamentos entre educomunicação, cibercultura e a 'zoeira' de estudantes nas redes sociais. 2017. 151f. Dissertação de Mestrado. Área Interfaces Sociais na Comunicação. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CANI, Josiane Brunetti, multimodalidade e efeitos de sentido no gênero meme. **Revista Periferia**, v. 11, n. 2, p. 242-267, maio/ago., 2019. Disponível em: <https://sumarios.org/artigo/multimodalidade-e-efeitos-de-sentido-no-genero-meme>. Acesso em 25 abr. 2022.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-graduação em Linguística. Fortaleza, CE, 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1. ed. 5. reim. São Paulo: Contexto, 2021.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. (org). **Linguística Textual**: conceito e aplicações. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CAVALACNTE, M. M.; FARIA, M. G. S.; CARVALHO, A. P. L. Sobre intertextualidades estritas e amplas. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 7-22, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras>> Acesso em 01 fev. 2022.

CAVALACNTE, Mônica Magalhães.; OLIVEIRA, Rafael Lima de. O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 15, n. 1, p. 8-23, jan./abr., 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v15i1.8931>> Acesso em 01 fev. 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 95, p. 1-22, 2021. Disponível em: <<https://bibanpoc.emnuvenscom.br/revista/article/view/119>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013. Disponível em: < sistemas.uft.edu.br >. Acesso em: 14 set. 2020.

DAWKINS, R. **The selfish gene**. Oxford e Nova York: OUP, 1976.

DENNETT, D. C. **Consciousness explained**. Bostom: Little, Brown and Company, 1991.

DUBOIS, Jean, *et al.* **Dicionário de linguística**. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. **A escola**: um enfoque fenomenológico. São Paulo: Escuta, 1993.

FERRAREZI, C. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRAREZI JR. C; BASSO, R. **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.

FERREIRA, Dina Maria Martins; VASCONCELOS, Marcos Antônio. Discurso de memes: (Des) memetizando ideologia antifeminista. **Bakhtiniana**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 44-61, abr./jun., 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/GrjryLpSVVt65Xj8m89H6sL/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 21 ago 2021.

FRAZÃO, Elisiane Araújo dos Santos. **O português escrito no facebook**: uma descrição dos marcadores conversacionais. Dissertação (mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras/cch. Universidade Federal do Maranhão – UFMA. São Luís, MA, 2018.

FRIEDMAN, S. S. 'Border Talk', hybridity, and performativity: Cultural Theory and Identity in the Spaces between Difference. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 61, p. 1-17, 2002. Disponível em: <<http://eurozine.com/pdf/2002-06-07-friedman-en.pdf>>.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, Chistiane; GIACOMINI BOTTA, Mariana. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital. **Domínios da lingu@gem**, v.12, n. 3, p. 1859-1877, jul./set., 2018. Disponível em: <<https://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/40639/24002>>. Acesso em 21 ago. 2021.

GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Machado. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Revista Texto Digital**, Florianópolis, Santa Catarina, v.12, n. 2, p. 185-208, jul./dez., 2016. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185>>. Acesso em 10 fev. 2021.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**. V.22(2), jul/dez.1997, p.15-46.

HUSSERL, Edmundo. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras. 2006.

Instagram faz 10 anos como uma das maiores redes sociais do mundo e de olho no TikTok, para não envelhecer. **G1-Economia-Tecnologia**. São Paulo, 06 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/10/06/Instagram-faz-10-anos-como-uma-das-maiores-redes-sociais-do-mundo-e-de-olho-no-tiktok-para-nao-envelhecer.ghtml>>. Acesso em 06 jul. 2021.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística textual: retrospecto e perspectivas. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 41,p. 67-78, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4012>. Acesso em: 3 nov. 2022.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Ana Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva. **Revista Investigações**, v. 18, n. 2, p. 1-26, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1478>. Acesso em 26 jul. 2023.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semântica**. Tradução: Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark.. **Metáforas de la vida cotidiana**. Tradução de Carmen González Marín. 9ª ed. Madrid: Cátedra, D.L., 2012.

LARA, Marina Totina de Almeida; MENDONÇA, Marina Célia. O meme em material didático: considerações sobre ensino/aprendizagem de gêneros do discurso. In: **Bakhtiniana**. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 185-209, abr./jun., 2020. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/2176-457342169>>. Acesso em 21 ago. 2021.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 510.

LEMOS, André. Cibercultura, cultura e identidade: em direção a uma “cultura copyleft”? **Contemporânea: revista de comunicação e cultura**, Salvador, n. 2, v. 2, p. 9-22, dez. 2004. Disponível em: <<https://www.portalsee.ufba.br/index.php/contemporneaposcom/article/view/316/2486>>. Acesso em 21 ago. 2021.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. **Os meme e a mimética: o uso dos modelos biológicos na cultura**. São Paulo: FiloCzar, 2017.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; SILVA, Marcos Helan Alves da. Metáforas multimodais na construção de sentidos do gênero charge: um exercício de análise. **Revista de Letras**, v. 1, n. 33, jan./jun., 2014, p. 123-134. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/1498>. Acesso em 23 ago. 2023.

LIMA-NETO, Vicente de. **Um estudo da emergência de gêneros no Facebook**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.

LIMA-NETO, Vicente de. Meme é um gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. **Trab. Ling. Aplic.** Campinas, v. 3, n. 59, p. 2246-2277, set./dez. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/01031813834991620201116>> Acesso em 01 fev. 2022.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como *poiesis***. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

MATTOZO, Vânia; SPECIALSKI, Elizabeth. O Ciberespaço e as Redes de Computadores na Construção de Novo Conhecimento. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 107-116, dez. 2012. ISSN 2317-6121. Disponível em: <<http://ojs.sector3.com.br/index.php/rbie/article/view/2273>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

MEDEIROS, Zulmira. Gêneros, multimodalidade e letramentos. **Revista RBLA**, Belo Horizonte/MG, n. 3, v. 14, p. 581-612, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/RqPhbMQyGxKqKKzHr3QNQqL/?lang=pt>>. Acesso em: 12 jun. 2021

MEYER, Antonia Izabel da Silva. **Hipertextos e Gêneros Digitais: Conceitos e características**. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. ano 05, ed. 10, vol. 15, p. 87-108. Outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/generos-digitais>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

NAVAS, Eduardo. Regressive and Reflexive Mashups in Sampling Culture. In: SONVILLA-WEISS, S. (Ed.). **Mashup Cultures**. Wien; New York: Springer, 2010. p. 157-177.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PIZA, M. V. **O fenômeno Instagram: considerações sob perspectiva tecnológica**. 2012. 48f. Monografia (Graduação) – Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2012. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/3243>>. Acesso em 12 jun. 2021.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

RECUERO, Raquel. Memes em *weblogs*: proposta de uma taxionomia. **Revista da Famecos**. Porto Alegre: PUCRS, 2007, v. 14, n. 32, p. 23-31. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3411/2675>> Acesso em 28 ago. 2021.

RIBEIRO, Alexandre Alvarenga. O conceito sistêmico de viralização em redes sociais na internet. In: **Nexi**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, São Paulo, PUC-SP, n. 4, jun. 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2021.

RICOEUR, Paul. **O discurso da ação**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.

RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés-Editora, 1991a.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1991b.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

RONCARATI, Cláudia. **As cadeias do texto**: construindo sentidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. **Estudo socio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX**. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019. p. 33-65.

SANTOS, Wilker Quadros. A sintaxe verbo-visual do Meme de internet no português do Brasil. In: LIMA-LOPES, R. E.; BUZATO, M. E. K (Orgs). **Gênero Reloading**. Campinas: Pontes editora, 2018.

SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. Massachusetts: MIT Press, 2014.

SILVA, Silvio P. da; SOUZA, Francisco Ernandes B. de; CIPRIANO, Luis Carlos. Textos multimodais: um novo formato de leitura. **Linguagem em (Re)vista**, Niterói/SP, n. 19, v. 10, p. 133-159, 2015. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/linguagememrevista>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SIQUEIRA, Maity. **As Metáforas primárias na aquisição da linguagem**: um estudo interlinguístico. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003, p. 16-60.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução a fenomenologia**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SOUSA, Laís Coelho de; RODRIGUES, Adriana Alves. A representação cultural do Nordeste nas redes sociais: uma análise da fanpage “Bode Gaiato”. **Temática**. Ano X, n. 07 – Julho/2014 - NAMID/UFPB. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em 22 jan. 2023.

VIEIRA, Tiago Soares. **Texto em foco: conceitos à luz da linguística textual e de alunos do ensino médio**. 2019. 32f. Monografia (Graduação) - Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, Catolé do Rocha/PB, 2019. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/21650>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

XAVIER, Antônio Carlos. **Retórica Digital**: a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador. Recife: Pipa Comunicação, 2013.